UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer

Rosana Daniele Xavier

CULTURA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: espetáculos artísticos itinerantes no oeste de Minas Gerais (1888-1920)

Belo Horizonte
2024

Rosana Daniele Xavier

CULTURA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: espetáculos artísticos itinerantes no oeste de Minas Gerais (1888-1920)

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial obtenção do título de Doutora.

Linha de Pesquisa: História, Memória e Lazer.

Orientação: Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias.

Belo Horizonte
2024

X003c Xavier, Rosana Daniele
2024 Cultura e desenvolvimento econômico: espetáculos artísticos itinerantes no Oeste de Minas Gerais (1888-1920). [manuscrito] / Rosana Daniele Xavier – 2024.
127 f.: il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 110-126

1. Cultura – Minas Gerais - Teses. 2. História _ Minas Gerais – Teses. 3. Lazer – Minas Gerais – Teses. 4. Espetáculo público - Teses. I. Dias, Cleber Augusto Gonçalves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 008:316.42

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Antônio Afonso P. Júnior, CRB 6: 2637, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA

ATA DA 105ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO
ROSANA DANIELE XAVIER

Às **14:00** horas do dia 22 de novembro de 2024, na sala 3100, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "CULTURA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: ESPETÁCULOS ARTÍSTICOS ITINERANTES NO OESTE DE MINAS GERAIS (1888-1920)", requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	**Aprovada**	**Reprovada**
Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias (Orientador)	X	
Prof. Dr. Daniel Venâncio de Oliveira Amaral (SMEO)	X	
Prof. Dr. Georgino Jorge de Souza Neto (UNIMONTES)	X	
Prof. Dr. Jose Alfredo Oliveira Debortoli (UFMG)	X	
Prof. Dr. Vitor Lucas de Faria Pessoa (UFMG)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada:

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 22de novembro de 2024.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias(orientador)

Prof. Dr. Daniel Venâncio de Oliveira Amaral (SMEO)

Prof. Dr. Georgino Jorge de Souza Neto (UNIMONTES)

Prof. Dr. Jose Alfredo Oliveira Debortoli (UFMG)

Prof. Dr. Vitor Lucas de Faria Pessoa (UFMG)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao professor e orientador Cleber Dias, cujo olhar crítico e a oportunidade proporcionada possibilitaram o aprofundamento das questões exploradas nesta tese. Agradeço pela confiança depositada e pela liberdade concedida ao longo da pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, em especial à professora Maria Cristina, pela leitura atenta de parte desta pesquisa. Aos membros da banca examinadora, professores José Alfredo, Georgino Jorge, Vitor Pessoa e Daniel Venâncio, agradeço pelos valiosos comentários e sugestões durante a defesa.

Ao Grupo de Pesquisa em História do Lazer (Hisla), cuja contribuição foi essencial na construção de discussões sobre o lazer, os esportes e o comércio cultural em diversas regiões do interior do Brasil.

Ao Danilo da Silva Ramos, secretário da Pós-Graduação, pelo auxílio incansável, presteza e dedicação.

À minha família, especialmente à minha mãe, Maria Antônia, e ao meu marido, Cayque Martins, por estarem ao meu lado em todo este processo. Aos meus sobrinhos, que trouxeram alegria em muitos momentos.

À Senhorinha Ribeiro, pela escuta atenta e pelo apoio fundamental ao longo desta jornada.

Agradeço à CAPES pelos anos de auxílio e suporte, sem os quais esta pesquisa não teria alcançado seus objetivos.

RESUMO

A pesquisa examina a influência das companhias artísticas itinerantes no Oeste de Minas Gerais entre 1888 e 1920, período marcado pela expansão das ferrovias e modernização econômica. Utilizando jornais locais como a *Gazeta de Minas*, dados econômicos e documentos históricos, o estudo analisa como espetáculos de circo, teatro, ilusionismo, touradas e música se inseriram em momentos de crise econômica, crescimento populacional e prosperidade. Destaca-se a relevância das ferrovias na viabilização das turnês artísticas e como as companhias adaptaram-se às novas tecnologias, como o cinema e o fonógrafo, enfrentando a concorrência de espaços de entretenimento fixos. Ao contribuir para a compreensão do desenvolvimento cultural e econômico da região, a pesquisa enfatiza a relevância histórica dessas companhias na formação de um mercado de diversões dinâmico e resiliente às transformações sociais.

Palavras-chave: história; cultura; lazer; Minas Gerais; espetáculos itinerantes.

ABSTRACT

The research examines the influence of itinerant artistic companies in western Minas Gerais between 1888 and 1920, a perdido marked by the expansion of railways and economic modernization. Using local newspapers such as *Gazeta de Minas*, economic data, and historical documents, the study analyzes how circus performances, theater, magic acts, bullfighting, and music became integrated during periods of economic crisis, population growth, and prosperity. It highlights the significance of railways in enabling artistic tours and shows how these companies adapted to new technologies, such as cinema and the phonograph, while competing with fixed entertainment venues. By contributing to the understanding of the region's cultural and economic development, the research underscores the historical importance of these companies in shaping a dynamic entertainment market resilient to social transformations.

Keywords: history; culture; leisure; Minas Gerais; itinerant performances.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Estrada de Ferro Oeste de Minas (1903).....28
Figura 2 - Horários dos trens da Estrada de Ferro Oeste de Minas em 1888.....29
Figura 3 - Cartaz de apresentação do Circo Equestre.....34
Figura 4 - Cartaz de apresentação da Companhia Dramática S. Brandão.....39
Figura 5 - Cartaz de apresentação do Teatro Automático.....44
Figura 6 - Cartaz de apresentação da Companhia Tauromáquica Espanhola.....47
Figura 7 - Cartaz de apresentação do mágico Faure Nicolay.....51
Figura 8 - Cartaz de apresentação de Giulietta Dionesi.....54
Figura 9 - Visitas anuais de diferentes modalidades artísticas em Oliveira (1887-1900) 57
Figura 10 - Cafezal do fazendeiro Olintho Diniz, distrito de Carmo da Mata (sem data) 67
Figura 11 - Cinama Art et Labor, distrito de Claudio, sem data.....78
Figura 12 - Número de companhias por ano (1888-1920).....90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de visitas de diferentes (1887-1900).....55
Tabela 2 - Crescimento Populacional do Município de Oliveira (1890-1920).....74

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....10

2. CAPÍTULO 1: ITINERANTES E ITINERÁRIOS: ESPETÁCULOS ARTÍSTICOS COMERCIALIZADOS NO OESTE DE MINAS GERAIS NO FINAL DO SÉCULO XIX
.....21

2.1 Ferrovias e artistas itinerantes.....21

2.2 Recorrência de visitas e estilos artísticos.....31

3. CAPITULO 2: DESENVOLVIMENTO RURAL E ESPETÁCULOS ARTÍSTICOS ITINERANTES NO OESTE DE MINAS GERAIS, C. 1900-1920.....59

3.1 Agropecuária, expansão econômica e mercado das diversões.....59

3.2 Expansões das turnês artísticas na região do Oeste de Minas Gerais.....79

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....106

REFERÊNCIAS.....110

1 INTRODUÇÃO

Na virada para o século XX, o Brasil vivenciou profundas transformações econômicas e culturais, impulsionadas pela expansão das ferrovias e pela modernização das cidades (Moraes, 2001). Na região do Oeste Mineiro, a inauguração dos ramais da Estrada de Ferro Oeste de Minas estimulou, a partir do último quartel do século XIX, processos de desenvolvimento econômico, especialmente do setor agropecuário, além de facilitar a circulação de pessoas, bens e ideias (Lima, 2009; Maia, 2009).

Neste cenário, o comércio de espetáculos artísticos itinerantes, a exemplo de circo, teatro, ilusionismo, tourada, música, transformismo e exibição cinematográfica, desempenhou um relevante papel na transformação do cotidiano das pequenas cidades, distritos e povoações. Esses espetáculos introduziram novas formas de diversão, conectando essas localidades com apresentações de outras partes do país e, ocasionalmente, do cenário internacional. Facilitadas pelo acesso às estradas de ferro, que possibilitavam viagens mais rápidas, seguras, baratas e previsíveis, essas companhias disseminaram elementos da modernidade em regiões anteriormente restritas a formas de entretenimento locais e tradicionais (Amaral, 2022).

A última década do século XIX, que acompanhou o fim da escravidão em 1888, período marcado pela transição para o trabalho livre e pela reorganização produtiva, caracterizou-se por uma crise dos setores agropecuários, implicando desafios e oportunidades para o comércio das diversões itinerantes. Nesse período, os espetáculos promovidos pelas companhias, embora esporádicos, enfrentavam pouca concorrência local, em razão das dificuldades para a estruturação de um comércio lúdico inovador local. A partir de 1900, com maior intensidade a partir de 1910, a modernização econômica — marcada pela recuperação da agropecuária e pelo aumento das exportações — resultou em uma maior circulação de capital, o que favoreceu o surgimento de novos espaços públicos dedicados ao lazer, como praças, teatros, cafés, boliches e cinemas fixos.

Apesar do estabelecimento desses espaços de lazer fixos, as companhias itinerantes ampliaram sua presença e influência na região do Oeste mineiro, incorporando novidades e coexistindo com os novos ambientes de entretenimento. As transformações econômicas e sociais, aliadas ao crescimento demográfico impulsionado pela prosperidade econômica, criaram um cenário propício para o

comércio de espetáculos ambulantes, mesmo tendo agora que competir neste novo cenário, com um mercado de diversões vibrante e diversificado.

Essas companhias também desempenharam um papel pioneiro na oferta de determinados tipos de espetáculo, como as exibições cinematográficas itinerantes. No entanto, tais exibições são frequentemente negligenciadas nas discussões sobre a história do cinema, sendo relegadas a segundo plano por uma historiografia que privilegia as exibições fixas nas metrópoles (Araújo, 1976; Galvão, 1975; Barros, 1996; Souza, 2000). Autores como Trusz (2010) e Gomes (2020) destacam a ausência de abordagens detalhadas sobre a atuação dos artistas itinerantes e suas exibições em pequenos centros urbanos, frequentemente eclipsadas pela ênfase nas grandes cidades. De maneira semelhante, o circo, desde o início do século XX até os dias atuais, é muitas vezes retratado como uma forma de entretenimento em declínio. Essa narrativa persiste mesmo diante de evidências da continuidade e relevância desses espetáculos ao longo do tempo.

A análise da produção artística ao longo da história revela que os estudiosos frequentemente dedicam maior atenção aos aspectos estéticos, como as características das obras, influências de pensadores proeminentes, ou ainda perspectivas de artistas reconhecidos, em detrimento de outros participantes igualmente importantes no processo artístico. Conforme destacado pelo sociólogo Howard Becker (Becker, 1977, p. 9-22), embora a produção de arte envolva uma diversidade de indivíduos e grupos sociais, as pesquisas tendem a concentrar-se nos artistas consagrados, negligenciando aqueles que trabalhavam com as artes de forma itinerante ou mesmo os próprios espectadores, cujas vidas frequentemente deixam menos registros históricos. No âmbito econômico, há uma tendência a enfatizar a oferta, isto é, o processo de criação artística, ignorando a demanda representada pelo público consumidor. Essa negligência dos aspectos econômicos reflete uma desconfiança em relação ao comércio dentro do meio artístico, preconceito comum em muitos contextos, mas particularmente forte nas artes, onde se acredita que a arte não deve se misturar com o dinheiro (Xavier; Amaral; Dias, 2019).

Apesar das preocupações morais e teóricas sobre a comercialização da arte, é importante lembrar que a arte também é um negócio. Desde os tempos pré-industriais, existiram mercados para livros, música, pintura e teatro. As condições sociais e econômicas de uma época influenciam tanto a produção quanto o consumo de arte, determinando o que é possível criar e como essas criações são recebidas.

O circo, em particular, serve como exemplo ilustrativo dessa interseção entre arte e comércio. Diferentes formas de apresentação foram desenvolvidas pelo circo desde sua origem até os dias atuais. A organização de um espetáculo que passou a ser denominado circo, no final do século XVIII, teve origem em artistas que realizavam diversas expressões artísticas do período. O aspecto comercial sempre esteve presente: o circo nasceu como empresa. Inicialmente, os artistas trabalhavam passando o chapéu; posteriormente, vários grupos organizaram apresentações fechadas e começaram a cobrar ingressos, demonstrando a profissionalização e comercialização da atividade artística (Silvia, 2009).

Segundo o historiador Peter Burke (1989), embora seja desafiador determinar com precisão o quanto o entretenimento popular urbano mudou entre 1500 e 1800, é perceptível que surgiram novas formas de organização mais estruturadas, que passaram a utilizar anúncios com maior frequência para divulgar ao público as apresentações. De acordo com o autor, o exemplo mais marcante foi o do circo, especialmente no caso de Philip Astley, que reuniu artistas já conhecidos das feiras, introduzindo uma "escala de organização", com o uso de um espaço fechado em vez de ruas ou praças e o papel central do empresário. Astley teria desenvolvido uma "nova forma" de organização empresarial (Burke, 1989, p. 270-271).

Entretanto, ao descrever algumas manifestações culturais, alguns autores brasileiros sugerem a ideia de "limitação" devido ao caráter itinerante das companhias. José Magnani, no livro *Festa no Pedaço – Cultura popular e lazer na cidade*, por exemplo, mesmo reconhecendo o circo como uma "empresa", sugere uma noção de limitação. De acordo com o autor:

> É, no entanto, uma empresa pobre: seus consumidores são pessoas de baixo poder aquisitivo, os recursos são limitados, e sua capacidade de acumulação é nula. [...] Obrigados a tocar sete instrumentos, os recursos técnicos e meios expressivos de que dispõem são limitados, o que restringe as possibilidades de uma elaboração mais apurada (Magnani, 2003, p. 49).

Embora os circenses desempenhassem várias funções, isso não significa uma limitação. Ao "tocar sete instrumentos", os artistas qualificavam-se e incorporavam a essência do circo, onde a versatilidade era fundamental para a sobrevivência e o sucesso da companhia. Regina Horta Duarte (1995) argumenta que a memória dos artistas nômades, como os circenses, deve ser vista de forma específica, pois sua identidade é moldada pelas diferentes localidades que visitam, pelos personagens que interpretam e pelas emoções que transmitem ao público. Segundo ela, os nômades

têm uma identidade fragmentada devido ao estilo de vida itinerante, e seu repertório de apresentações seria limitado por essa constante movimentação, o que permite a repetição dos números para diferentes públicos ao longo do tempo. Nas palavras da autora:

> Por outro lado, os grupos de artistas nômades têm um repertório limitado, já que a própria infixidez os dispensa da necessidade de oferecer, a cada dia, um número diferente ao seu público. Ao longo de anos e anos, os artistas se repetem para um público variado (Duarte, 1995, p. 114-115).

No entanto, discordamos dessa visão. A afirmação de que eram limitados por sua "infixidez", ou seja, falta de um local fixo, ignora a profundidade das tradições e do conhecimento transmitido e adquirido dentro do circo, em constante diálogo com as preferências do público. Muitas famílias e grupos circenses tornaram-se conhecidos por números específicos, como acrobacias e ginástica, mas essa repetição não significava falta de criatividade, mas sim o desenvolvimento de habilidades e uma forma de aprendizado permanente. Os circenses não apenas atuavam no palco, mas também participavam de tarefas fundamentais para a manutenção do circo, como mecânica, transporte e montagem de tendas.

Na mesma esteira, também discordamos da autora quando ela faz a seguinte afirmação: "nos anos que antecedem imediatamente a passagem do século, duas novidades a que o público mineiro passaria a ter acesso – o fonógrafo e o cinema – contribuíram para diminuir o prestígio de espetáculos públicos tais como o circo e o teatro" (Duarte, 1995, p. 273). No Oeste de Minas Gerais, a prosperidade econômica possibilitou a coexistência de formas de lazer fixas e itinerantes, que se complementavam, desafiando as narrativas que apontam para um declínio inevitável dos artistas e grupos ambulantes.

Este trabalho busca, portanto, analisar a influência das companhias artísticas itinerantes no Oeste de Minas Gerais entre o final do século XIX e o início do século XX, desafiando as perspectivas historiográficas que subestimam seu papel, apontando para um declínio progressivo a partir da virada para o século passado. Diante dessa lacuna historiográfica, a investigação justifica-se pela necessidade de proporcionar uma compreensão mais equilibrada da história do lazer no Brasil, destacando o dinamismo e a inovação presentes nas pequenas localidades do interior.

Nos últimos anos, um movimento historiográfico no campo do lazer tem ampliado os estudos para incluir as regiões periféricas e interioranas. Cidades de

Minas Gerais, como Barbacena, Campanha, Carmo da Mata, Diamantina, Divinópolis e Oliveira passaram a ser valorizadas nas pesquisas, revelando que, desde o final do século XIX, essas localidades também vivenciaram processos de modernização e valorização das práticas culturais e de lazer (Silva, 2018; Nogueira Júnior, 2017; Anísio, 2024; Oliveira, 2016; Amaral, Dias, 2017; Amaral, Dias, 2019). Esse movimento é crucial para entender permanências e iniciativas modernizadoras que se desenvolveram em localidades demográfica e economicamente periféricas, trazendo à tona as singularidades desses espaços na formação da cultura regional.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o impacto das companhias artísticas itinerantes na formação do mercado de diversões na região Oeste de Minas Gerais, entre o final do século XIX e o início do século XX. O principal argumento é que, entre 1910 e 1920, na esteira de uma espécie de surto agropecuário, houve um aumento significativo na oferta de espetáculos públicos na região, refletindo tanto a adaptação dessas companhias ao cenário econômico quanto a prosperidade regional que possibilitou a coexistência entre novas formas de entretenimento fixo e os espetáculos itinerantes. Assim, este trabalho pretende contribuir para a compreensão das dinâmicas culturais e econômicas da região, evidenciando o papel fundamental das companhias artísticas itinerantes na consolidação de um mercado de diversões diversificado e resistente às transformações sociais.

Para alcançar esse propósito, alguns objetivos específicos serão explorados. Primeiramente, será investigado o papel das ferrovias no surgimento e na circulação das companhias itinerantes na região, entendendo como essa infraestrutura facilitou o deslocamento desses grupos artísticos. Em seguida, buscar-se-á identificar as principais modalidades de espetáculos oferecidos pelas companhias itinerantes e examinar como essas atrações dialogavam com as preferências culturais locais. Outro ponto importante será compreender a adaptação dessas companhias às novas tecnologias de entretenimento, como o cinema e o fonógrafo, bem como as tensões geradas pela concorrência com os estabelecimentos fixos. Por fim, será avaliado como o desenvolvimento econômico da região contribuiu para a coexistência e a diversificação das formas de entretenimento popular, especialmente durante a década de 1910.

A metodologia utilizada neste estudo baseia-se em uma análise histórica e documental, com foco em fontes primárias, como jornais da época, dados populacionais e econômicos. A principal fonte documental é o jornal *Gazeta de Minas*,

anteriormente conhecido como *Gazeta de Oliveira*, que fornece registros detalhados da vida econômica, política e cultural da região.[1] O periódico foi fundado em 1887, na cidade de Oliveira, por Antônio Fernal, um imigrante português que chegou à cidade como membro de uma trupe teatral itinerante. A *Gazeta de Oliveira* rapidamente expandiu sua circulação para além das fronteiras locais, abrangendo diversas localidades de Minas Gerais e chegando até os corredores da corte imperial. Em 1899, o jornal foi renomeado como *Gazeta de Minas*, consolidando-se como o periódico mais antigo ainda em circulação no estado, exercendo uma influência significativa no panorama jornalístico mineiro.

As cerca de 1800 edições disponíveis para o período investigado fornecem registros detalhados de vários aspectos da vida econômica, política e cultural da cidade de Oliveira e localidades circunvizinhas durante o período analisado. O jornal possuía seções dedicadas à divulgação de opiniões e posicionamentos políticos, sociais e culturais, como a "Tribuna Livre" e os "Registros da Cidade". Essas seções traziam uma gama de produções culturais locais, incluindo contos, poemas e crônicas de eventos sociais, além de comentários e críticas sobre espetáculos e informações sobre as companhias artísticas itinerantes. Anúncios sobre a chegada e partida dessas companhias, bem como detalhes de suas apresentações, eram frequentemente destacados, oferecendo um rico panorama das atividades culturais na região.

Além disso, foram consultados diversos outros periódicos que circularam em importantes cidades brasileiras e mineiras, ampliando o panorama das atividades culturais e dos circuitos das companhias artísticas itinerantes, tais como o jornal *A Federação* (1890), de Porto Alegre; *Cidade de Itu* (1895), de Itu; e *Correio Paulistano* (1890-1895), *Comércio de Portugal* (1889), de Lisboa; *Comércio de São Paulo* (1895), de São Paulo; *Correio da Manhã* (1889), de Coimbra. Também foram consultados jornais do Rio de Janeiro como *Democrata Federal* (1895), *Diário de Notícias* (1889, 1892), *Gazeta da Tarde* (1889), *Jornal Cidade do Rio* (1889), *O Lynce* (1896) e *O Tempo* (1893) enriqueceram a pesquisa com suas coberturas nacionais. Em outras localidades de Minas Gerais, foram consultados os jornais *Minas Gerais* (1897), de Ouro Preto; *O Arauto de Minas* (1880), de São João del-Rei; *O Estado de Minas* (1897), de Ouro Preto; *O Pharol* (1892) e *Correio de Minas* (1897), ambos de Juiz de Fora. O periódico *O Democrata* (1890), de Belém, também contribuiu com

[1] O acervo pode ser acessado em: https://www.gazetademinas.com.br/

informações relevantes. Esses jornais foram consultados na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.[2] As referências às companhias artísticas, espetáculos, críticas e comentários foram identificadas, catalogadas e organizadas digitalmente, facilitando a análise sistemática das informações históricas coletadas.

O uso de jornais como fontes na pesquisa histórica está em consonância com a abordagem da Escola dos Annales, que propôs a ampliação do repertório de fontes históricas. Essa perspectiva permite examinar os mecanismos de produção das notícias e entender a influência de interesses locais na construção das narrativas jornalísticas (Luca, 2005). Ao focar nas crônicas que circularam em cidades mineiras, no final do século XIX e início do século XX, evidencia-se o papel da imprensa como uma espécie de baliza da modernidade, servindo tanto para a promoção de ideais de progresso quanto para a crítica de práticas consideradas obsoletas (Dias, 2022). As análises devem considerar o contexto das mentalidades e das estruturas de poder da época, que orientavam as narrativas jornalísticas, frequentemente enviesadas.

Os artigos jornalísticos são elaborados dentro de um campo de forças onde diversos interesses se confrontam, moldando a visibilidade e a interpretação de eventos e figuras sociais. De acordo com a historiadora Maria Capelato (2002), a imprensa atua como um agente ativo na manipulação de interesses e na intervenção social. Portanto, é essencial que o historiador engaje-se criticamente com esses atores, entendendo-os como agentes sociais inseridos em contextos específicos, influenciados por dinâmicas de poder e interesses econômicos.

Complementando as fontes jornalísticas, esta pesquisa recorreu a documentos oficiais disponíveis no catálogo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda, como o questionário agrícola elaborado entre 1910 e 1913 pelo Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola de Minas Gerais. [3] Esses documentos oferecem uma visão detalhada das transformações urbanas, econômicas, demográficas e sociais que marcaram o Oeste de Minas Gerais na transição para o século XX. Em especial, o questionário agrícola reúne informações sobre a vida rural nos 176 municípios mineiros da época, incluindo distribuição de terras, recursos naturais, tipos de cultivos, produção agrícola, rebanhos, infraestrutura e métodos de trabalho.

Já o censo estatístico publicado em 1921, consolida dados desde 1872, oferecendo uma visão ampla das condições físicas, demográficas, econômicas,

[2] Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acesso em: 18 out. 2024
[3] Memória Estatística do Brasil. Disponível em: http://memoria.org.br/. Acesso em: 18 out. 2024

sociais, administrativas e políticas das localidades mineiras. Organizado em cinco volumes, Situação Física, Situação Demográfica, Situação Econômica, Situação Social e Situação Administrativa e Política, o censo abrange informações sobre localização, limites geográficos, divisões administrativas, características territoriais e informações climáticas; estatísticas populacionais, registros civis e questões de colonização; agricultura, pecuária, indústria, infraestrutura de transporte e comunicação, propriedades, comércio, crédito e previdência; saúde pública, educação, imprensa, formas de entretenimento, cultos religiosos, assistência social, associações, criminalidade e índices de suicídio; e aspectos legislativos, tributários, financeiros, defesa nacional, justiça e representação política. Ao integrar esses dados oficiais, a pesquisa adquire maior profundidade, especialmente da realidade econômica e demográfica, ampliando o entendimento das transformações culturais e do desenvolvimento do mercado de diversões na região.

A pesquisa adota ainda uma abordagem interdisciplinar, alinhada à tradição das Humanidades que promove o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, uma perspectiva defendida por correntes como a Escola dos Annales, com Marc Bloch e Lucien Febvre, e o Instituto de Pesquisa Sociais de Frankfurt (Dosse,1992). Ao integrar conceitos da história econômica e cultural, esta pesquisa busca compreender como o desenvolvimento econômico no Oeste de Minas se entrelaçou com as manifestações culturais locais, revelando a maneira pela qual a história regional reflete movimentos culturais e econômicos mais amplos. Além disso, ao empregar uma abordagem descritiva, o estudo contribui para a preservação da memória dos artistas que atuaram no período, estabelecendo-se como um acervo valioso para futuras investigações sobre a região e suas dinâmicas culturais.

Algumas considerações sobre os conceitos utilizados neste trabalho são pertinentes. O primeiro diz respeito ao uso do termo *itinerância* e seu valor analítico. Diferentemente dos enfoques tradicionais que classificam os grupos que se apresentavam em diferentes localidades como nômades, este trabalho evita o conceito de nomadismo. O termo *nomadismo* refere-se a grupos organizados de forma tribal, que seguem um líder e estão em movimento contínuo para garantir sua sobrevivência.[4] Para os artistas itinerantes, o foco não é o ato de deslocar-se em si, mas sim chegar aos destinos onde possam exercer seu ofício.

[4] Um notável estudo sobre o nomadismo pode ser encontrado no número: EINADI, B.; RIFAAT, A. “Nômades: uma liberdade vigiada”. **O Correio da UNESCO**, Rio de Janeiro, ano 23, n. 1, p. 5 1995.

Por essa razão, as companhias artísticas itinerantes eram capazes de se adaptar a uma variedade de espaços, sejam eles fixos ou móveis. A itinerância dessas companhias é orientada pelos locais e pelas características dos espetáculos que podem realizar, independentemente das condições encontradas. De acordo com o *Dicionário Houaiss*, *itinerante* é aquele "que se desloca de lugar em lugar no exercício de uma função", podendo referir-se a pessoas, instituições ou atividades, como "embaixador, vendedor, ator itinerante" ou "universidade itinerante".[5] Essa definição é central para a compreensão das companhias artísticas que percorriam diferentes localidades, adaptando seus espetáculos ao contexto de cada cidade.

O trabalho está estruturado em dois capítulos. O capítulo 1 aborda a relação entre a expansão das ferrovias e o impacto na circulação das companhias artísticas itinerantes no Oeste de Minas Gerais no final do século XIX. Explora como a chegada da Estrada de Ferro Oeste de Minas facilitou a mobilidade dos artistas e diversificou os espetáculos disponíveis, transformando o cenário de entretenimento local. O capítulo 2 analisa as transformações econômicas e sociais ocorridas entre 1900 e 1920, destacando a prosperidade regional que permitiu a coexistência e diversificação das formas de entretenimento popular, mesmo diante da concorrência com novos espaços de lazer fixo. A resiliência das companhias artísticas é evidenciada, mostrando como elas continuaram a oferecer uma variedade de espetáculos, adaptando-se às demandas de um público cada vez mais diversificado.

De forma mais específica, o capítulo 1, intitulado *Itinerantes e itinerários: espetáculos artísticos comercializados no Oeste de Minas Gerais no final do século XIX*, aborda a relação entre a expansão das ferrovias e o impacto dessa infraestrutura na circulação de companhias artísticas itinerantes na região nesse período. A chegada da Estrada de Ferro Oeste de Minas, com a inauguração de diversas estações na região, desempenhou um papel fundamental ao facilitar a mobilidade de artistas e grupos como circos e companhias teatrais, que antes enfrentavam dificuldades logísticas devido às condições precárias das estradas e ao transporte de tração animal.

Além disso, o capítulo explora a diversificação dos espetáculos artísticos, possibilitada pela facilidade de transporte oferecida pelas ferrovias. Além das tradicionais apresentações de circo e teatro, o repertório cultural passou a incluir

[5] Instituto, A. H**. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaisson/apps/uol_www/v7-0/html/index.php. Acesso em: 18 out. 2024.

espetáculos de mágica, fantoches, exibições de fonógrafos, músicos e outras atrações de variedades. Essa diversidade de espetáculos ampliou as opções de entretenimento e trouxe novos elementos à vida cultural das cidades interioranas. Outro ponto relevante é o aumento significativo da frequência de apresentações artísticas após a expansão das ferrovias. Antes da chegada dos trilhos, as apresentações eram esporádicas, mas a nova infraestrutura ferroviária permitiu um crescimento considerável no número de visitas de companhias itinerantes, transformando o cenário de entretenimento local.

Já o segundo capítulo, intitulado *Desenvolvimento rural e espetáculos artísticos itinerantes no Oeste de Minas Gerais, c. 1900-1920*, aborda as transformações econômicas e sociais ocorridas no Oeste mineiro nas duas primeiras décadas do século XX. A seção começa contextualizando o período de recuperação da agropecuária, que havia sido fortemente impactada pela retração econômica no final do século XIX. A partir de 1900, registra-se uma revitalização econômica, especialmente nos setores agrícola e pecuário, que criou um ambiente favorável ao crescimento do mercado de diversões. O aumento da circulação de dinheiro, resultante do crescimento do trabalho assalariado e do incremento populacional, estabeleceu as condições para a expansão dos espaços de lazer e o aumento da recorrência e da influência das companhias artísticas na região.

Explora-se, então, a relação entre a prosperidade econômica regional e o aumento das visitas de grupos artísticos itinerantes, destacando como o público de cidades como Oliveira, Cláudio e Carmo da Mata continuou a frequentar esses espetáculos. Em outras palavras, mesmo com o surgimento de novos estabelecimentos de entretenimento fixo, como cinemas e cafés, as companhias itinerantes mantiveram sua relevância ao se adaptar ao novo cenário cultural e comercial.

O capítulo também analisa a diversificação dos gêneros artísticos e os desafios enfrentados pelas companhias itinerantes em meio à crescente concorrência com os novos espaços de lazer urbano. A pesquisa revela um aumento significativo na oferta de espetáculos entre 1911 e 1920, consequência da recuperação agropecuária e da modernização tecnológica, que transformaram o Oeste mineiro em um centro de atrações culturais. Ao final, a resiliência das companhias artísticas é destacada, mostrando que, apesar das novas tecnologias de entretenimento e do surgimento de opções fixas, elas continuaram a oferecer uma variedade de espetáculos, como circo,

teatro, música e ilusionismo, adaptando-se às demandas de um público cada vez mais diversificado e exigente.

2 CAPÍTULO 1: ITINERANTES E ITINERÁRIOS: ESPETÁCULOS ARTÍSTICOS COMERCIALIZADOS NO OESTE DE MINAS GERAIS NO FINAL DO SÉCULO XIX

As dificuldades que se antepõem à vinda da companhia a esta cidade [Oliveira], relativamente ao transporte, fazem com que a empresa

> *dramática S. Brandão tome a resolução de trazer para os primeiros espetáculos, apenas dez ou doze figuras, até que chegue a esta cidade a linha férrea, ocasião em que chegará o grupo que ora fica em S. João del-Rei, assim como todos os cenários, guarda roupa, e maquinismos do vasto repertório de peças fantásticas que possui a empresa* (Gazeta de Oliveira, 1888, p. 4).

2.1 Ferrovias e artistas itinerantes

Enquanto as companhias teatrais no interior, como a empresa S. Brandão, enfrentavam desafios relacionados ao transporte, nos grandes centros urbanos, a circulação de artistas internacionais, como Giulietta Dionesi, já era facilitada por avanços no transporte marítimo e ferroviário. Em julho de 1889, a imprensa carioca noticiava com grande entusiasmo a chegada da "célebre violinista" Giulietta Dionesi, de apenas 11 anos, considerada pelos críticos especializados da época um verdadeiro "prodígio da arte" (Gazeta da Tarde, 1889). Antes de desembarcar do vapor Tamar em terras brasileiras, a jovem artista havia realizado turnês por Portugal, Espanha e Itália, impressionando o público por onde passava. Em Barcelona, por exemplo, as apresentações da violinista no Teatro Lírico foram descritas pelos jornais locais como de grande "sucesso" (Comércio de Portugal, 1889). Na cidade de Coimbra, em Portugal, um cronista anônimo do periódico Correio *da Manhã*, teceu comentários na mesma direção: "Giulietta Dionesi, ao passar por esta cidade, conseguiu demover, com seu prodigioso gênio, a indiferença de nosso público e especialmente da Academia, que a aclamou até ao delírio" (Correio da Manhã, 1889, p. 2).

Embora jovem, Giulietta Dionesi já possuía experiência formal em apresentações desde os 10 anos, quando se graduou no prestigiado Real Conservatório de Música de Nápoles, sua terra natal na Itália (Gazeta da Tarde, 1889). À medida que percorria diversos países da Europa e das Américas, suas performances recebiam críticas e elogios que encontravam espaço em renomados jornais, gerando interesse dos leitores e confirmando o sucesso artístico. Não por acaso, nos primeiros dias de sua estadia no Rio de Janeiro, acompanhada pelo irmão Romeu Dionesi, Giulietta teve um encontro com D. Pedro II, a quem apresentou um álbum contendo recortes de matérias de jornais europeus com descrições de suas apresentações e notas elogiosas. Esse gesto levou Giulietta a

convidar o imperador e sua família para assistir a uma de suas apresentações no Teatro Sant'Ana, um evento que contou com a presença do próprio monarca.[6]

Encerrada a temporada de espetáculos na antiga capital carioca, Giulietta fez uma breve parada para alguns concertos musicais em Niterói. No dia 12 de agosto de 1889, ela partiu pelo "trem da manhã", com destino à cidade de São Paulo (Diário de Notícias, 1889). Na capital paulista e em cidades do interior, Giulietta e seu irmão deram continuidade ao itinerário. No final de setembro, a violinista embarcou em um vapor no porto de Santos, com destino à região do Prata, onde realizou apresentações em cidades da Argentina e do Uruguai (Jornal Cidade do Rio, 1889). Embora as informações sobre esse percurso sejam escassas, algumas notícias foram veiculadas na imprensa brasileira no ano seguinte. Em janeiro de 1890, o periódico *Democrata*, de Belém do Pará, noticiou que as apresentações da violinista estavam sendo "muito apreciadas em Buenos Aires" (O Democrata, 1890). Em março, o jornal *A Federação*, de Porto Alegre, publicou uma carta recebida de Montevidéu, informando que, em breve, a "insigne violinista de 12 anos, Giulietta Dionesi, cuja excursão artística tem sido coroada de ruidosos sucessos", visitaria o estado (A Federação, 1890).

Em abril de 1890, Giulietta retornou ao Brasil a bordo do paquete *Rio Grande*, fazendo uma escala na capital do Rio Grande do Sul. Após uma breve estadia em Porto Alegre, durante a qual sua performance foi amplamente aclamada, a artista seguiu para Pelotas, conforme registrado pelo jornal *A Federação* (A Federação, 1890). De acordo com um cronista anônimo do mesmo periódico, Giulietta partiu “apenas após conquistar os aplausos que merece seu talento artístico” (A Federação, 1890).

Durante o ano de 1890 e a primeira metade de 1891, Giulietta apresentou-se ao público de capitais e cidades interioranas dos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Em novembro de 1890, na capital fluminense, ela foi acompanhada pela “distinta” pianista Marie Lubert e pelos “afamados” guitarristas espanhóis, Tobuso e Orosco (Correio Paulistano, 1890).

---

[6] Segundo Lilian Schwarz (1998, p. 448), quando a família imperial saía do Teatro Sant'Ana, após ter assistido ao concerto da violinista Giulietta Dionesi, ouviu-se, no meio da multidão, um "viva à República". O imperador não demonstrou preocupação e pediu que "[...] deixassem aquela gente sossegada. Cada um fizesse o que quisesse [...]". Poucos minutos depois, porém, quando o imperador já estava na carruagem, foi disparado um tiro em sua direção.

Após realizar alguns espetáculos no Teatro São José, que foram descritos pelos jornais locais como “muito concorridos”, Giulietta seguiu para o interior paulista, fazendo sua primeira parada em Campinas. Lá, no Teatro São Carlos, o som de seu “admirável violino” encantou o público, especialmente quando interpretou a canção *Serenata*, de Schubert, recebendo calorosos aplausos (Correio Paulistano, 1891). Durante a primeira metade de 1891, Giulietta visitou outras cidades paulistas, incluindo Pindamonhangaba, Casa Branca e Ribeirão Preto (Correio Paulistano, 1891).

Em junho de 1892, registros históricos revelam que Giulietta Dionesi fez sua estreia no território de Minas Gerais, apresentando-se no Teatro Novelli, na cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata. Segundo o periódico local, sua chegada foi comemorada com grande entusiasmo na estação ferroviária, onde muitas flores foram lançadas em sua direção, e uma banda de música realizou um concerto de recepção, acompanhando a "distinta violinista" até o Hotel do Comércio, onde se hospedou (O Pharol, 1892). No final do mês seguinte, ao término da temporada de espetáculos, Giulietta e seu agente, Emílio Grossoni, partiram para São João del-Rei, no Oeste de Minas Gerais, com a intenção de oferecer "alguns concertos" ao público local (O Pharol,1892). Devido à sua importância histórica e cultural, a cidade de São João del-Rei fazia parte de uma rota cada vez mais comum para artistas que buscavam expandir sua audiência no interior do estado, o que torna plausível a especulação de que Giulietta a tenha considerado um ponto relevante em seu itinerário artístico.

Embora não tenham sido encontradas fontes primárias que documentem a presença de Giulietta Dionesi em São João del-Rei, é plausível especular que a artista tenha permanecido pouco tempo na localidade, pois cerca de um mês após sua partida de Juiz de Fora, em meados de agosto, periódicos do Rio de Janeiro já anunciavam apresentações da violinista italiana no Teatro São Pedro de Alcântara (Diário de Notícias, 1892). No ano seguinte, em 1893, Giulietta retornou ao interior de São Paulo, passando por cidades como Botucatu, Sorocaba, São Carlos do Pinhal, Atibaia e Campinas. Em outubro de 1893, na cidade de Sorocaba, ela se casou com seu agente, Emílio Grossoni (cf. Opinião Nacional, 1893; O Comércio, 1893; O Comércio, São Paulo,1893; O Tempo, 1893). Esse casamento consolidou a parceria entre artista e empresário, permitindo uma organização mais eficiente de suas turnês futuras.

Durante os anos de 1894 e 1895, Giulietta continuou a visitar várias localidades no estado de São Paulo, alternando entre estadias de durações variadas. As cidades paulistas, como Sorocaba, Itu e Ipatinga, começavam a se consolidar como importantes polos culturais, atraindo artistas de renome internacional. Em fevereiro de 1895, registros indicam espetáculos em Sorocaba; em maio, em Itu; e em junho, em Ipatinga (cf., respectivamente, Correio Paulistano,1895; Cidade de Itu, 1895; Democrata Federal, 1895). Em novembro, ela retornou à capital paulista para uma série de concertos, partindo posteriormente para Santos (Comércio de São Paulo, 1895). Essas apresentações itinerantes em São Paulo e suas cidades adjacentes consolidaram o nome de Giulietta no cenário artístico brasileiro, demonstrando a capacidade de adaptação dos artistas ao emergente mercado cultural no interior do país.

No ano seguinte, 1896, Giulietta e seu esposo, Emílio Grossoni, embarcaram em uma turnê pelo interior do Rio de Janeiro, com apresentações registradas em Macaé (O Lynce, 1896). Entre 1897 e 1898, sua turnê parece ter priorizado o estado de Minas Gerais, com exibições em cidades de diversas zonas, como Juiz de Fora, Rio Novo, Ouro Preto, Barbacena, Oliveira e o distrito de Cláudio (cf., por exemplo, Correio de Minas, 1897; Minas Gerais, 1897; Minas Gerais, 1897; O Estado de Minas, 1897; Gazeta de Minas, 1897)

Até este ponto, examinamos cerca de uma década da carreira da violinista Giulietta Dionesi, desde sua partida da Itália até suas apresentações em países da Europa, América do Norte, Central e do Sul. Destacamos sua chegada ao Rio de Janeiro e sua trajetória por capitais e localidades sertanejas do Brasil, evidenciando sua impressionante mobilidade como artista itinerante no final do século XIX. Giulietta Dionesi realizou numerosos concertos em localidades com diferentes níveis de desenvolvimento econômico, social e demográfico, em um período relativamente curto.

Ao aprofundarmos a análise das excursões de Giulietta pelo Oeste de Minas Gerais, constatamos que sua presença em localidades como São João del-Rei, em 1892, e Oliveira e Cláudio, em 1897, coincidiu com a expansão ferroviária na região. Sua trajetória no Brasil exemplifica de maneira eloquente o impacto das ferrovias na circulação de artistas e na democratização do acesso à cultura no interior do país. A capacidade de Giulietta em realizar extensas turnês por diversas regiões, incluindo

localidades até então isoladas, foi diretamente influenciada pela expansão da malha ferroviária no final do século XIX.

Antes da implementação das ferrovias, o transporte terrestre no Brasil era marcado por estradas precárias e métodos lentos, como carros de bois e tropas de mulas, que limitavam significativamente a mobilidade de pessoas e bens. Artistas itinerantes enfrentavam desafios logísticos que tornavam as viagens longas, perigosas e economicamente inviáveis para alcançar regiões distantes dos grandes centros urbanos. Esse cenário restringia o acesso das populações interioranas a manifestações culturais sofisticadas, que eram privilégio das capitais e cidades portuárias. A chegada das ferrovias transformou radicalmente essa dinâmica. No caso de Minas Gerais, a Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM) desempenhou um papel crucial ao conectar regiões remotas ao restante do país. A inauguração de estações em cidades como São João del-Rei, Oliveira e Cláudio não apenas impulsionou o desenvolvimento econômico local, mas também abriu novas rotas para a circulação de artistas como Giulietta Dionesi. Dessa forma**,** uma violinista italiana de renome internacional pôde expandir seu alcance graças à eficiência e à segurança proporcionadas pelo transporte ferroviário. Sua presença em cidades do interior mineiro, anteriormente inacessíveis para artistas estrangeiros, ilustra como as ferrovias possibilitaram a descentralização das atividades culturais.

Antes dessa expansão, os caminhos mineiros eram notoriamente desafiadores. O militar português Raimundo da Cunha e o paulista Joaquim Almeida Leite de Moraes, em 1880, descreveram as rotas como “precárias”. Segundo seus relatos, as vias careciam de pontes, e as poucas que existiam estavam frequentemente em “péssimo estado” (Moraes, 1995, p. 21-22). Joaquim Almeida também observou que os atoleiros persistiam mesmo na estação seca, tornando as estradas perigosas para os animais. Após as chuvas, nas palavras do autor, as estradas dos “sertões do Oeste Mineiro” se transformavam em “rios de lama”, com carros frequentemente atolados (Cunha, 1979, p. 45).

Até o final do século XIX, o transporte de pessoas e mercadorias em Minas Gerais dependia principalmente de tração animal, utilizando carroças, tropas de mulas e carros de bois. Esses meios eram fundamentais para trazer mercadorias dos portos do Rio de Janeiro e São Paulo e para escoar os produtos mineiros para outras regiões do país (Lenharo, 1979). Embora tenham sido essenciais para a economia da época, esse tipo de transporte foi gradualmente substituído pelas ferrovias, que

se expandiram rapidamente por Minas Gerais, conectando regiões antes de difícil acesso e transformando a dinâmica comercial e social da província.

A construção das ferrovias marcou um ponto de inflexão significativo na transformação da sociedade em diversas dimensões. Em Minas Gerais, as regiões passaram a ser categorizadas conforme o domínio das companhias ferroviárias que controlavam cada área (Vaz, 1922, p. 16-18). Em 1874, a Estrada de Ferro Leopoldina inaugurou um ramal na cidade de Leopoldina, adquirindo grande relevância para a Zona da Mata, a principal região cafeeira do estado, controlando o leste e parte do sudeste de Minas Gerais. No sul, durante o mesmo período, três companhias – Minas & Rio, Sapucaí e Muzambinho – disputavam o controle ferroviário da região (Blasenheim, 1996). Da mesma forma que essas ferrovias moldaram o leste e o sul de Minas, a Zona Oeste experimentou uma transformação semelhante com a expansão da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), que inaugurou sua primeira estação em 1881 (Maia, 2009).

A EFOM foi criada com o objetivo inicial de conectar-se à Estrada de Ferro D. Pedro II, que ligava-se ao Rio de Janeiro, então capital política do país. A região possuía o maior rebanho bovino da província e era uma importante produtora de gêneros básicos para o abastecimento do mercado interno (Lima, 2009, p.68). Assim, a chegada dos trilhos foi vista como uma oportunidade promissora para o desenvolvimento de uma economia agroexportadora. Além de impulsionar o setor econômico, a ferrovia estava diretamente relacionada ao desenvolvimento regional e à construção de uma sociedade moderna. Na visão coletiva da época, o trem de ferro era percebido como um agente de transformação, convertendo o “sertão” em “civilização”, trazendo consigo novas tecnologias, pessoas e informações, e modificando profundamente a vida cotidiana (Lima, 2009, p. 28).

A expansão ferroviária representou um fenômeno global, cujos impactos se refletiram na mobilidade das pessoas e na circulação de bens, serviços e cultura, incluindo os grupos artísticos itinerantes. Orlando Figes (2022), em sua pesquisa sobre o contexto europeu, destaca que a construção de linhas férreas permitiu um extraordinário aumento no deslocamento de orquestras, bandas musicais, companhias de ópera e teatro, exposições itinerantes de obras de arte e de textos escritos. Essa mudança ampliou o alcance das apresentações culturais e enriqueceu as comunidades visitadas. Com a ampliação da malha ferroviária, as restrições de deslocamento foram significativamente reduzidas, permitindo que grupos artísticos

ganhassem maior mobilidade e estimulassem a disseminação cultural em todo o continente europeu.

No Brasil, e mais especificamente em Minas Gerais, a ferrovia teve um impacto positivo semelhante na oferta de espetáculos itinerantes. Mesmo antes da inauguração do primeiro ramal da EFOM em 1881, grupos artísticos itinerantes já circulavam pela região Oeste de Minas Gerais, como a Companhia Chiarini em 1834 (Astro de Minas, 1834), o Circo Olímpico em 1842 (Guerra, 1968, p. 28) e o Circo Equestre Luiz Cazali em 1880 (O Arauto de Minas, 1880), as condições das estradas e o transporte de tração animal impunham limitações significativas. Muitas companhias, que precisavam transportar estruturas para montagem de palcos, vestuários luxuosos, equipamentos raros e animais de diversos tamanhos, enfrentavam desafios substanciais. O transporte com veículos de tração animal, embora possível, era difícil, lento, perigoso e caro, sujeito a imprevistos como enchentes, secas e estradas precárias (Xavier, 2019).

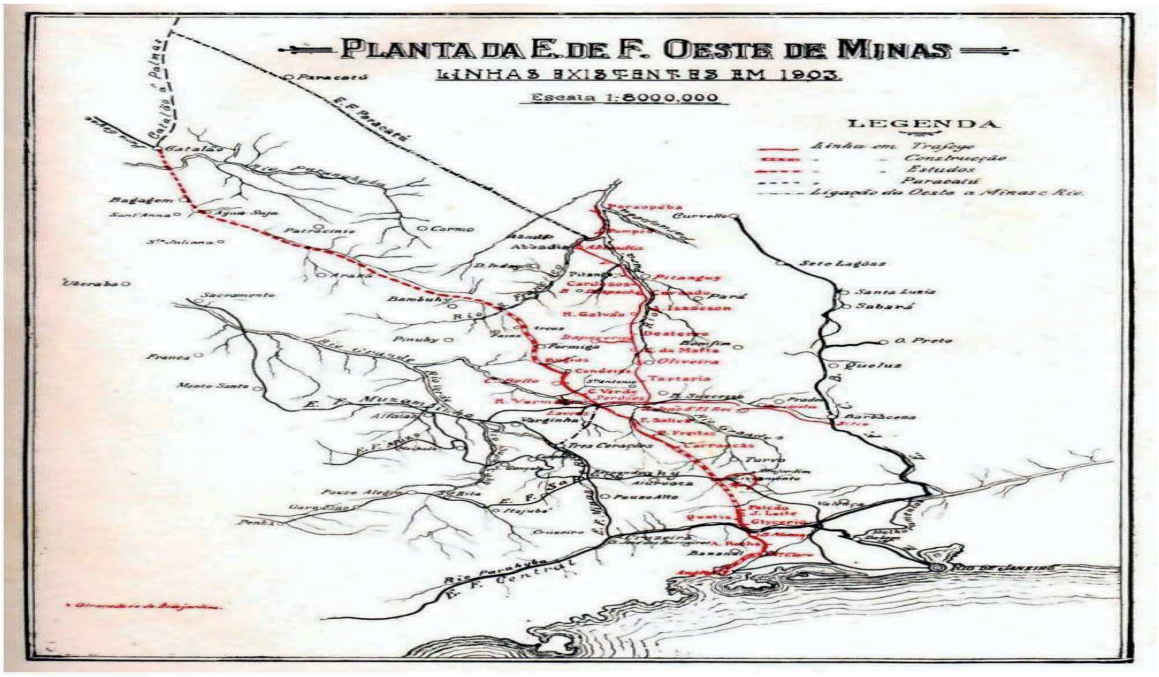
Entre 1881 e 1889, a expansão da Estrada de Ferro Oeste de Minas Gerais foi modesta, inaugurando estações em três distritos de São João del-Rei: Santa Rita em 20 de janeiro de 1887, Conceição da Barra e Ibituruna em 1 de maio de 1887. Estações foram também inauguradas nas cidades de Bom Sucesso em 31 de outubro de 1887 e Oliveira em 1 de julho de 1888 (Minas Gerais, 1926, v. III, p. 426-427). Inicialmente, com um circuito relativamente limitado de localidades atendidas por estações da EFOM, a região parecia menos atraente para turnês artísticas. Uma evidência disso é que, no período inicial de funcionamento da nova ferrovia – especialmente até o primeiro ano de atividade do ramal de Oliveira – foram encontrados apenas cinco registros de turnês artísticas, cujas modalidades estavam resumidas em circo e teatro, com os seguintes grupos: Circo Japonês Valenciano (Gazeta de Oliveira,1887), Companhia Dramática São Brandão (Gazeta de Oliveira, 1888), Circo Equestre Hilário Almeida (Gazeta de Oliveira, 1888), Circo Equestre Estrela do Oriente (Gazeta de Oliveira, 1889) e Companhia de Teatro Boldrine & Corrêa (Gazeta de Oliveira, 1889).

A situação transformou-se a partir de 1890, período que marca uma intensificação na construção de ferrovias em Minas Gerais. Desta época até 1899, foram construídos cerca de 3.500 quilômetros de trilhos no estado, sendo metade durante a década de 1890 (Wirth, 1982). Inicialmente, os trilhos estiveram bastante concentrados na região da Zona da Mata, cerca de 60% das ferrovias de Minas

Gerais estavam nesta zona. Demandas para o transporte de café, além do empenho dos próprios fazendeiros que plantavam esse produto, estiveram entre as principais razões para tal concentração (Blasenheim, 1994). Dos anos finais de 1880 em diante, porém, regiões do Centro, do Oeste, do Sul e do Triângulo Mineiro também passaram a ser atendidas por ferrovias.

No que diz respeito à Estrada de Ferro Oeste de Minas, a partir de 1890, observou-se um movimento crescente de instalação de trilhos em diferentes pontos do Oeste de Minas Gerais. Este avanço é evidenciado pelas inaugurações das estações de Carmo da Mata (1 de maio de 1890), Gonçalves Ferreira (1 de julho de 1890), Henrique Galvão (30 de abril de 1890), São Gonçalo do Pará (30 de outubro de 1890), Itapecerica (1 de abril de 1891), Cercado (1 de julho de 1891), Martinho Campos (1 de julho de 1891), Abadia (1 de janeiro de 1892) e São Francisco (1 de janeiro de 1892) (Minas Gerais, 1926, v. III, p. 430). Convém destacar que a nova ferrovia se conectava a uma ampla rede de ramificações, que permitia acesso a ferrovias de outras regiões de Minas e de outros estados, como é possível visualizar no mapa da Figura 1.

Figura 1 - Mapa da Estrada de Ferro Oeste de Minas (1903)



Fonte: Vaz (1922)

Em outra frente, as estações ferroviárias frequentemente indicavam desenvolvimento econômico e social na região. Isso, por sua vez, aumentava a possibilidade de existência de um público pagante para os espetáculos dos artistas itinerantes. A presença de uma estação sinalizava movimentação de pessoas e bens, refletindo uma comunidade dinâmica e em expansão. Isso tornava a cidade ou o povoado mais atraente para os artistas itinerantes, que podiam contar com um público em potencial para assistir a seus espetáculos. Dessa forma, a ferrovia não só facilitava o acesso de artistas a uma maior quantidade de locais, mas também influenciava a escolha dos destinos. Em contraste com o transporte de tração animal, os vagões ferroviários proporcionavam às companhias itinerantes a possibilidade de viajar com todo o elenco, animais, equipamentos cenográficos e materiais para construção dos espaços de apresentação de maneira mais rápida, segura, econômica e previsível (Xavier; Amaral; Dias, 2021). Neste último aspecto, por exemplo, os viajantes tinham à disposição informações detalhadas sobre os horários de embarque e desembarque dos trens, bem como as rotas de conexão com as localidades atendidas pelos eixos ferroviários (Figura 2).

Figura 2 - Horários dos trens da Estrada de Ferro Oeste de Minas em 1888

E. F. D' OESTE DE MINAS

HORARIO DOS TRENS DO PROLONGAMENTO

DE S. JOÃO D'EL-REI A OLIVEIRA

P 1

ÁS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

ESTAÇÕES	DE MANHÃ Chegada	Partida
S. João d'El-Rei	. . . . .	6 . . . 00
S. Rita	6 . . . 42	6 . . . 45
Rio das Mortes	8 . . . 00	8 . . . 03
Nazareth	8 . . . 45	8 . . . 48
Ibituruna	10 . . . 00	10 . . . 03
A. Mourão	10 . . . 40	11 . . . 00
Bom Successo	11 . . . 40	11 . . . 45
Tartaria	1 . . . 15	1 . . . 20
Oliveira	2 . . . 40	. . . . .

DE OLIVEIRA A S. JOÃO D'EL-REI

P 2

ÁS SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS

ESTAÇÕES	DE MANHÃ Chegada	Partida
Oliveira	. . . . .	6 . . . 40
Tartaria	8 . . . 5	8 . . . 10
Bom Successo	9 . . . 25	9 . . . 30
A. Mourão	10 . . . 00	11 . . . 00
Ibituruna	11 . . . 37	11 . . . 40
Nazareth	12 . . . 52	12 . . . 55
Rio das Mortes	1 . . . 37	1 . . . 40
Santa Rita	2 . . . 55	2 . . . 58
S. João d'El-Rei	3 . . . 40	. . . . .

Fonte: Gazeta de Oliveira, Oliveira, 8 jun. 1888, p. 2.

Em anos recentes, pesquisas têm examinado a correlação entre a expansão ferroviária e a circulação de circos em Minas Gerais. As estações ferroviárias eram pontos estratégicos para a realização de apresentações circenses. Embora houvesse registros de circos em Minas Gerais antes da implantação das ferrovias, a presença desses espetáculos no estado era significativamente menor. Conforme os estudos indicam, entre 1858 e 1899, Minas Gerais recebeu 88 visitas de 59 circos distintos, que se apresentaram em 21 cidades, resultando em uma média de uma visita a cada 5 ou 6 meses. A maioria dessas visitas, 67% do total, ocorreu na década de 1890, quando a frequência média de apresentações circenses subiu para uma visita a cada 2 meses, aproximadamente três vezes maior do que nas décadas de 1860 e 1880 (Xavier; Amaral; Dias, 2019).

O aumento no número de visitas de circos durante a década de 1890 sugere que as ferrovias desempenharam um papel fundamental na expansão da presença dessas companhias itinerantes no estado. Levando em conta que esse fenômeno foi observado nos circos, é plausível supor que a mesma tendência possa ter ocorrido com outros grupos artísticos, como músicos, mágicos, atores, toureadores e exposições itinerantes, que também se beneficiariam da infraestrutura ferroviária para se deslocar e expandir seu alcance geográfico. Neste contexto, o caso da violinista Giulietta Dionesi é elucidativo. Sua turnê pela região ocorreu justamente no contexto da ampliação dos trilhos da Estrada de Ferro Oeste de Minas Gerais. Suas excursões por Juiz de Fora, São João del-Rei, Rio Novo, Barbacena, Ouro Preto, Oliveira e Cláudio evidenciam a escolha comercial de privilegiar cidades conectadas por ferrovias, deslocando-se de um ramal para outro e visitando praticamente todas as regiões mineiras.

É nessa direção que acreditamos na possibilidade de diferentes gêneros artísticos terem, em alguma medida, se beneficiado da expansão das ferrovias, para além dos grupos circenses. Tal indicação é corroborada pela lógica de que os empresários do ramo do entretenimento ambulante buscavam novos públicos e oportunidades em localidades mais distantes dos grandes centros do país. Nesse contexto, os trilhos facilitaram a circulação e a realização de apresentações em cidades até então inacessíveis ou pouco frequentadas por essas companhias itinerantes.

Ademais, estudos recentes também mencionam a dinamização dos repertórios dos circos que visitaram Minas Gerais nesse período (Xavier; Amaral;

Dias, 2021). Embora o motivo dessa ampliação possa ser atribuído a diversos fatores, é razoável considerar que a expansão das ferrovias também tenha exercido um impacto significativo nesse aspecto. A maior facilidade de transporte proporcionada pelas ferrovias permitiu aos circos itinerantes transportar um maior número de artistas, equipamentos e elementos cênicos, bem como animais exóticos, que enriqueceram e diversificaram as apresentações oferecidas ao público. Consequentemente, essa diversificação dos repertórios pode ter contribuído para atrair espectadores e aumentar a demanda por espetáculos circenses, justificando o investimento em novas atrações e ampliando a sustentabilidade financeira dessas companhias. Afinal, um repertório diversificado e original, sobretudo em localidades menores com um mercado consumidor restrito, é fundamental para assegurar a viabilidade comercial das companhias circenses, incentivando o público a frequentar múltiplas apresentações do mesmo grupo.

O tópico a seguir propõe-se a expandir as fronteiras do conhecimento estabelecidas por investigações acadêmicas contemporâneas, estendendo a análise para além dos circos, abrangendo uma variedade de agrupamentos artísticos que marcaram sua presença em Minas Gerais ao final do século XIX. Com um enfoque particular nos estilos artísticos e na frequência de atuações desses grupos itinerantes, a seção explora como as facilidades oferecidas pela expansão ferroviária dinamizaram a inserção e a disseminação de diversas manifestações culturais pela região Oeste de Minas Gerais. Assim, pretende-se não apenas enriquecer a compreensão das dinâmicas culturais da época, mas também contribuir para a historiografia cultural de Minas Gerais, ao iluminar aspectos pouco explorados dessas itinerâncias artísticas.

2.2 Recorrência de visitas e estilos artísticos

Como já apontado na seção anterior, o período de 1881 a 1889 marca a inauguração dos primeiros ramais da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM). Durante esses anos, antes da completa proliferação dos trilhos, registraram-se a presença de cinco companhias itinerantes excursionando na região Oeste de Minas Gerais, incluindo três circos e dois grupos teatrais. Isso indica uma média de uma visita a cada dois anos, um número bastante reduzido quando se considera a riqueza cultural de outras regiões na mesma época. Essa baixa frequência evidencia as

limitações impostas pela falta de infraestrutura de transporte, restringindo o acesso da população local a diversas manifestações artísticas.

No entanto, a partir de 1890, especialmente após 1892, com o avanço na extensão dos trilhos, observou-se uma transformação significativa: as visitas tornaram-se mais recorrentes, e houve uma notável diversificação dos estilos artísticos. Até o final do século XIX, emergiu um cenário dinâmico de artistas que buscavam explorar comercialmente as localidades ao longo dos trilhos da EFOM. Esse aumento na presença de grupos itinerantes reflete diretamente o papel catalisador da expansão ferroviária, que não só facilitou a logística dos deslocamentos, mas também ampliou o mercado consumidor para esses artistas.

Circo e teatro, antes predominantes, passaram a dividir espaço com mágicos, manipuladores de fantoches, exibições de fonógrafos e cinematógrafos itinerantes, músicos, toureadores e outros espetáculos de variedades da época. Essa diversificação enriqueceu o repertório cultural disponível às cidades do Oeste de Minas Gerais. Da mesma forma, as companhias circenses, que já eram conhecidas na região antes da expansão ferroviária, viram sua presença e frequência de atuações aumentar exponencialmente devido à nova acessibilidade proporcionada pelos trilhos.

Neste estudo, utilizamos como referência as notícias do jornal *Gazeta de Oliveira,* produzido na cidade de mesmo nome, que começou a circular em 1887, conforme mencionado na introdução deste trabalho. A análise desse periódico buscou identificar indícios dos processos de recorrência das turnês artísticas na região, uma vez que essa publicação, com certa regularidade, noticiava a chegada e partida de companhias em Oliveira e em localidades próximas, além de divulgar o repertório dos artistas, performances e críticas diversas. Além disso, as notícias fornecem informações que permitem comparações significativas entre os grupos, os estilos e a periodicidade das turnês, particularmente entre 1887 e 1891 — período que antecedeu a expansão dos trilhos para o interior — e entre 1892 e 1900, quando se concretizou um circuito amplo de estações no Oeste de Minas Gerais.

No caso específico dos circos, na esteira da comparação proposta acima, observou-se, entre 1892 e 1900, um aumento substancial no número de companhias de circo atuando em Oliveira e nas cidades adjacentes. Para exemplificar essa tendência, pode-se citar um evento significativo ocorrido em 29 de maio de 1892, documentado pela *Gazeta de Oliveira*. Após um intervalo considerável sem receber

grandes espetáculos, o jornal celebrou entusiasticamente a chegada do Circo Equestre, sob a direção do Sr. Lázaro Telles de Freitas. Esse circo, descrito como “bem montado e dispondo de bons artistas, clowns, cavalos e cães adestrados”, foi amplamente aclamado em várias localidades por onde passou anteriormente. A grande estreia, agendada para 1º de junho de 1892, uma quarta-feira, suscitou elevadas expectativas entre o público local, conforme evidenciado pela cobertura jornalística da época (Gazeta de Oliveira, 1892).

Após os eventos aclamados em Oliveira, a trupe liderada por Lázaro Telles de Freitas realizou sua última apresentação no domingo, dia 5 de junho, e seguiu para a freguesia de Cláudio no dia 9, onde continuou as suas apresentações. A *Gazeta de Oliveira* elogiou Telles, descrevendo-o como um “cavalheiro lhano e de toda probidade”. O jornal também previu que ele e sua trupe seriam calorosamente recebidos em Cláudio, assim como ocorreu em Oliveira. A “modéstia e o ótimo procedimento” dos artistas deixaram uma impressão duradoura, e um cronista anônimo expressou “votos de prosperidade para o futuro do circo” (Gazeta de Oliveira, 1892).

Concomitantemente, enquanto a cidade se despedia do Circo Equestre de Telles, a expectativa já se voltava para a chegada de outro grupo: a Companhia União Artística, liderada pelo “afamado” artista acrobata Manoel José de Barros. O anúncio, veiculado na última seção do periódico, utilizava uma linguagem enfática para atrair o público, ressaltando as habilidades excepcionais dos artistas e a diversidade de atos que seriam apresentados, conforme pode ser visualizado na Figura 3.

Foram anunciadas apresentações de ginástica, acrobacias, mímica, dança e equitação. O destaque ficava por conta de cavalos e cães altamente treinados, que realizavam tarefas complexas, um grande atrativo daquela época. O palhaço, descrito como “espirituosíssimo e com longa prática”, sugeria uma performance de comédia de alto calibre. A iminente chegada da Companhia União Artística à cidade foi promovida como um evento notável, prometendo "verdadeiras maravilhas" e despertando grande curiosidade e expectativa entre o público.

Figura 3 - Cartaz de apresentação do Circo Equestre

Fonte: Gazeta de Oliveira, Oliveira, 3 jul. 1892, p. 4.

A Companhia União Artística estreou em Oliveira no dia 9 de julho, com performances "executadas com perfeição". Para o segundo espetáculo, prometeu enriquecer a experiência com "novos trabalhos", incluindo um concerto musical e atos de prestidigitação, sugerindo uma atualização significativa no repertório da companhia (Gazeta de Oliveira, 1892). Em 17 de julho, anunciou-se a última apresentação do circo na cidade, prometendo inovações em suas atuações. Ao concluir a temporada em Oliveira, Manoel José de Barros expressou gratidão pela hospitalidade recebida e partiu para Bom Sucesso, assegurando que todas as contas estavam acertadas e convidando eventuais credores a procurá-lo em seu próximo destino (Gazeta de Oliveira, 1892). A jornada itinerante do circo prosseguiu, com

planos alinhados às festividades locais no distrito de Santana do Jacaré (Gazeta de Oliveira, 1892).

Dois anos mais tarde, em 22 de abril de 1894, o Circo Pery & Coelho, especializado em equestre e ginástica, inaugurou suas apresentações em Itapecerica, localizada no Oeste de Minas Gerais (Gazeta de Oliveira, 1894). Após uma temporada exitosa, a trupe mudou-se para Oliveira, onde, no dia 3 de maio, realizou seu primeiro espetáculo, que, conforme reportado pelo jornal local, foi calorosamente acolhido pelo público. Sob a liderança do "laureado" artista Pery, reconhecido por suas atuações em cidades brasileiras e europeias, e do Sr. Coelho, um especialista em ginástica e equilíbrio, o grupo executou performances descritas pelo *Gazeta de Oliveira* como "excepcionais". As acrobatas Marietta e Aristotelia Pery, como "exímias" e demonstrando "grande perícia", junto com o restante da companhia, receberam elogios por todas as performances apresentadas (Gazeta de Oliveira, 1894).

Continuando sua itinerância pelo Oeste de Minas Gerais, em 13 de maio o Circo Pery & Coelho promoveu uma série de espetáculos na localidade de Henrique Galvão. A turnê tinha ainda programada apresentações em Carmo da Mata, de 17 a 20 de maio, antes de um retorno previsto a Oliveira no dia 22 de maio, em consonância com as celebrações festivas locais (Gazeta de Oliveira, 1894). No dia 27 de maio, registros indicam que o circo retornou a Oliveira, cumprindo a promessa de realizar mais três "espetáculos vibrantes" (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 1894).

Em novembro de 1894, outra companhia marcou sua presença na região: o Circo Equestre, Ginástica e Acrobacia dos Srs. Bracesco & Barros. Descrita pela imprensa como uma "companhia modesta", mas com artistas de "certo mérito", a trupe permaneceu ativa até o final de janeiro de 1895, deslocando-se depois para Carmo da Mata, onde participou das celebrações de São Sebastião (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 1895; Gazeta de Oliveira, 1895; Gazeta de Oliveira, 1895).

Em 1895, a imprensa destacou a atuação do Circo Nacional, dirigido pelo Sr. José Lemido da Cruz. Conhecido como "companhia de cavalinhos", o circo iniciou suas apresentações em Oliveira em 20 de abril. O programa variado incluía atos equestres, ginástica, malabarismo, saltos, acrobacias e funambulismo, todos acompanhados pela banda de música do distrito de Bom Sucesso (Gazeta de Oliveira, 1895). Após concluir a primeira temporada em 5 de maio, a companhia viajou para Carmo da Mata e Henrique Galvão, retornando a Oliveira em 16 de junho para

uma segunda série de apresentações, que se estendeu até 30 de junho. A temporada foi encerrada com performances em Bom Sucesso. O jornal local elogiou o "ótimo" comportamento dos artistas e expressou votos de "bons resultados" para a turnê (Gazeta de Oliveira, 1895; Gazeta de Oliveira, 1895; Gazeta de Oliveira, 1895; Gazeta de Oliveira,1895; Gazeta de Oliveira, 1895).

Em 1896, a cidade de Oliveira acolheu três diferentes circos. O primeiro, o Circo do Sr. Cruz, iniciou suas apresentações em 26 de abril e continuou até 10 de maio, conforme relatado pela *Gazeta de Oliveira* (Gazeta de Oliveira, 1896; Gazeta de Oliveira, 1896). Em seguida, o Circo Japonês, sob a direção de João Silva, encenou espetáculos entre 21 e 30 de junho (Gazeta de Oliveira, 1896; Gazeta de Oliveira, 1896). Por fim, o Circo Guanabara, liderado por Sotero Vilella, iniciou suas apresentações em 13 de setembro, estendendo-se até o início de novembro, concluindo a temporada de circos na cidade naquele ano (Gazeta de Oliveira, 1896).

Aprofundando na análise dos eventos circenses, em 1897, a imprensa de Oliveira documentou a presença do Circo Itália Brasil, liderado pelo Sr. Crescencio Felipe. Este circo, especializado em números equestres e acrobáticos, permaneceu na cidade desde o final de agosto até o final de setembro. O cronista encarregado da cobertura expressou certa relutância em seus comentários, confessando o desejo de elogiar a trupe com entusiasmo, mas restringindo-se para manter a imparcialidade de suas observações. Ele enfatizou a expectativa do público local por um “alto padrão de qualidade em espetáculos dessa natureza", utilizando a presença ou ausência de uma audiência numerosa como um indicador de apreço ou descontentamento popular (Gazeta de Oliveira, 1897; Gazeta de Oliveira, 1897).

No ano subsequente, em 1898, a *Gazeta de Oliveira* anunciou a breve estadia do Circo Modelo, então estacionado em Bom Sucesso. No entanto, o periódico não forneceu detalhes adicionais sobre as performances desta companhia no contexto local (Gazeta de Oliveira, 1898). Em agosto do mesmo ano, destacou-se a chegada do Circo Estrela do Amazonas, sob a direção de Manoel José Barcelino. Este circo, que apresentava uma ampla variedade de atos incluindo equestres, ginástica, mímica, bailarinas e funambulismo, foi caracterizado como uma companhia "regular que se esforça para agradar ao público, variando o programa de seus espetáculos" (Gazeta de Oliveira, 1898; Gazeta de Oliveira, 1898).

Continuando com a análise dos eventos circenses, nos dois anos seguintes foram noticiadas mais duas companhias: em 1899, o Circo Zoológico, que iniciou sua

excursão pela região partindo de São João del Rei (Gazeta de Minas, 1899), e em 1900 esteve presente o Circo Spinelli, sob a direção de Afonso Legran Spinelli. Este último, com um elenco de 22 artistas, incluindo o palhaço Benjamin, reconhecido por sua capacidade de manter o público engajado, realizou nove espetáculos em Oliveira antes de se deslocar para Ribeirão Vermelho e Perdões (Gazeta de Minas, 1900; Gazeta de Minas, 1900; Gazeta de Minas,1900).

A análise da evolução das apresentações circenses nas localidades do Oeste de Minas Gerais, com base nos registros *da Gazeta de Oliveira*, revela uma variação distinta na frequência desses eventos ao longo dos dois períodos analisados. De 1887 a 1891, as atividades circenses foram relativamente limitadas e esporádicas. Mais detalhadamente, nessa primeira fase, antes da efetivação do prolongamento dos trilhos da EFOM, apenas três companhias foram registradas: o Circo Japonês (1887), a Companhia Equestre Hilário de Almeida (1888) e o Circo Estrela Oriente (1889).

Continuando a análise entre 1892 e 1900, período que marca a consolidação dos ramais da EFOM, observou-se um aumento considerável na frequência de apresentações circenses. Durante esses anos, a *Gazeta de Oliveira* noticiou a presença de 13 companhias circenses na região: Circo Equestre Lazaro Telles (1892), Companhia Equestre União Artística (1892), Circo Pery & Coelho (1894), Circo Equestre Bracesco & Barros (1894), Circo Baptista e Bracesco (1895), Circo Nacional (1896), Circo Japonês (1896), Circo Guanabara (1896), Circo Itália-Brasil (1897), Circo Modelo (1898), Circo Estrela do Amazonas (1898), Circo Zoológico (1899) e Circo Spinelli (1900).

Quanto às companhias teatrais itinerantes, o intervalo de 1887 a 1891 apresenta um panorama instigante. A primeira menção em Oliveira se refere à chegada da Companhia Dramática, liderada pelo renomado artista cômico S. Brandão e pela talentosa jovem atriz paulista Izaura Guimarães. O anúncio de estreia promovia o drama *Deus e a Natureza*, composto por quatro atos, sendo esta a primeira vez que tal peça foi levada aos palcos da cidade (Gazeta de Oliveira,1888)

No anúncio da Figura 4, a peça era promovida ao "ilustrado público oliveirense" como uma das “melhores teses discutidas no teatro nacional”. Após a peça principal, a programação contava com *As Duas Bengalas*, uma comédia do repertório da atriz Izaura Guimarães, que também contava com a participação do ator Brandão (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 1888). O periódico local relatou que, inicialmente, as dificuldades logísticas associadas ao transporte restringiram a companhia a trazer apenas “dez ou

doze” membros do elenco. A chegada completa da trupe, incluindo cenários, guarda-roupas e todos os equipamentos necessários para um “extenso repertório de peças e fantasias”, estava pendente da extensão da linha ferroviária até Oliveira, programada para coincidir com a expansão da ferrovia, originária de São João del Rei, até a cidade naquele mês (Gazeta de Oliveira, 1888).

Após os espetáculos iniciais e com a inauguração do primeiro ramal da Estrada de Ferro Oeste até Oliveira, novos artistas aderiram à trupe. Entre eles, Rangel Junior estreou no papel de “Angélica”, e Eupházia Guerreiro destacou-se como “Batatud”, apresentando “grande talento cômico, graça e simpatia”, o que rapidamente a tornou uma favorita do público. A crítica salientou que Eupházia já era um nome estabelecido nos teatros portugueses, e sua atuação em Oliveira só reforçou sua reputação (Gazeta de Oliveira, 1888). A companhia prosseguiu com uma série de representações em Oliveira, abrangendo uma gama de dramas e comédias que foram amplamente aclamadas pela qualidade das atuações e pela habilidade dos atores. Esses eventos atraíram uma grande afluência de público, conforme documentado pelos relatos da imprensa local (Gazeta de Oliveira, 1888; Gazeta de Oliveira, 1888). A temporada estendeu-se até 29 de julho de 1888, marcando uma longa permanência da companhia na cidade, de cerca de um mês e meio (Gazeta de Oliveira, 1888).

Em 15 de setembro de 1889, a *Gazeta de Oliveira* anunciou a chegada da companhia dramática comandada pelos Srs. Boldrini e Corrêa, vindos da cidade de Formiga (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 15 set. 1889, p. 3). O espetáculo de estreia, agendado para 22 de setembro, apresentaria o drama *Honra por Honra*, uma obra de notável profundidade dramática, ainda inédita para o público de Oliveira. A matéria jornalística antecipava a renomada qualidade da trupe, enfatizando as críticas positivas que a acompanhavam. Os diretores, descritos como "provectos artistas", prometiam proporcionar noites de entretenimento elevado. O artigo também destacava um convite especial à imprensa para a cobertura dos eventos, expressando a expectativa de uma recepção calorosa pelo entusiástico público local (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 22 set. 1889, p. 2).

Figura 4 - Cartaz de apresentação da Companhia Dramática S. Brandão

THEATRO

Grande Companhia Dramatica, dirigida pelo insigne artista comico

S. BRANDÃO

E

de propriedade da joven actriz paulista

IZAURA GUIMARÃES

ESTRÉA

da Companhia, Domingo 10 do corrente. Pela primeira vez n'esta cidade, representar-se-ha o grande drama em 4 actos:

DEOS E A NATUREZA

A empreza chama a attenção do illustrado publico Oliveirense para esta peça, uma das melhores theses discutidas no theatro nacional.

Terminará o espectaculo com a interessante comedia em um acto, do repertorio da joven actriz paulista Izaura Guimarães

INTITULADA

AS DUAS BENGALAS

Toma parte o actor BRANDÃO

COMEÇARA' O ESPECTACULO AS 8 1/2 HORAS EM PONTO

Fonte: Gazeta de Oliveira, Oliveira, 10 jun. 1888, p. 2

A crítica subsequente à estreia elogiou a atuação dos artistas e a efusiva acolhida do público. Boldrini, interpretando um fazendeiro baiano, foi capaz de provocar tanto risos quanto lágrimas com sua performance emocionante. Corrêa e D. Izaura receberam reconhecimento na imprensa pela excelência de suas atuações. Contribuíram para o sucesso das peças outros artistas, como D. Cherubina e Sr. Namura, que deixaram uma forte impressão no público. As comédias *Quem casa quer casa* e *À procura de um emprego* fizeram parte do repertório, sendo ambas muito bem recebidas pelos espectadores (Gazeta de Oliveira, 1889).

Prosseguindo com o sucesso, em 27 de outubro de 1889, a companhia encenou o drama em três atos *A Condessa Diana de Rione ou O Suicídio por Amor*. O drama foi seguido pela comédia *Manda Quem Pode*, que rapidamente se tornou

popular entre os oliveirenses (Gazeta de Oliveira, 1889). O cronista anônimo do periódico ressaltou a recepção positiva e elogiou a habilidade dos atores em alternar entre cenas dramáticas e cômicas, além de mencionar a capacidade de Boldrini e Corrêa em sustentar o interesse e entretenimento do público (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 1889). A temporada estendeu-se até meados de fevereiro de 1890, marcando uma longa permanência da trupe em Oliveira, o que refletia a forte conexão estabelecida com o público local (Gazeta de Oliveira, 1889; Gazeta de Oliveira, Oliveira, 1890).

No final do ano, em 14 de dezembro, a *Gazeta de Oliveira* comentou a chegada de Herculano Júnior à cidade, apresentando “as apreciações as mais lisonjeiras da imprensa das localidades onde tem trabalhado". O programa do espetáculo, amplamente divulgado em folhetos, prometia uma noite de entretenimento cativante e variado (Gazeta de Oliveira, 1890). Na edição seguinte, o crítico anônimo descreveu os espetáculos dos dias 15 e 18, elogiando Herculano por seus “trabalhos limpos e perfeitos de alta magia e prestidigitação, que foram muito aplaudidos”. Adicionalmente, as apresentações incluíram “cenas e cançonetas cômicas”, onde o artista revelou uma diversidade em seu talento. Apesar dos elogios à qualidade do espetáculo, o periódico expressou, com certo pesar, a “falta de concorrência”, sugerindo que as condições do teatro ou sua gestão podem ter sido fatores contribuintes para a baixa adesão do público (Gazeta de Oliveira, 1890).

No ano de 1891, Eduardo Lisboa, anteriormente membro da Companhia Dramática Aroso, marcou presença em Oliveira. O jornal local relatou sua chegada, mencionando que, devido a reparos no teatro, a data do primeiro espetáculo não pôde ser estabelecida (Gazeta de Oliveira, 1891). Em setembro, a companhia seguiu para Itapecerica, onde realizou uma série de apresentações que foram muito bem recebidas pela comunidade local e, em seguida, para a cidade vizinha de Formiga (Gazeta de Minas, 1891).

Entre 1892 e 1900, embora o número de companhias dramáticas reportadas pelo periódico de Oliveira não tenha aumentado de maneira relevante, observou-se uma sutil transformação no padrão das turnês dos grupos visitantes. As apresentações passaram a ser mais duradouras, e inovações no teatro começaram a surgir, como as primeiras exibições de teatros de fantoches e a incorporação de aparelhos tecnológicos nos espetáculos, o que ampliou as opções de entretenimento local. Um exemplo marcante foi a companhia de José P. Guyonnet, que, conforme

anunciado na edição de 9 de maio de 1892, prometia trazer a Oliveira uma nova experiência teatral (Gazeta de Oliveira, 1892).

Posteriormente, em novembro, a *Gazeta de Oliveira* divulgou uma carta de Franklin Bastos, diretor de uma trupe dramática que estava atuando em Prados. Bastos anunciava sua iminente chegada a Oliveira com uma "variedade de espetáculos", incluindo "prestidigitação, alta ilusão e comédias", ressaltando o enriquecimento e diversificação do repertório cultural oferecido ao público oliveirense (Gazeta de Oliveira, 1892).

No dia 3 de outubro de 1897, a Companhia Dramática, dirigida pelo Sr. J. Bretas, estreou em Oliveira com o drama em três atos *O Ódio à Raça*. A crítica, redigida por um cronista anônimo, elogiou especialmente a atuação de Ercília Bretas, destacando sua entrega e naturalidade em cena, que lhe renderam aplausos entusiásticos. As atuações de Sr. Bretas e dos demais membros do elenco também foram reconhecidas pela sua excelência. A noite encerrou-se com a comédia *Quinquin Teixeira*, que provou risadas contínuas da plateia e consolidou o sucesso da companhia (Gazeta de Oliveira, 1897).

A temporada da companhia estendeu-se até o final de outubro, com apresentações que variavam entre “dramas complexos” e “comédias leves”, além de performances acompanhadas pelo músico João Francisco da Matta, ampliando a diversidade do repertório apresentado (Gazeta de Oliveira, 1897). Após o sucesso da temporada em Oliveira, a trupe deslocou-se para Itapecerica, para uma temporada de espetáculos (Gazeta de Oliveira, 1897).

Em 13 de maio de 1900, a Companhia Dramática Araújo Silva iniciou sua temporada em Oliveira com o drama *O Mendigo de Paris*, conforme divulgado pela *Gazeta de Minas* (Gazeta de Minas, 1900). Apesar dos contratempos ocasionados pelas chuvas intensas, os espetáculos, incluindo o drama *A Honra na Miséria* e a comédia *O Tio Padre ou A Herança dos 50 Contos*, receberam ampla cobertura na imprensa. Os artistas foram aclamados por suas interpretações autênticas e comoventes, recebendo calorosos aplausos. O diretor, Sr. Araújo Silva, foi especialmente elogiado por sua maestria teatral, descrito como “um verdadeiro ator, com profundo conhecimento do palco e mestre nos segredos da arte complexa de João Caetano” (Gazeta de Minas, 1900).

Em 1º de julho, a apresentação atraiu um público tão numeroso que o espaço ficou completamente lotado. Conforme descrito pelo cronista da época: "nenhum

lugar vazio" (Gazeta de Minas, Oliveira, 13 mai. 1900, p. 2). Durante os meses de junho e julho, a companhia continuou a despertar o interesse do público local com suas performances, como registrado pela imprensa. Um dos momentos mais marcantes foi a participação de Olympio Leite, morador de Oliveira, cuja atuação no monólogo *A Mosc*a e na comédia *Os Dois Surdos* foi amplamente elogiada. Segundo os relatos, ele interpretou o papel de “Francisco” com tamanha habilidade que foi comparado a um “ator profissional, não um amador”, o que contribuiu para o sucesso continuado dos espetáculos (Gazeta de Minas, 1900).

Após a temporada bem-sucedida da Companhia Dramática Araújo Silva, que se prolongou por mais de dois meses, foi a vez de outro grupo teatral visitar Oliveira. No dia 5 de agosto de 1900, a Companhia Alves Vieira estreou com um espetáculo variado que contou com a participação da aclamada atriz e cantora Luiza Dalbert (Gazeta de Minas*,* 1900). As encenações teatrais continuaram ao longo do mês, com a companhia realizando uma “festa artística” na quinta-feira seguinte, que foi bem recebida e comentada pelos críticos locais. Esta apresentação não só consolidou a reputação da trupe na cidade, mas também fortaleceu, conforme noticiado, o apreço dos espectadores por produções teatrais de alta qualidade (Gazeta de Minas, 1900).

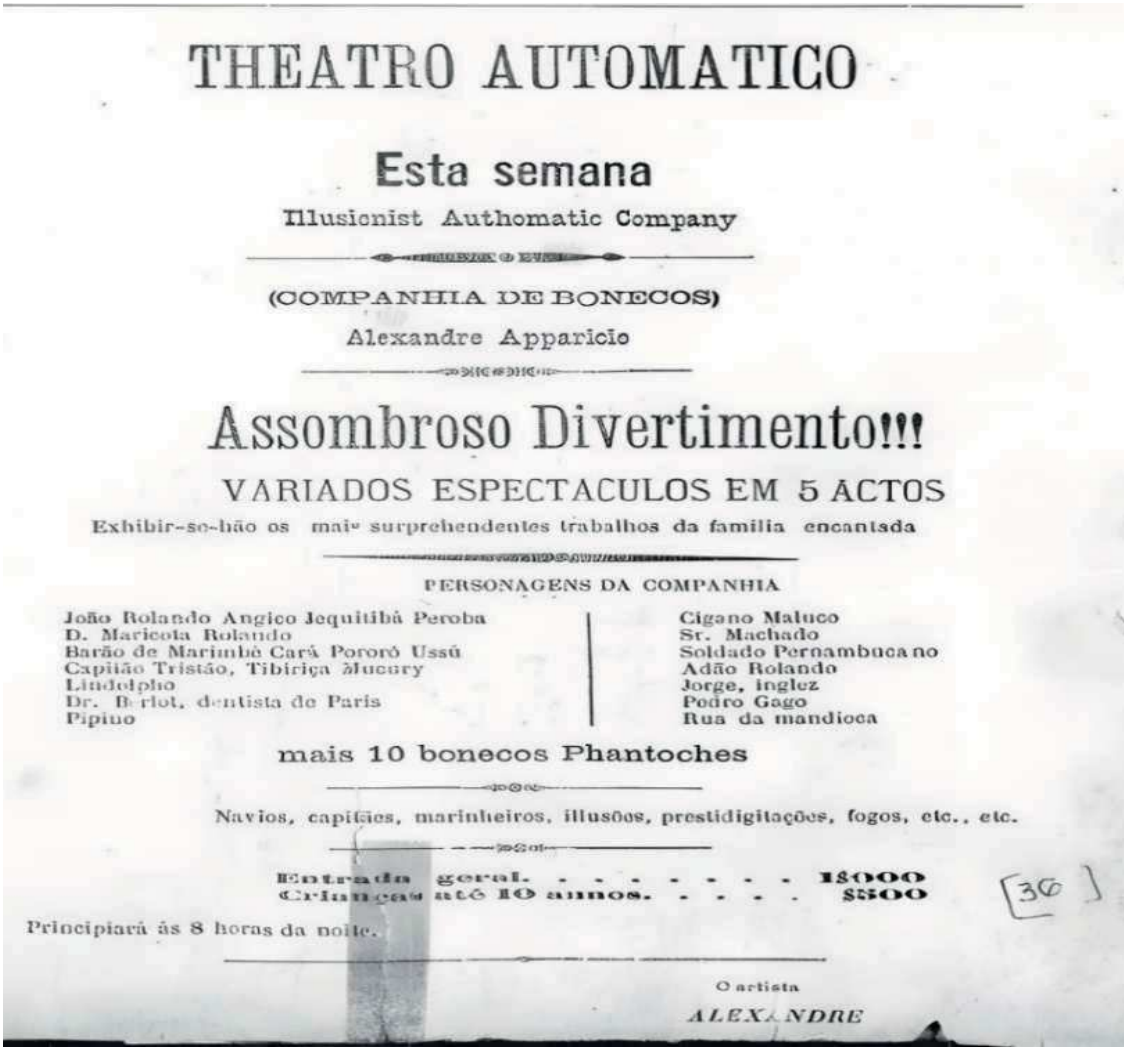
Em setembro, a companhia levou suas apresentações para Itapecerica, onde realizou uma série de espetáculos bem recebidos. Segundo a *Gazeta de Minas*, a trupe foi “muito aplaudida e admirada pelo desempenho e correção com que se apresenta no palco, evidenciando grande prática” (Gazeta de Minas, 1900). Em seguida, o grupo prosseguiu para a cidade de Formiga, onde a população, descrita como uma das “mais avançadas” do estado, era esperada para apreciar a insígnia atriz (Gazeta de Minas, 1900).

Durante a década de 1890, Oliveira destacou-se pela regularidade com que recebia companhias de teatro dramático e circense, além de ter sido um palco para novos formatos de entretenimento cênico que capturavam a imaginação popular. Entre essas inovações, a estreia do teatro de fantoches acrescentou uma nova camada de diversidade e criatividade ao cenário cultural local. Utilizando bonecos, máscaras e outros objetos para encenar histórias, o teatro de fantoches começou suas atividades em setembro de 1892, sob a liderança do Sr. Alexandre Aparício. Ele montou seu teatro no prédio da Fábrica de Cerveja, situado na Praça do Cruzeiro, uma localização estratégica por estar próxima à estação ferroviária. Durante as celebrações religiosas de Nossa Senhora do Carmo, no distrito de Carmo da Mata,

Aparício expandiu suas apresentações para aquela localidade e, posteriormente, retornou a Oliveira, onde cumpriu a promessa de um espetáculo de despedida (Gazeta de Oliveira, 1892; Gazeta de Oliveira, 1892).

No anúncio divulgado na Figura 5 sobre a última exibição do teatro de fantoches do Sr. Aparício, é possível observar a estratégia do empresário para atrair o público. Em síntese, ele utilizava uma combinação de atos variados, unindo ilusionismo, fantoches e outras formas de entretenimento visual e performático. A lista de personagens incluía figuras exóticas e pitorescas, como "João Rolando Angico Jequitibá Peroba", "D. Maricota Rolando", "Barão de Marimbá Cará Pororó Ussú", "Capitão Tristão", “Tibiriçá Alucury" e "Dr. Briot, dentista de Paris". Esses nomes criativos sugerem que os espetáculos provavelmente incorporavam elementos de comédia e sátira. Além disso, o anúncio na Figura 5 menciona "mais 10 bonecos Fantoches", indicando a diversidade de marionetes que seriam utilizadas nas performances (Gazeta de Oliveira, 1892).

Em 1898, Henrique Fornero e sua trupe de fantoches anunciaram sua primeira visita a Oliveira, após uma temporada em São João del Rei (Gazeta de Oliveira, 1898). Segundo o periódico local, a estreia ocorreu em novembro e proporcionou "noites agradáveis com gargalhadas e aplausos entusiasmados" (Gazeta de Oliveira, 1898). Contudo, a localização do teatro construído para as apresentações, distante do centro da cidade, foi apontada pela imprensa como um obstáculo. Sugeria-se que uma posição mais central poderia ter atraído um público maior, especialmente devido ao período de chuvas, que dificultava o deslocamento de algumas famílias (Gazeta de Oliveira, 1898). Apesar desse contratempo, as performances foram amplamente elogiadas, com destaque para o personagem “Briguella”, cujas habilidades cômicas e dramáticas cativaram tanto crianças quanto adultos, provocando "gargalhadas" e "aplausos entusiasmados" (Gazeta de Oliveira, 1898).

Figura 5 - Cartaz de apresentação do Teatro Automático

THEATRO AUTOMATICO

Esta semana

Illusionist Authomatic Company

(COMPANHIA DE BONECOS)

Alexandre Apparicio

Assombroso Divertimento!!!

VARIADOS ESPECTACULOS EM 5 ACTOS

Exhibir-se-hão os mais surprehendentes trabalhos da familia encantada

PERSONAGENS DA COMPANHIA

João Rolando Angico Jequitibá Peroba
D. Maricota Rolando
Barão de Marimbé Cará Pororó Ussú
Capitão Tristão, Tibiriça Mucury
Lindolpho
Dr. Beriot, dentista de Paris
Pipiuo

Cigano Maluco
Sr. Machado
Soldado Pernambucano
Adão Rolando
Jorge, inglez
Pedro Gago
Rua da mandioca

mais 10 bonecos Phantoches

Navios, capitães, marinheiros, illusões, prestidigitações, fogos, etc., etc.

Entrada geral. . . . . 1$000
Crianças até 10 annos. $500

Principiará ás 8 horas da noite.

O artista

ALEXANDRE

Fonte: Gazeta de Oliveira, Oliveira, 11 set. 1892, p. 4.

No ano seguinte, em agosto de 1899, foi noticiado pela Gazeta de Minas que a Companhia de Briguella, “já conhecida do público oliveirense”, estava em Cláudio e planejava realizar sua segunda turnê em Oliveira, prometendo iniciar mais uma série de espetáculos cativantes no final daquele mês (Gazeta de Minas, 1899). Essas apresentações, conforme também noticiado pelo periódico, ocorreriam em um pavilhão especialmente montado no Largo da Matriz, “dispondo assim de melhores acomodações e de um amplo palco, onde Briguella desenvolveria suas habilidades com mais liberdade” (Gazeta de Minas, Oliveira, 1899).

A estreia ocorreu em 26 de agosto e, mais uma vez, “Briguella, o impagável”, conquistou o público com seu carisma inquestionável. O espetáculo de despedida foi

realizado em 10 de setembro do mesmo ano, com a apresentação do drama *A Vida de Pedro Malazarte*. O cronista que cobriu os eventos da companhia, liderada pelo empresário Sr. Fornero, publicou um anúncio convidativo, exortando o público a prestigiar a última aparição do “teatro de bonecos”. Ele enfatizou que essa seria a derradeira chance de "apreciar as proezas de Briguella", evidenciando o caráter excepcional e imperdível do evento (Gazeta de Minas, 1899; Gazeta de Minas, 1899).

Fazendo um panorama geral das excursões teatrais, tomando os dois períodos investigados como referência, no primeiro período, entre 1887 e 1891, foram noticiadas pela *Gazeta* 4 (quatro) companhias teatrais que excursionaram pela região: Companhia São Brandão (1888), Companhia Dramática liderada pelo artista Boldrini (1889-1890), Trupe Dramática Herculano (1890) e Companhia do ator Eduardo Lisboa (1891). Já no segundo período, que compreende os anos de 1892 e 1900, reiterando tratar-se do momento de consolidação dos ramais da Estrada de Ferro Oeste de Minas, a *Gazeta* da cidade de Oliveira noticiou a excursão de 7 (sete) companhias teatrais e de teatro de fantoches pela região, a saber: Companhia do Sr. José P. Guyonnet (1892), Trupe de Franklin Bastos (1892), Companhia Dramática dirigida pelo Sr. J. Bretas (1897), Companhia Dramática Araújo Silva (1900), Companhia Alves Vieira (1900), Teatro de Fantoches do Sr. Alexandre Aparício (1892) e Teatro de Fantoches de Henrique Fornero (1898 e 1899).

Por conseguinte, a diversidade das atrações artísticas em Oliveira e localidades vizinhas continuava a surpreender e encantar o público. Em 16 de dezembro de 1894, uma nova modalidade de espetáculo passou a ocupar a seção de comentários e anúncios da *Gazeta de Oliveira*. Desta vez, anunciava-se a chegada de “um grupo de toureadores espanhóis” que realizaria em Oliveira uma série de cinco apresentações, agendadas para os dias 25 e 30 de dezembro de 1894 e 1, 6 e 13 de janeiro de 1895. A "Companhia Espanhola de toureadores" era liderada por Juan Romero Jerezano e contava com a participação de destacados farpeadores, como Antônio Romero (Cantitos) e Paquillo Antello (Esparterillo), além do bandeireiro Francisco Antello (Gazeta de Oliveira, 1894).

De acordo com uma nota publicada por um cronista anônimo, a estreia ocorreu no dia 25 de dezembro daquele ano, atraindo “uma grande concorrência de espectadores”, ávidos por assistir, nas palavras do mesmo cronista, “um gênero de divertimento novo”. No entanto, as condições climáticas desfavoráveis, o espaço reduzido para a apresentação e o cansaço dos bois impediram que os toureadores

exibissem “todas as habilidades de que dispõem na arte da tauromaquia”. Para o segundo espetáculo, o “empresário” informou que o espaço seria ampliado e providenciou “capim” para os bois, “removendo assim os obstáculos que tiveram no primeiro dia, para dar hoje uma segunda esplêndida função aos apreciadores desse divertimento” (Gazeta de Oliveira, 1894)

O grupo de toureadores continuou a anunciar suas apresentações no início de janeiro de 1895, conforme indicado nas edições do periódico local (Gazeta de Oliveira, 1895; Gazeta de Oliveira, 1895). Em 23 de agosto de 1896, a *Gazeta de Oliveira* noticiou que uma nova companhia tauromáquica estava na cidade, com estreia marcada para aquele dia. A publicação alertava os leitores para o anúncio feito pelo Sr. Paquillo, diretor da companhia, na seção pertinente do jornal (Gazeta de Oliveira, 1896).

De acordo com o anúncio mencionado na Figura 6, a apresentação contaria com a notável presença de artistas renomados, tais como Francisco Pujulá, Francisco Soler e Joaquim Pruna, conhecido como "Palhaço Pegador". O evento, programado para ocorrer em um domingo, prometia oferecer um grande repertório de difíceis sortes “nunca vistas neste lugar", destacando a singularidade e o ineditismo das performances. O anúncio também realçava que, apesar dos custos elevados associados a esse tipo de espetáculo, o empresário havia planejado reduzir os preços dos ingressos ao "mínimo possível" para torná-los acessíveis ao público de Oliveira. Enfatizava-se a segurança e a organização do evento, com a garantia de supervisão rigorosa "tanto nas arquibancadas quanto nos locais onde se prende o gado", assegurando um evento bem estruturado e seguro para todos os espectadores (Gazeta de Oliveira, 1896 ; Gazeta de Oliveira, 1896).

Em 13 de março de 1898, o jornal *Gazeta de Oliveira* informou o desembarque de mais um grupo tauromáquico em Oliveira, desta vez sob a direção do “experiente” empresário Bernardino Antunes de Andrade Junior (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 13 mar. 1898, p. 2). O evento inaugural, agendado para um domingo, prometia uma "grande e esplêndida corrida de 6 bravíssimos touros". Na promoção do espetáculo, o empresário Bernardino enfatizou seu compromisso com a qualidade do evento, mencionando a seleção cuidadosa dos touros e a participação de artistas famosos, entre eles Francisco Miranda (El Terrífico), Frederico Bernal (El Segundo), José Vicente (El Rubio Augusto) e o bandeireiro El Peinador (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 23 ago. 1896, p. 3.)

Figura 6 - Cartaz de apresentação da Companhia Tauromáquica Espanhola

PRAÇA DE TOUROS

Importante Companhia Tauromachica Hespanhola

Sob á direcção do artista Paquillo

HOJE DOMINGO

ESTRÊA

A's 4 horas da tarde

Esta Companhia composta de habilitados artistas vem pela primeira vez a esta cidade apresentar os seus difficeis trabalhos, a qual tem um grande repertorio de difficeis sortes nunca vistas neste logar. Presente que esteja a dignissima autoridade, no seu respectivo camarote, ao signal do clarim se dará começo á corrida pelos artistas seguintes:

Francisco Pujulá (A) Paquillo

Francisco Soler

PALHAÇO PEGADOR,

Joaquim Pruna (A) Noy

Que pegará todas aquellas rezes que reunirem condições para esta difficil sorte e fôr designada pelo director.

Os artistas farão as mais difficeis sortes conforme forem sahindo os condições do gado.

Farão trabalhar quatro bravas rezes, escolhidas e experimentadas nas quaes se garante a bravura.

A'S 4 HORAS A'S 4 HORAS

AOS TOUROS

AOS TOUROS

N. B.—O emprezario do Circo, apezar dos muitos gastos e despezas que originam esta qualidade de espectaculo, afim de não ser dispendioso para o adiantado povo desta cidade, resolveu pôr os minimos preços de

Entrada geral. . . . . 1$000

Reservada . . . . . 2$000

Não ha meias entradas

Como tambem participa aos Exmas. familias e ao publico em geral, que o Circo está com toda a maior segurança, tanto nas archibancadas como onde se prende o gado, por ser feito sob a direcção de quem o garantisse, o qual está a disposição do publico desde hoje ficam ás 4 horas da tarde, para ser examinado.

PAQUILLO.

HOJE 23 DE AGOSTO HOJE

Fonte: Gazeta de Oliveira, Oliveira, 23 ago. 1896, p. 3.

.

O anúncio na imprensa local detalhou a programação da apresentação, marcando o início da corrida para as 3 horas da tarde, ao som do clarim, e prometeu "as mais difíceis e apreciadas sortes", garantindo um entretenimento vibrante para o público. Além disso, a segurança e o conforto dos espectadores eram uma prioridade, com a colaboração da "digníssima Autoridade Policial" assegurando a ordem durante o espetáculo (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 20 mar. 1898, p. 3).

Após a estreia, um cronista anônimo, que acompanhou de perto os espetáculos, detalhou os esforços e desafios enfrentados pela companhia tauromáquica liderada por Bernardino Antunes de Andrade Júnior. Em suma, foi explicitada a dificuldade do empresário em obter touros de qualidade adequada para as lides dos artistas de sua companhia, um problema que era frequente e crucial para

o sucesso das touradas. Pesquisadores do tema confirmam essa constante busca por touros "bravos", essenciais para a excelência das apresentações. De acordo com estudos recentes, os grupos tauromáquicos muitas vezes se deparavam, nas cidades visitadas, com a escassez de animais entre fazendeiros e criadores que atendessem às exigências das sortes nos rondeis, dada a limitada disponibilidade de touros adequados para compra ou aluguel (Amaral; Nunes; Xavier, 2023).

Apesar desses obstáculos, os toureiros Francisco Miranda, Berniche e Frederico Bernal chamaram atenção pela execução de “sortes” complexas com “grande habilidade e elegância”. A destreza dos toureiros foi particularmente evidente na passagem de ferros, uma técnica que demanda “precisão e coragem”. Augusto José Ribeiro, um pegador habilidoso, desempenhou um papel crucial nas pegas de vara, considerado um dos momentos mais “perigosos” e “emocionantes” do espetáculo. José Vicente (El Rubio) também teve papel importante, oferecendo suporte significativo aos seus colegas e destacando a coesão do grupo dentro da arena, conforme reportado pela *Gazeta de Oliveira* (Gazeta de Oliveira, 1898).

Durante este novo período, marcado por inovações no ramo do entretenimento itinerante, o jornal de Oliveira evidenciou a atuação de três companhias tauromáquicas: o Grande Circo de Touros, ativo em 1894 e 1895; a Companhia Tauromáquica Espanhola, que se apresentou em 1896; e o Circo de Touros, com performances em 1898. Essas companhias desempenharam um papel crucial na popularização das touradas na região, atraindo públicos numerosos e diversificados.

Na esteira do ineditismo dos artistas tauromáquicos, em 8 de abril de 1894, *a Gazeta de Oliveira* anunciava a chegada de um marco tecnológico que rapidamente capturou o interesse e a imaginação dos oliveirenses, o fonógrafo. Conforme relatado por um cronista anônimo, a inovação foi descrita como uma "máquina que fala", um feito de engenharia que parecia quase mágico aos ouvidos dos contemporâneos:

> Pelo expresso de ontem chegaram a esta cidade os Srs. J. Trindade e Eugenio Botelho, que aqui vêm exibir a curiosíssima e extraordinária invenção de Edison, o fonógrafo (uma máquina que fala), farão hoje diversas exibições no Grande Hotel” (Gazeta de Oliveira, 1894, p. 2).

Após as exibições, os senhores Coelho e Trindade receberam elogios do periódico local, sendo aclamados como os embaixadores desta "curiosidade científica". Os registros da imprensa revelam que o fonógrafo encantou o público de Oliveira, não apenas como uma “forma agradável de diversão”, mas também como

uma novidade tecnológica “fascinante”. O aparelho atraiu um considerável número de espectadores, motivado tanto pela novidade do dispositivo quanto pela conduta “exemplar dos apresentadores”, que foram amplamente apreciados por sua cordialidade e atenção. A notícia também destacava que as demonstrações do fonógrafo continuariam no salão do Grande Hotel, impulsionadas pela forte demanda e pelo crescente interesse do público. O sucesso dessas exibições indicava uma possível extensão do período de apresentações, uma resposta direta à curiosidade que que aumentava entre os habitantes da cidade (Gazeta de Oliveira, 1894).

Inovações tecnológicas no ramo do entretenimento não se limitaram ao fonógrafo. No último ano do século XIX, os moradores de Oliveira vivenciaram suas primeiras experiências com imagens em movimento, ou seja, o cinematógrafo. Segundo Carvalho (2010), o cinematógrafo intensificou a fascinação do público por tecnologias capazes de capturar e reproduzir a realidade cotidiana — até então inédita — por meio das lentes. Esse dinamismo foi evidenciado em julho de 1900, quando a *Gazeta de Minas* anunciou a iminente exibição do cinematógrafo, de propriedade do empresário Gustavo Vschenek. Após passar por Itapecerica e Formiga, Vschenek trouxe essa tecnologia emergente para Oliveira (Gazeta de Minas, 1900).

Em agosto do mesmo ano, Max Stechert, empresário itinerante especializado em cinematógrafo, chegou a Oliveira, introduzindo uma nova atração tecnológica ao cenário cultural da cidade. Chegando por “expresso ferroviário”, Stechert deu início a uma série de projeções que receberam elogios pela excepcional nitidez das imagens, descritas pela imprensa como "realmente naturalíssimas". As sessões foram avaliadas como "muito agradáveis" (Gazeta de Minas, 1900). Ao término da temporada, o anúncio de despedida do cinematógrafo foi amplamente divulgado. Um cronista local incentivou a população a não perder "a última oportunidade de contemplar uma das maravilhas do século", ressaltando o impacto que essa inovação tecnológica havia causado entre os espectadores.

Integrando-se à efervescência cultural e ao espectro das novas formas de entretenimento que surgiram com a expansão dos trilhos, os mágicos — também conhecidos como ilusionistas e prestidigitadores — capturaram o imaginário do público. Em janeiro de 1894, Oliveira recebeu com "grande entusiasmo" o "renomado" ilusionista Dr. Faure Nicolay. Acompanhado de suas duas filhas e discípulas, os informes publicitários anunciavam "dois únicos espetáculos", programados para os

dias 20 e 21 de janeiro, no salão da Câmara Municipal, temporariamente adaptado para as apresentações devido à ausência de um teatro apropriado na cidade (Gazeta de Oliveira, 1894).

A chegada do ilusionista foi recebida com críticas que enalteciam seus êxitos nos principais palcos do Brasil e da Europa. Suas apresentações, frequentemente elogiadas pela imprensa em cidades de destaque como Rio de Janeiro, São Paulo e capitais mineiras, consolidavam sua reputação. Descrito por um cronista anônimo como "professor Nicolay", o ilusionista se diferenciava dos "impostores que proliferavam com falsas promessas e títulos imerecidos". Ele reforçava que sua respeitável trajetória era resultado de suas habilidades genuínas e do prestígio conquistado junto ao público. A reportagem finalizava com um convite aos cidadãos de Oliveira, instando-os a não perder a oportunidade de "admirar um artista de primeira ordem", sugerindo que a presença do ilusionista oferecia mais do que uma simples performance, mas uma experiência cultural enriquecedora (Gazeta de Oliveira, 1894).

Em linha com essa reputação e prestígio, a programação oferecida foi cuidadosamente elaborada para proporcionar uma "experiência única". Anunciada como "o mais belo e variado espetáculo até então conhecido", a diversidade do repertório, que incluía ilusionismo, encantou o público. Esse detalhamento pode ser observado no anúncio publicado na edição de 28 de janeiro de 1894 do jornal *Gazeta de Oliveira* (Figura 7). A abertura do espetáculo foi marcada pela execução de uma orquestra, seguida pela atuação denominada *sinfonia*, que introduzia um misterioso truque de levitação, além da peça *O Fantasma*. A continuidade da apresentação, também intitulada *sinfonia*, proporcionava um verdadeiro “mergulho nas ilusões de Faure Nicolay”, com demonstrações práticas que culminavam na revelação de sua mais recente criação, *A Filha do Ar* (Gazeta de Oliveira, 1894).

Três anos após a turnê do ilusionista Faure Nicolay, em 1897, o periódico de Oliveira relatou as apresentações do prestidigitador Oscar A. Gamboa, elogiando suas performances como demonstrações exemplares de maestria na "arte da ilusão". As apresentações de Gamboa, segundo o jornal, fascinaram o público local com sua "perfeição, brilhantismo e grande ilusão", resultando em "justos e gerais aplausos".

Figura 7 - Cartaz de apresentação do mágico Faure Nicolay

Fonte: Gazeta de Oliveira, Oliveira, 28 jan. 1894, p. 3

SALÃO MUNICIPAL

CURIOSIDADE DA EPOCA
GRANDE FESTA ARTISTICA
SUBLIME NOVIDADE

GRANDE SUCCESSO DO DIA

SUBLIME NOVIDADE
ADMIRAÇÃO PARA TODOS
PROGRESSO DA SCIENCIA

HOJE Domingo HOJE
28 de Janeiro, as 8 e meia da noite

O mais bello e variado espectaculo conhecido até hoje
PELO AFAMADO ILLUSIONISTA
FAURE NICOLAY
e suas festejadas filhas e discipulas
ROSINA E PAULA
PROGRAMMA ESCOLHIDO E VARIADO
PRIMEIRA PARTE Ouvertura (pela orchestra)
SEGUNDA PARTE (Symphonia)
TERCEIRA PARTE (Symphonia)
Explicação do novas experiencias que o espectador aprenderá sem difficuldade.—Exercicios de grande curiosidade pelas meninas PAULA.—Mysteriosas substituições pelas meninas Paula e Rosina.
ULTIMAS CREAÇÕES DE NICOLAY, EM PARIZ
PREÇOS—Cadeiras 3$000, assentos em bancos e entrada geral 2$000, Cadeiras para creanças de menos de 10 annos 2$, geraes para creanças 1$
Os bilhetes acham-se á venda no salão da Camara Municipal e no Grande Hotel Oliveirense.

do pensamento", pela qual Gamboa alegadamente conseguia adivinhar os pensamentos e desejos da audiência, impressionando profundamente os espectadores. Seus espetáculos foram descritos como "regularmente concorridos", e o cronista destacou que o sucesso de Gamboa não se devia apenas à sua habilidade como ilusionista, mas também à sua "fina educação e maneiras", elementos que, em conjunto, reforçavam sua reputação e carisma junto ao público de Oliveira (Gazeta de Oliveira, 1897). Esse perfil de um ilusionista culto e refinado alinhava-se perfeitamente às expectativas da elite local e dos entusiastas da cultura, que valorizavam não apenas o entretenimento, mas também a sofisticação e o valor artístico das apresentações.

Integrando-se à efervescente cena cultural da região, enriquecida pelas variadas formas de entretenimento — teatro, circo, touradas, fonógrafo, cinematógrafo, ilusionismo e prestidigitação —, floresceu uma vibrante cena musical dentro desse universo de espetáculos ambulantes. Em 1892, a *Gazeta de Oliveira* destacou um concerto promovido pelos "irmãos Rabello, já bem conhecidos no nosso estado", que haviam chegado do Rio de Janeiro (Gazeta de Oliveira, 1892). Segundo o periódico, as apresentações ocorreram no edifício da Câmara Municipal e atraíram um público numeroso, refletindo a reputação dos irmãos Rabello como "exímios artistas". Ainda de acordo com o jornal, a capacidade dos músicos de arrancar "frenéticos aplausos do numeroso auditório" demonstrava sua maestria, enquanto a execução de "diversas peças no violão" destacou-se pela "perícia", reafirmando os elogios recebidos pela imprensa de Minas Gerais e de outras regiões do país (Gazeta de Oliveira, 1892).

Em dezembro de 1897, a cidade de Oliveira recebeu a violinista Giulietta Dionesi, acompanhada por seu esposo, o pianista Emilio Grossoni, cuja trajetória de excursões foi narrada na parte inicial deste capítulo. A estreia de Dionesi gerou avaliações positivas e atraiu a atenção da imprensa local. Um cronista anônimo publicou uma crítica detalhada, comentando a habilidade técnica e a qualidade artística das performances da violinista:

> Giulietta Dionesi
>
> Três concertos! Foram apenas três os concertos realizados em Oliveira por essa notável filha da bela Itália, essa glória de sua terra natal, essa celebridade que tem encantado o mundo com seus acordes melodiosos, sua harmonia que arrebata, seu encanto que fascina e sua perfeição surpreendente. Com uma doçura inefável e uma arte incomparável, ela transforma o mavioso violino em uma vara mágica nas mãos delicadas de Giulietta Dionesi, despertando os sentimentos mais sublimes do ideal belo! Não queremos nos vangloriar de talentos que não possuímos. Conhecemos pouco de música, mas, assim como a boa poesia e a boa pintura, quando magistralmente executada, a música faz vibrar todas as cordas dos corações mais rudes, desperta os sentimentos mais adormecidos, apura os ouvidos mais exigentes e transforma cada ouvinte em um crítico severo que jamais erra em seu julgamento. Foi assim que nos sentimos desde a primeira nota tocada por Giulietta Dionesi em seu querido violino até o eco da última nota, que cai em nossa alma como um bálsamo consolador, amenizando as delícias sublimes que raramente são concedidas aos mortais. Esse é o selo divino que é gravado nas almas dos artistas de maior gênio. O orgulho, o concerto realizado em sua honra, merece a plateia cheia de sua voz, reinando e encantando (Gazeta de Oliveira, 1897, p. 1).

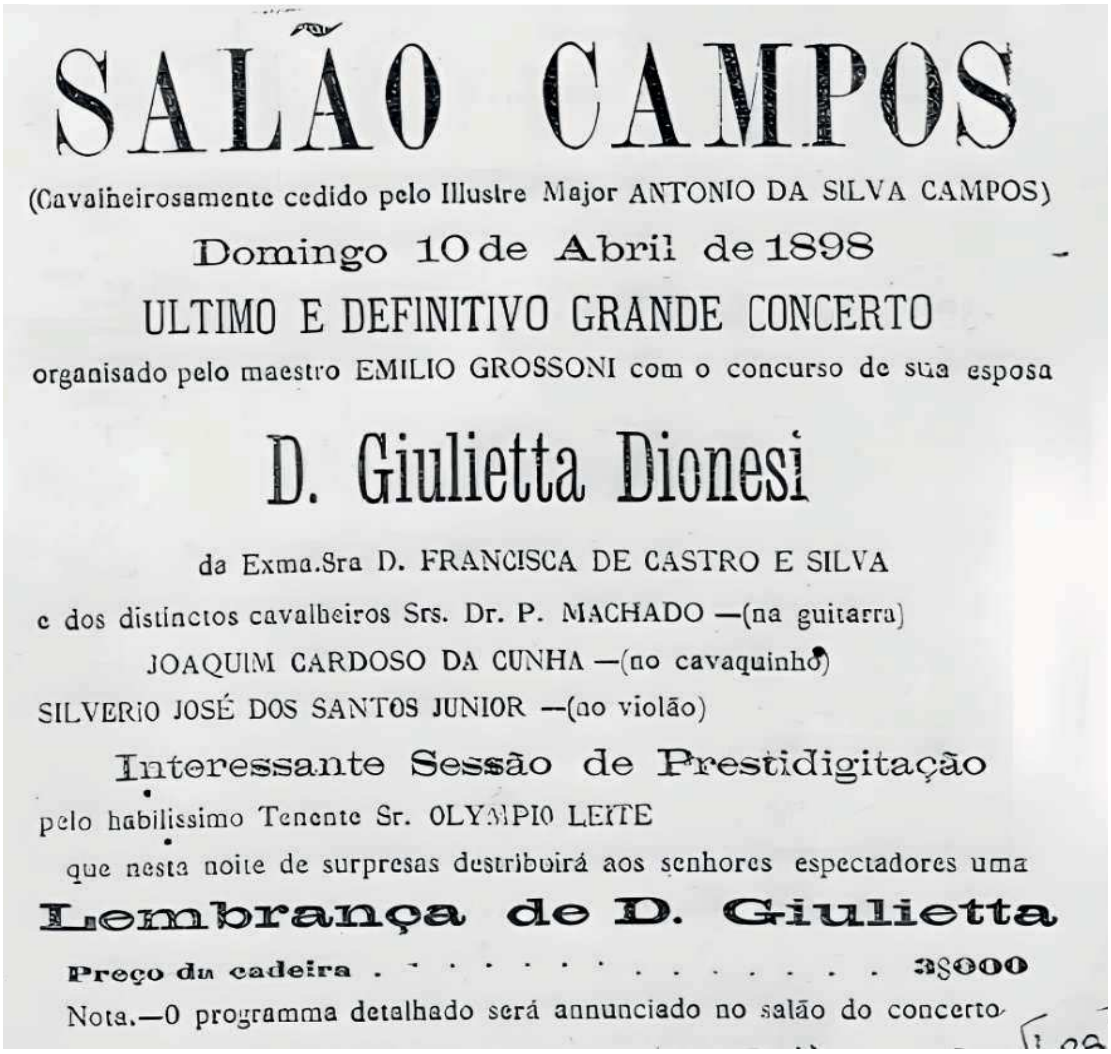
Após sua primeira passagem por Oliveira, a *Gazeta de Oliveira* anunciou no ano seguinte que "esta brilhante e genial violinista, que o público de Oliveira já teve a

felicidade de ouvir, deverá ornamentar a nossa cidade com a sua amável presença durante dois únicos concertos" (Gazeta de Oliveira,1898). Em março de 1898, Giulietta Dionesi deu início à sua segunda temporada de concertos, o que reafirmou sua popularidade entre os espectadores locais. As críticas após os primeiros concertos foram bastante positivas. De acordo com o periódico, um dos espectadores declarou: “Giulietta Dionesi é uma maravilha do presente século” (Gazeta de Oliveira, 1898).

A variedade e a complexidade do programa dos concertos de Dionesi, conforme relado pelas fontes, reforçam a percepção de seu sucesso entre os espectadores. No anúncio da Figura 8, publicado pela *Gazeta de Oliveira*, são detalhados os participantes do repertório, incluindo Francisca de Castro e Silva ao piano, P. Machado na guitarra, Joaquim Cardoso da Cunha no cavaquinho e Silvério José dos Santos Junior no violão. Além disso, o espetáculo contou com uma “interessante sessão de prestidigitação”, conduzida pelo amador local Tenente Olympio Leite (Gazeta de Oliveira, 1898). As apresentações foram descritas como uma “grande festa artística”, atraindo um público considerável. A única limitação foi a capacidade do salão, que, segundos relatados, “se a concorrência não foi maior, é porque o salão não comportava mais famílias” (Gazeta de Oliveira, 1898).

As narrativas detalhadas sobre as apresentações itinerantes que percorreram o Oeste de Minas Gerais, com foco particular em Oliveira e nas localidades adjacentes entre 1887 e 1900, revelam uma rica diversidade de espetáculos oferecidos por variadas trupes artísticas. Entre essas atrações destacavam-se os circos, teatros, touradas, demonstrações de fonógrafos e cinematógrafos, além de performances de mágicos, prestidigitadores e músicos. Esta fase, explorada na presente seção, refere-se aos primórdios da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), entre 1881 e 1889, período em que 5 companhias artísticas – 3 circos e 2 grupos teatrais – realizavam incursões na região, com uma periodicidade aproximada de uma visita a cada dois anos.

Figura 8 - Cartaz de apresentação de Giulietta Dionesi



SALÃO CAMPOS

(Cavalheirosamente cedido pelo Illustre Major ANTONIO DA SILVA CAMPOS)

Domingo 10 de Abril de 1898

ULTIMO E DEFINITIVO GRANDE CONCERTO

organisado pelo maestro EMILIO GROSSONI com o concurso de sua esposa

D. Giulietta Dionesi

da Exma.Sra D. FRANCISCA DE CASTRO E SILVA

e dos distinctos cavalheiros Srs. Dr. P. MACHADO —(na guitarra)

JOAQUIM CARDOSO DA CUNHA —(no cavaquinho)

SILVERIO JOSÉ DOS SANTOS JUNIOR —(no violão)

Interessante Sessão de Prestidigitação

pelo habilissimo Tenente Sr. OLYMPIO LEITE

que nesta noite de surpresas destribuirá aos senhores espectadores uma

Lembrança de D. Giulietta

Preço da cadeira . . . . . 3$000

Nota.—O programma detalhado será annunciado no salão do concerto.

Fonte: Gazeta de Oliveira, Oliveira, 10 abr. 1898, p. 2.

Prosseguindo para a década de 1890, especialmente após 1892, quando as linhas ferroviárias foram estendidas, testemunhou-se um aumento substancial no dinamismo cultural da região. De 1892 e 1900, os registros jornalísticos documentam a presença de 29 companhias itinerantes, que abarcavam 13 circos, 7 trupes de teatro e fantoches, 3 companhias tauromáquicas, 3 grupos especializados inovações tecnológicas, 2 mágicos/prestidigitadores e 2 grupos musicais. Esse período caracterizou-se por uma intensificação na oferta de entretenimento, com uma média de aproximadamente três visitas anuais. Tal movimento não apenas enriqueceu a experiência cultural dos habitantes do Oeste de Minas Gerais, refletindo, no mesmo ensejo, transformações sociais e tecnológicas da época.

É importante reconhecer que, embora as notícias e anúncios veiculados nas páginas da *Gazeta* da cidade de Oliveira ofereçam insights valiosos, esses registros não representam um retrato completo do circuito artístico regional. É possível que outras companhias itinerantes tenham atuado no Oeste de Minas Gerais, mas deixado poucos ou nenhum vestígio nos periódicos, especialmente em anos cujas edições não sobreviveram ao tempo. Ademais, algumas dessas visitas podem ter ocorrido em períodos cujos registros foram perdidos devido à ausência de preservação ou à deterioração dos arquivos jornalísticos. Apesar dessas lacunas, os registros jornalísticos são fontes inestimáveis, permitindo análises comparativas detalhadas dos grupos, estilos e periodicidade das turnês. Essas análises abrangem desde o período de 1887 a 1891, anterior à significativa expansão dos trilhos ferroviários, até o intervalo entre 1892 e 1900, marcado pela consolidação de um amplo circuito de estações ferroviárias no Oeste de Minas Gerais.

Para explorar mais a fundo as mudanças na oferta de espetáculos na região, realizou-se uma análise quantitativa das visitas de diversas modalidades artísticas em dois períodos distintos: antes e após o prolongamento das linhas ferroviárias. O primeiro período, de 1887 a 1891, precede a expansão da infraestrutura ferroviária, enquanto o segundo, de 1892 a 1900, abrange os anos que seguiram essa importante transformação. A Tabela 1 apresenta um resumo desses dados, oferecendo uma visão panorâmica do impacto da infraestrutura ferroviária na frequência e diversidade dos espetáculos artísticos em Oliveira e nas localidades adjacentes. Essa comparação quantitativa destaca a crescente variedade de atrações e reforça o papel crucial das ferrovias como impulsionadoras culturais na região.

Tabela 1 - Número de visitas de diferentes modalidades artísticas em Oliveira (1887-1900)

Modalidade	Visitas 1887-1891	Visitas 1892-1900
Circo	3	13
Touradas	0	2
Teatro e fantoches	4	7
Inovações tecnológicas	0	3
Mágica/prestidigitação	0	2
Música	0	2

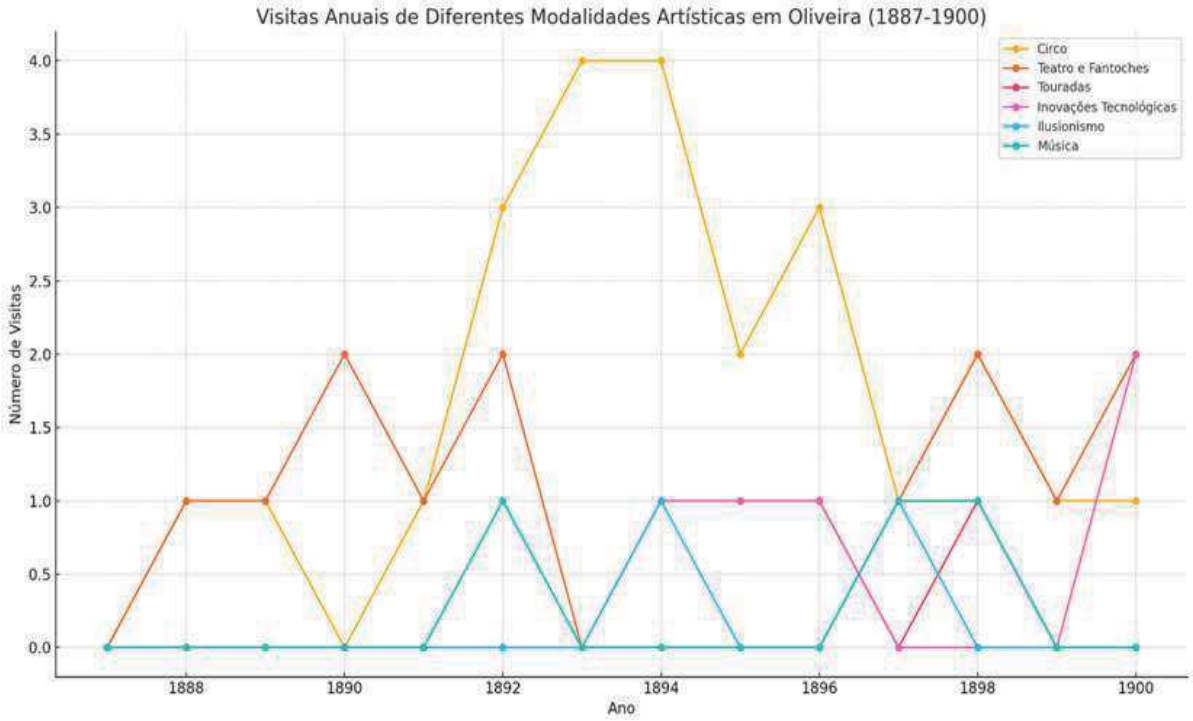
Fonte: próprio autor, 2024.

Observa-se um aumento expressivo no número de visitas artísticas após 1892, coincidindo com a ampliação dos trilhos ferroviários na região. Essa expansão intensificou não apenas a frequência dos espetáculos tradicionais, como circo e teatro — que passaram de 7 para 20 visitas —, mas também propiciou o surgimento de novas modalidades de entretenimento, como inovações tecnológicas, fantoches, touradas, mágica e música.

Essas mudanças ficam ainda mais evidentes ao analisar a visualização da Figura 9, que esclarece as tendências discutidas e oferece insights mais profundos sobre a evolução da cena de entretenimento na região durante esse período de transformações. Cada linha do gráfico representa uma modalidade artística específica, facilitando uma análise comparativa direta entre os diferentes tipos de espetáculos ao longo dos anos. Nota-se, por exemplo, um aumento expressivo no número de visitas de circos a partir de 1892, um fenômeno que coincide com a expansão das ferrovias. Esse crescimento sugere que as melhorias na acessibilidade simplificaram a logística para grandes companhias itinerantes, como os circos, permitindo visitas mais frequentes a Oliveira.

Igualmente perceptível é o surgimento de novas categorias de entretenimento, como inovações tecnológicas, mágica e música, que passam a marcar presença de forma mais acentuada também após 1892. A emergência dessas novas modalidades reflete, possivelmente, uma crescente receptividade e um interesse renovado do público por novidades. As variações nas frequências de visitas de teatro e fantoches, que, apesar de constantes, apresentam flutuações significativas, podem indicar mudanças na demanda local ou na disponibilidade de trupes especializadas para realizar turnês pela região. O gráfico reforça a narrativa de diversificação e aumento na frequência das ofertas artísticas no Oeste de Minas Gerais, destacando o papel fundamental da infraestrutura ferroviária como impulsionadora do desenvolvimento cultural urbano. As oscilações nas frequências das visitas sublinham a complexidade das interações entre mobilidade, tecnologia e cultura em contextos urbanos em transformação.

Figura 9 - Visitas anuais de diferentes modalidades artísticas em Oliveira (1887-1900)



Fonte: próprio autor, 2024.

Este capítulo explorou a dinâmica da oferta de espetáculos entre 1887 e 1900, evidenciando que a inauguração e a expansão das linhas ferroviárias a partir de 1892 foram fatores decisivos, impulsionando o aumento das visitas de trupes itinerantes e promovendo uma maior diversidade nas ofertas de entretenimento disponíveis à população local. A chegada da ferrovia serviu como veículo privilegiado para a difusão cultural, ao facilitar o florescimento de diferentes formas de entretenimento em Oliveira. O aprimoramento das condições de transporte expandiu o alcance geográfico das companhias itinerantes e aumentou a acessibilidade ao entretenimento, sofisticado e diversificado, alterando a dinâmica de consumo cultural da região do Oeste de Minas Gerais.

No primeiro momento, as companhias teatrais e circenses, que dominavam o cenário cultural, passaram a dividir espaço com novas modalidades de entretenimento itinerante. Espetáculos como touradas, fantoches, ilusionismo, além das inovações proporcionadas por cinematógrafos e fonógrafos, começaram a atrair um público ávido por novidades. Porém, na virada para o século XX, essas companhias itinerantes enfrentaram um novo desafio: o surgimento de opções de

diversão fixas, como o cinema e uma variedade de estabelecimentos permanentes, incluindo cafés, charutarias, salões de boliche e estádios esportivos. Esses novos espaços de lazer, que ofereciam alternativas de entretenimento contínuo, começaram a competir diretamente pelo público, até então fiel às trupes itinerantes, desafiando-as a se adaptar a um cenário cultural e econômico em transformação.

Essa mudança no campo cultural ocorreu paralelamente a uma série de transformações econômicas que marcaram a região de Oliveira e localidades adjacentes. Conforme será explorado no próximo capítulo, o final do século XIX foi caracterizado por crises econômicas significativas, causadas pela queda da produtividade agrícola após a abolição da escravidão em 1888 e o declínio das exportações de gado para o Rio de Janeiro. Tais processos dificultaram o surgimento de um mercado cultural vigoroso, permitindo que os grupos itinerantes dominassem o cenário do entretenimento. Contudo, na virada para o século XX, especialmente durante a década de 1910, o desenvolvimento expressivo dos setores rurais, impulsionado pelos efeitos positivos da Primeira Guerra Mundial na exportação de alimentos, criou um ambiente favorável para a proliferação de estabelecimentos fixos de diversão. Esses novos espaços geraram uma concorrência notável para os artistas que excursionavam pela região, exigindo adaptação e resiliência por parte das companhias itinerantes.

À primeira vista, conforme explicitado por estudiosos, esse novo cenário atuou como um inibidor das turnês no estado, fazendo com que os grupos artísticos itinerantes perdessem, gradativamente, relevância na oferta de espetáculos comercializados (ver, por exemplo, Duarte, 1995). No entanto, um olhar mais atento e aprofundado relativiza essa interpretação. Os impactos do surto produtivo em Oliveira e localidades vizinhas sugerem condições favoráveis para uma maior intensificação e diversificação das excursões artísticas. Em outras palavras, os efeitos da maior circulação de dinheiro e crescimento populacional criaram uma demanda alvissareira por espetáculos, mesmo em um contexto de expansão das cadeias de comércio de entretenimento fixo.

3 CAPÍTULO 2: DESENVOLVIMENTO RURAL E ESPETÁCULOS ARTÍSTICOS ITINERANTES NO OESTE DE MINAS GERAIS, C. 1900-1920

> *A estadia de uma empresa dramática em nossa cidade é um acontecimento e por isso nos obrigamos a aquilatar destas colunas o mérito dos seus atores, tarefa está bem difícil para o cronista colocado entre o dever e a simpática.*
> *(*Gazeta de Oliveira, Oliveira, 1889, p. 2)

3.1 Agropecuária, expansão econômica e mercado das diversões

A economia de Minas Gerais no século XIX era caracterizada por uma acentuada heterogeneidade, refletindo disparidades de desenvolvimento de suas regiões. Essas diferenças resultavam de uma combinação de fatores geográficos, demográficos e econômicos, que ao longo do tempo intensificaram a desigualdade econômica interna. O setor exportador, emergindo como fulcro do dinamismo econômico da província, dominava, impulsionando o crescimento de setores dependentes e configurando complexas redes de articulação regional. O grande capital mercantil detinha controle sobre uma parte significativa da movimentação de mercadorias, ressaltando o papel central das exportações na economia regional.

O comércio interno e as atividades de intermediação também eram cruciais, com a participação ativa de pequenos comerciantes e produtores nos fluxos de mercado. As ferrovias, por sua vez, desempenhavam um papel essencial, proporcionando uma circulação mais ágil de bens e, consequentemente, consolidando a economia regional. Essa infraestrutura não apenas promovia a eficiência logística, mas também integrava mais profundamente o território mineiro ao mercado nacional e internacional, fortalecendo as conexões econômicas inter-regionais e ampliando o alcance dos produtos locais (Paiva e Godoy, 2002).

Na região Oeste de Minas Gerais, a inauguração e espraiamento dos trilhos da EFOM, no final do século XIX, promoveu uma eloquente expectativa de setores econômicos, cujos vagões eram entendidos como vetores privilegiados de transporte, fomento e circulação de prosperidade. Em junho de 1888, por exemplo, na cidade de Oliveira, a chegada da locomotiva inaugural foi celebrada de forma entusiasmada pela imprensa. Segundo registrou um cronista anônimo:

> Para o trabalho, para a lavoura e para o comércio é a Estrada D' Oeste poderoso impulsor, como verdadeiro canal por onde se difunde riquezas, e agora a nova cidade poderá erguer-se ao nível de um centro de comércio para o que fadou-a a Província com fertilidade de solo, clima excelente, índole pacífica e trabalhadora de seus habitantes. E para conseguir tudo isso tem Oliveira uma varinha mágica – a Estrada de Ferro Oeste de Minas (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 1888, p. 2).

O ramo econômico que inicialmente mais se beneficiou com o novo ramal ferroviário foi a pecuária, especialmente quando observamos que a região do Oeste de Minas Gerais se caracterizava, na época, como o principal e maior centro estadual exportador de gado (Lima, 2009). Com a introdução dos vagões gaiola, destinados para o envio de animais, os rebanhos podiam, agora, ser enviados diretamente para o Rio de Janeiro, centro mais populoso e que absorvia uma parte significativa desse mercado. Já em fevereiro de 1889, as primeiras boiadas foram enviadas a partir da estação da cidade de Oliveira e, posteriormente, de Carmo da Mata. Estudos recentes apontam para um volume médio anual de 30 mil cabeças de gado despachadas nos vagões da EFOM entre 1892 e 1897 (Amaral, Dias, 2019).

Na esteira deste cenário de crescimento econômico do setor pecuário e diante de um ambiente com maior facilidade de circulação de pessoas, produtos e maquinários, outros ramos da economia também foram impactados, sendo possível observar a introdução de alguns novos empreendimentos em Oliveira e lugares vizinhos, a exemplo de fábricas de cerveja, destilarias e olarias, além do início da produção de café. Serviços urbanos também foram impactados, notando-se, na sede urbana do município oliveirense, a inauguração de hotéis, colégios particulares, bazares, ateliês de fotografia e empresas de construção e pintura de imóveis (Amaral, 2020).

Todo o otimismo que se instalou após a inauguração ferroviária foi gradativamente arrefecido, havendo duas situações catalisadoras da diminuição dos poderes da "varinha mágica" citada por cronistas locais. A primeira dizia respeito ao fim da escravidão, em 1888, processo que desarticulou os setores agrícolas, gerando uma forte retração da produção. Municípios antes autossuficientes em diversos gêneros e exportadores de excedentes, como era o caso de Oliveira, tinham agora que realizar importações, com fretes a preços avultados. Em 1892, uma nota veiculada pela *Gazeta de Oliveira* explicitava o processo de crise das lavouras:

> Quem diria que nós havíamos de importar gêneros que nossas terras, cultivadas, produziriam em tanta quantidade que não só viveríamos no meio da abundância, mas até poderíamos exportar em grande escala! No entanto forçoso é curvarmo-nos a triste realidade dos fatos. Estamos importando farelo, milho, toucinho, etc., em breve muito mais importaremos por que a decadência da lavoura é cada vez maior. Ainda há pouco uma casa comercial importante desta cidade recebeu grande quantidade de milho que há de vender por elevado preço, atendendo a que os transportes importam em mais que a própria mercadoria. A caminharmos assim, onde iremos parar? (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 1892, p. 2).

Na outra frente, setores pecuários também foram atingidos, cujas razões estiveram relacionadas com uma diminuição de 32%, entre os anos de 1897 e 1900, na demanda de exportação de gado para o Rio de Janeiro. Registros de jornais de Oliveira lamentaram essa acentuada crise no setor da economia que constituía, nas palavras de um cronista anônimo, “a vida do município” (Gazeta de Minas, 1900).

O quadro citado acima gerou uma situação ambivalente que impactou direta e positivamente os grupos artísticos itinerantes que excursionaram pela região Oeste de Minas Gerais no final do século XIX, especialmente entre os anos 1892 e 1900, após a efetivação dos prolongamentos e ramificações dos ramais. De uma parte, é inegável que a ferrovia impulsionou um pequeno desenvolvimento econômico, cujos desdobramentos intensificaram, em alguma medida, formas de trabalho assalariado e circulação de dinheiro, o que foi reforçado com o fim da escravidão. Ainda que de forma precária, companhias ambulantes tinham agora facilidade e agilidade no transporte, podendo realizar excursões por itinerários relativamente extensos, tendo ainda acesso a localidades cujos ramais da EFOM trouxeram algum índice de prosperidade, ainda que de forma inconsistente, conciliando com momentos de crise dos setores rurais.

De outra parte, a inconsistência econômica, mesmo que com algum avanço, dificultou investimentos de setores urbanos em espaços e estabelecimentos voltados para inovações no ramo do lazer. Via de regra, estudos recentes sobre o mercado das diversões em Oliveira e lugares confinantes apontam para o predomínio, na década final do século XIX, de elementos lúdicos tradicionais, a exemplo das festas domiciliares, religiosas e do consumo de bebidas e comidas em tabernas (cf., por exemplo, Anísio, 2022; Amaral, 2022).

Nesses termos, formas de espetáculos modernas, com um comércio de elementos lúdicos inovadores, conectados com os principais centros do Brasil e da Europa, ficavam por conta, de forma quase exclusiva, dos grupos artísticos itinerantes

que atuavam na região do Oeste de Minas Gerais praticamente sem concorrência. Em julho de 1891, o desembarque de Eduardo Lisboa, renomado ator da companhia dramática Aroso, foi antecipado pela imprensa de Oliveira com entusiasmo, conforme registrou um cronista da época:

> Acha-se nesta cidade o sr. Eduardo Lisboa, primeiro ator da companhia dramática Aroso. A falta absoluta de divertimento nesta cidade e a longa ausência de espetáculos que possam amenizar as noites, aliadas ao refinado gosto da plateia oliveirense, devem levar nossa sociedade ao teatro, onde temos certeza que aplaudirão o renomado ator (Gazeta de Oliveira, 1891, p. 1)

Essa perspectiva já era ecoada em 1889, quando outro cronista observava: "A presença de uma companhia dramática em nossa cidade é um evento marcante", ressaltando a importância desses espetáculos como raras chances para a população local de experimentar o entretenimento de cidades "mais adiantadas". "Isso é especialmente verdadeiro para nós, que estamos distantes das distrações dos grandes centros urbanos", acrescentava (Gazeta de Oliveira, 1889).

Em 1900, a temporada da Companhia Dramática Araújo Silva em Oliveira tornou-se um evento marcante, vividamente destacado por um cronista que assinava com o pseudônimo D. Fuas. Em suas palavras: "A companhia chegou para romper com a longa monotonia, trazendo diversões e passatempos ausentes há tempos na cidade" (Gazeta de Oliveira, 1900). Ao final da temporada e com a ausência de novos grupos visitando a cidade, outro cronista que assinava com o pseudônimo de Itagacheles teceu uma nota queixando-se de um estado de tristeza e da pouca movimentação na sede citadina de Oliveira nos finais de semana: "É tal a falta de diversões que há por aqui, que vivemos em uma tristeza quase igual à de um candidato derrotado. Aos domingos e dias santos, depois das 2 da tarde, a cidade fica mais deserta que os carros da Oeste" (Gazeta de Minas, 1900).

Queixas nessa direção aconteciam, de forma mais nítida, sempre que a cidade passava por longos períodos sem receber excursões artísticas de grupos itinerantes. Quando os grupos desembarcavam na estação oliveirense, como foi o caso do Circo Spinelli e do exibidor cinematográfico Gustavo Vschenek, em julho de 1900, notas jornalísticas comemoravam: "Estamos na maré das vacas gordas. Vivíamos a chorar por qualquer coisa que viesse a quebrar a monotonia" (Gazeta de Minas, 1900). Por outro lado, quando as turnês rareavam, as notas mudavam para um tom de lamento, direcionando as queixas para a falta de espaços de lazer, em especial um teatro, cuja edificação poderia incentivar uma maior recorrência das visitas ou a promoção de uma

agenda de espetáculos levados ao palco por artistas locais. Uma nota veiculada por D. Fuas, em abril de 1899, reforça esse entendimento:

> Oliveira é das cidades que conheço aquela que menos divertimentos oferece aos seus habitantes.
> Não tem um teatro, não tem um passeio público, não tem um ponto de reunião, finalmente não tem nada que possa distrair o homem trabalhador.
> [...] Não há que discutir, para que o homem trabalhador ache prazer em seu trabalho, necessário é que tenha momentos de distração, concorrendo aos divertimentos que lhe proporcionam.
> De resto a vida corre numa monotonia insuportável, como a que se observa em Oliveira (Gazeta de Minas, 1899, p. 2).

A carência de um teatro adequado era uma constante frustração. D. Fuas argumentou, reiteradas vezes, que um espaço teatral bem equipado não só atrairia mais companhias, mas também elevaria significativamente o perfil cultural e social de Oliveira. "Se fosse vereador, defenderia energicamente na Câmara a criação de um teatro, o que representaria um avanço cultural substancial para nossa cidade" (Gazeta de Oliveira, 1900). Em sentido quase idêntico, Itagacheles também reforçava essa posição:

> Dona municipalidade, não seja má. Há tempos que estamos pedindo um teatro. Um pouquinho de boa vontade e não teremos mais de fazer feio diante dos artistas que procuram a nossa cidade. E de mais a mais, a coisa rende, e não é pouco. Se não fosse isso, eu nada diria a tal respeito, assim como nada digo a respeito do cargo de delegado que está vago a tanto tempo e que ninguém quer preencher, nem a mão de Deus padre (Gazeta de Minas, 1900, p. 1).

A persistente representação da cidade pela imprensa como um local estagnado, monótono e carente de vitalidade, destacando sua aparente falta de entretenimento, mais do que descrever percepções, refletia o descontentamento dos círculos letrados com a ausência de diversões alinhadas aos moldes culturais "modernos" e cosmopolitas, típicos dos centros "civilizados". O problema não residia na total inexistência de diversões. Ao contrário, o que se observava era a falta de espaços públicos e estabelecimentos comerciais capazes de oferecer uma gama contínua e diversificada de atividades de lazer que atendessem a esses critérios mais sofisticados e variados. Esta situação sublinha uma clivagem cultural significativa, na qual as demandas por um padrão de cultura mais refinado e continuamente renovado eram frustradas pela realidade infraestrutural e social da cidade.

A irrupção das companhias itinerantes em Oliveira representava uma significativa ruptura com a cotidianidade estabelecida, oferecendo momentos de

descontração e exaltação cultural. Os anúncios dessas performances não se limitavam a prometer um mero entretenimento, eles sinalizavam uma fuga temporária do dia a dia, galvanizando a atenção dos habitantes locais e elevando substancialmente suas expectativas. Esses eventos transcendiam a mera função lúdica, constituindo-se como janelas para um espectro cultural mais amplo e vibrante.

Ao introduzirem espetáculos sofisticados e de vanguarda, essas trupes estabeleciam um contraste notável com as atividades de lazer mais tradicionais e enraizadas no contexto local. Elas proporcionavam às comunidades citadinas, distritais e rurais um acesso sem precedentes a formas culturais tipicamente reservadas a grandes metrópoles e cenários internacionais. As apresentações variavam desde circos e peças teatrais até óperas, touradas, atuações de mágicos, ilusionistas e músicos, além de exibições cinematográficas. Tais experiências não apenas enriqueciam o panorama cultural das localidades do Oeste de Minas Gerais que compunham os itinerários, mas também democratizavam, em alguma medida, o acesso a manifestações culturais até então vistas como distantes ou inatingíveis para as populações locais.

Nesse contexto, a integração ferroviária atuou como um catalisador fundamental para a mobilidade e logística das trupes artísticas, facilitando o transporte eficiente de equipamentos e pessoal, ao mesmo tempo que expandia seu circuito de atuação para incluir uma gama mais ampla de cidades. Essa transformação logística não só mitigou os custos e as complexidades associadas às viagens entre locais distantes, como também ampliou o público- alvo, resultando no aumento da frequência de espetáculos e, por conseguinte, no incremento das receitas geradas. No entanto, apesar das vantagens trazidas pela infraestrutura ferroviária e da aceleração do fluxo monetário impulsionado por modestos avanços econômicos, a oferta de entretenimento no município de Oliveira, realidade compartilhada por lugares vizinhos, sustentava uma natureza quase exclusiva, dominada por companhias itinerantes.

Paralelamente, registram-se esforços locais para fomentar um mercado de entretenimento próprio, embora essas tais iniciativas raramente prosperassem. Entre 1888 e 1892, por exemplo, na cidade de Oliveira contou com um modesto "teatrinho" operado pela Sociedade Teatral Oliveirense, que mal conseguia se sustentar, conforme reportado pela imprensa (Gazeta de Oliveira, 1888). Em 1892, o espaço foi interditado por risco de desabamento, e apesar de solicitações do poder público para “reparos urgentes”, divulgados na imprensa, nenhuma medida foi tomada. Isso

culminou na demolição da estrutura e, no ano seguinte, no encerramento das atividades da Sociedade Teatral Oliveirense (Gazeta de Oliveira, 1892; Gazeta de Oliveira, 1893).

A derrocada do *teatrinho* refletiu-se em uma série de publicações na imprensa local, que pressionavam as autoridades a construir um novo espaço cultural. Contudo, apesar das solicitações frequentes — comparadas por um cronista anônimo à insistência dos investidores por uma queda no câmbio —, as limitações orçamentárias e outras prioridades, como a instalação de água potável e a iluminação pública em Oliveira, inviabilizaram os investimentos públicos necessários (Gazeta de Minas, 1900). Ademais, o cenário de crise no setor rural desestimulou investimentos privados na construção de novas casas de espetáculos. Em localidades circunvizinhas, como Carmo da Mata, Cláudio, Divinópolis e Santana do Jacaré, estudos recentes indicam que, no final do século XIX, não houve iniciativas para a construção de teatros ou casas de espetáculos, restringindo o repertório lúdico local às práticas tradicionais (cf., Amaral, Xavier, 2023).

À medida que se aproximava o século XX, a economia rural do Oeste de Minas Gerais, válvula principal de produção de riquezas na época, passou por uma transformação progressiva, impulsionada pela adaptação dos produtores agrícolas ao trabalho remunerado, e pelo reaquecimento das feiras de gado do Rio de Janeiro. Essa mudança nas relações de trabalho estimulou um aumento moderado na produção agropecuária local e promoveu, em um primeiro momento, uma expansão tímida das atividades industriais e dos processos de beneficiamento.

Em janeiro de 1902, o periódico local de Oliveira anunciava a instalação de um engenho de beneficiar café na Praça do Cruzeiro, descrito como “movido a vapor” e equipado com “maquinário moderno” fornecido pela empresa Rocha Fagundes & Companhia, do Rio de Janeiro. A notícia expressava a expectativa de que os proprietários, os senhores Miranda & Fernal, inaugurariam o estabelecimento em breve. “Espera-se que os proprietários deste novo estabelecimento, que acabaram de concluir sua montagem, possam inaugurá-lo nos próximos dias. Este é mais um empreendimento industrial que enriquece a infraestrutura desta cidade” (Gazeta de Minas, 1902)

Em 1903, novos beneficiadores foram inaugurados em Oliveira, refletindo um movimento contínuo de modernização e diversificação econômica na região. No final de janeiro, o Tenente Coronel Manoel Antônio Xavier, conhecido por sua iniciativa

pioneira, instalou em sua propriedade uma unidade dedicada ao processamento e beneficiamento de café bruto. Paralelamente, registros da imprensa local indicam a operação de moagem de milho, também equipada com maquinários de beneficiamento (Gazeta de Minas, 1903; Gazeta de Minas, 1903).

Durante o mesmo período, a instalação de beneficiadores se expandiu para outros distritos. Em abril de 1903, o distrito de Cláudio inaugurou seu primeiro beneficiador de café, iniciativa liderada pelo fazendeiro Tenente Coronel Domingos da Silva Guimarães (Gazeta de Oliveira, 1903). Da mesma forma, em meados do ano anterior, a freguesia de Carmo da Mata recebeu máquinas para beneficiar arroz e café, importadas pelo fazendeiro Coronel Olyntho Ferreira Diniz. Essa iniciativa resultou na construção de um amplo edifício destinado a abrigar os novos equipamentos (Gazeta de Minas, 1902)

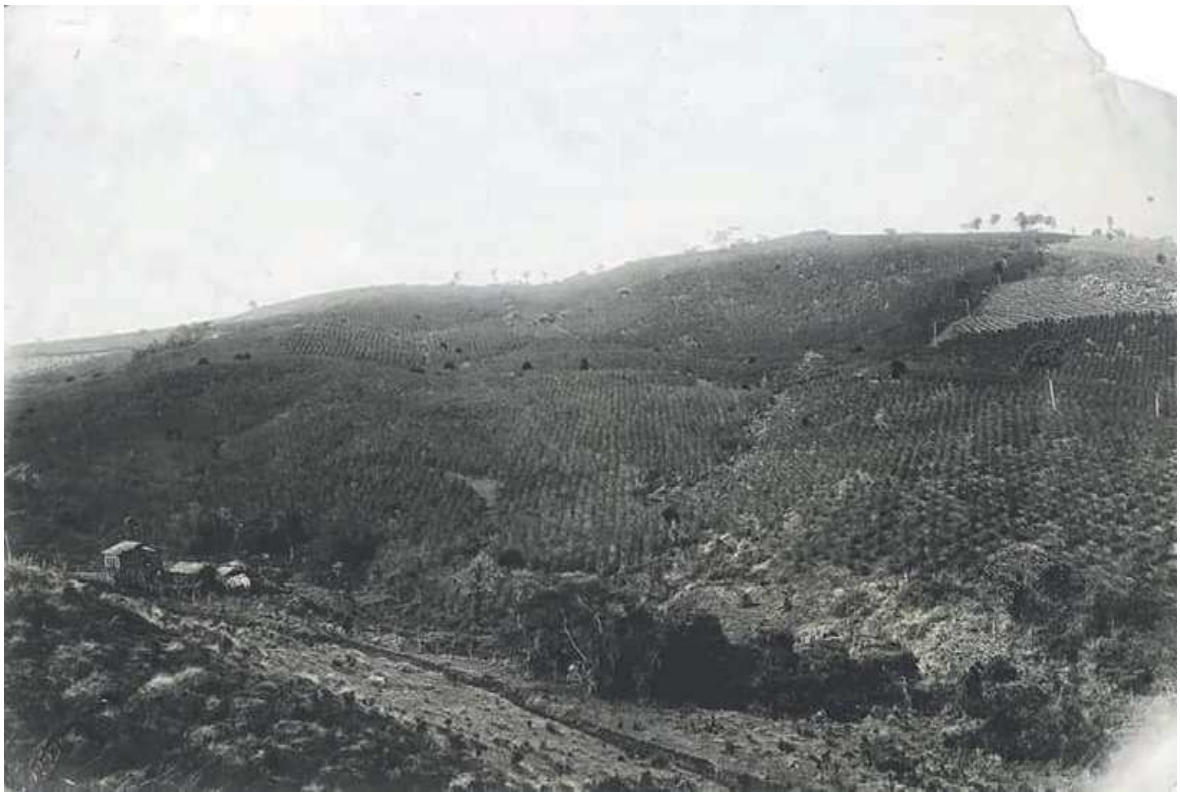
A implementação dessas novas tecnologias foi acompanhada de um significativo aumento na produção de grãos essenciais, como milho, arroz e café. Essas colheitas, realizadas pelos produtores rurais, supriram as necessidades locais e eliminaram a dependência de importações. Além disso, a produção de café alcançou quantidades suficientes para permitir exportações substanciais, fortalecendo a economia local. No distrito de Cláudio, que já era reconhecido, desde 1894, por seu cultivo próspero de café, conforme relatado pela *Gazeta de Oliveira*, a tendência de aumento continuou. Essa prática se intensificou na década seguinte, especialmente nos distritos de Cláudio e Carmo da Mata, com a produção de café atingindo, no ano de 1900, um volume expressivo de 120 mil arrobas (Gazeta de Minas, 1900).

Com o contínuo avanço no setor agrícola, em 1906, a cultura do arroz em Oliveira expandiu-se de forma notável, impulsionada pela distribuição de sementes oferecidas por agentes públicos estaduais e pelo suporte de máquinas beneficiadoras. Os agricultores da região colheram aproximadamente 10.000 litros de arroz agulha, uma variedade altamente valorizada no mercado. A qualidade excepcional desse arroz foi realçada em um elogio publicado na *Gazeta de Minas* em maio de 1906, que enfatizou sua alta demanda e cotação favorável (Gazeta de Minas, Oliveira, 6 maio. 1906, p. 1).

Além das iniciativas no cultivo de arroz, outro setor que experimentou uma recuperação expressiva em Oliveira foi a pecuária. Após o declínio nas exportações de gado bovino ao final do século XIX, causado pela queda na demanda nas feiras de gado do Rio de Janeiro, o início do século XX trouxe uma recuperação significativa. Ao

longo da década de 1900, as feiras cariocas voltaram a crescer, resultando em um aumento de mais de 140% nas exportações de gado do município (Amaral, 2022).

Figura 10 - Cafezal do fazendeiro Olintho Diniz, distrito de Carmo da Mata (sem data)



Fonte: Arquivo Público Mineiro

Essa revitalização não se restringiu ao comércio de animais vivos. O setor de laticínios também recebeu um impulso considerável. Em 1904, foi fundada a primeira fábrica de manteiga na sede de Oliveira, um marco que simbolizou uma nova fase de transição econômica e tecnológica para a região. Um cronista anônimo expressou otimismo em relação ao potencial dessa nova indústria:

> É uma realidade a fundação próxima de uma grande fábrica de manteiga em nossa cidade, sendo já feitas as encomendas dos mais aperfeiçoados maquinários hoje conhecidos e adotados, devendo chegar em breve a Oliveira. Fazemos votos para a realização desse importante melhoramento em nossa cidade, tão apta para as indústrias (Gazeta de Minas, 1904, p. 1).

Nos anos que se seguiram à fundação da primeira fábrica de manteiga em Oliveira, a indústria de laticínios continuou a expandir-se pelo município. Em 1906, o distrito de Passa Tempo inaugurou a fábrica Manteiga Mineira, empreendimento liderado por Gabriel Augusto de Andrade, um fazendeiro destacado por sua "astúcia

empresarial", segundo a imprensa local (Gazeta de Minas, 1906). Esse processo de expansão industrial ganhou força: em 1909, outras duas fábricas foram estabelecidas no município: a Manteiga Japonesa, sob o comando do Capitão Américo Paulinelli, no distrito do Japão, e a Manteiga Delícias, dirigida pelo industrial José Robortella, na sede de Oliveira (Gazeta de Minas, 1909).

O crescimento industrial de Oliveira permaneceu intenso em 1910, com a fundação de mais uma fábrica de laticínios: a manteigueira dos Srs. Francisco Robortella & Companhia. Descrita como "muito alqueireada e ampla", a instalação foi equipada com maquinário moderno, garantindo a produção de alta qualidade. A liderança do Sr. Francisco Robortella, reconhecido pela *Gazeta de Minas* como um industrial "inteligente e caprichoso", foi considerada essencial para o sucesso da fábrica, que se destacava pela cuidadosa seleção da matéria-prima, resultando em manteiga de excelência (Gazeta de Minas, 1910).

No mesmo ano, o distrito de Carmo da Mata também se consolidou no setor de laticínios, com a dupla Altivo & Ferreira estabelecendo uma fábrica equipada com desnatadeiras da Mário Andrade & Cia., especializando-se na produção de manteiga "de cor natural, sem corante e não salgada", valorizada por sua longa conservação (Gazeta de Minas, 1910). Seis anos depois, ainda em Carmo da Mata, o Dr. Lobato Júnior inaugurou uma fábrica dedicada exclusivamente à produção de queijo do Reino, reforçando o compromisso dos produtores locais com o fornecimento diário de cerca de 2.000 litros de leite (Gazeta de Minas, 1916). No final daquele ano, a parceria Júlio Barbosa & Cia., formada por industriais do Rio de Janeiro, abriu outra fábrica de manteiga próxima à estação ferroviária. A empresa especializou-se na produção diária de 400 quilos de manteiga Invicta e queijos Avante, utilizando processos avançados supervisionados por um químico suíço, elevando ainda mais o padrão de qualidade (Gazeta de Minas, 1916).

Esse movimento inicial de recuperação e expansão da produção agropecuária, especialmente no setor de laticínios, intensificou-se ao longo da década de 1910. O crescimento econômico observado nesse período foi resultado de uma complexa teia de fatores interligados, que incluíam a crescente racionalização e mecanização dos setores rurais e suas subsidiárias urbanas. Um aspecto fundamental para esse progresso foi a formação de cooperativas agrícolas e pastoris, que desempenharam um papel central na organização da produção e comercialização.

As cooperativas agrícolas, compostas por pequenos e médios agricultores, permitiam a esses produtores unir forças para alcançar benefícios econômicos e sociais. Funcionando como associações de produtores que compartilhavam recursos, maquinários, e negociavam coletivamente a venda de suas colheitas, essas cooperativas ajudaram os agricultores a superar as limitações impostas pela economia de mercado, que frequentemente favorecia grandes latifundiários e atravessadores (Wirth, 1982).

A primeira Cooperativa Agrícola de Oliveira foi fundada em 13 de abril de 1909, por iniciativa do fazendeiro Coronel Manoel Antônio Xavier. No dia seguinte, no distrito de Carmo da Mata, foi criada outra cooperativa, vinculada à de Oliveira e liderada por fazendeiros locais, incluindo nomes como o capitão José Antônio Ferreira, o presidente Olyntho Diniz e outros membros do conselho fiscal (Gazeta de Minas, 1909). A importância das cooperativas agrícolas para o desenvolvimento da agricultura em Minas Gerais também foi reconhecida pelo governo estadual, que via nessa organização uma estratégia eficaz para superar as barreiras enfrentadas pelos pequenos e médios produtores. Relatos da imprensa da época evidenciam esse apoio institucional:

> [...] Muito tem feito o benemérito Governo do Estado, em favor da lavoura em geral e em particular do café. O problema complexo para o desenvolvimento agrícola no estado compreendeu, muito particularmente a criação de cooperativas agrícolas, instituição esta, cujos frutos tanto tem concorrido para a prosperidade dos países que conhecem a sua utilidade e puseram em prática em uma esfera larga (Gazeta de Minas, 1913, p.1).

A publicação também destacou os esforços do governo para educar os lavradores, intencionando superar possíveis resistências:

> [...] Minas tem feito no sentido de propaganda e ensinamento dessa bela e útil instituição, tem demonstrado apesar do espírito refratário da maioria dos lavradores as vantagens extraordinárias, não com teoremas demonstrados em cores deslumbrantes numa folha branca de papel de jornal, mas, com fatos reais que a evidência não deixa mentir (Gazeta de Minas, 1913, p.1)

Em 1911, as duas iniciativas de cooperação entre fazendeiros se unificaram em Oliveira, congregando mais de 70 produtores rurais (Gazeta de Minas, 1911). Essa unificação representou um marco decisivo para a organização das cooperativas, reforçando o papel coletivo dos produtores na superação dos desafios impostos pela economia de mercado. Segundo Daniel Amaral (2022), esse movimento reflete a estruturação mais ampla das atividades cooperativas na Zona Oeste de Minas Gerais,

que seguiam diretrizes bem definidas**.** A primeira dessas diretrizes era a aquisição de equipamentos agrícolas, com o objetivo de modernizar as práticas produtivas. Em seguida, implementaram-se estruturas de beneficiamento, garantindo maior valor agregado aos produtos locais. Por fim, priorizou-se a construção de armazéns, fundamentais para o armazenamento adequado das colheitas, permitindo um melhor controle sobre a comercialização e a distribuição dos produtos.

Conforme informações da imprensa da época, a Cooperativa Agrícola, seguindo as diretrizes estabelecidas para modernização e beneficiamento, desempenhou um papel crucial na mediação do envio de safras processadas de café e cereais dos agricultores de Oliveira para mercados importantes, como o Rio de Janeiro e, em alguns casos, até para a Europa. A eficiência dessas operações não apenas expandiu o alcance dos produtores locais, mas também reforçou o valor agregado aos produtos regionais (Gazeta de Minas, 1918).

Em 1918, os associados da Cooperativa Agrícola decidiram encerrar as operações institucionais. Nos últimos meses daquele ano, optaram pela liquidação do armazém e dos equipamentos de beneficiamento. Embora a cooperativa tenha desempenhado um papel crucial no fortalecimento da economia agrícola de Oliveira por quase uma década, as condições econômicas e os desafios do mercado internacional podem ter influenciado essa decisão (Gazeta de Minas, 1918).

Paralelamente, outra iniciativa cooperativa consolidava-se no setor pecuário. Em 1914, foi fundada a Cooperativa Pastoril Oeste de Minas, com sede em Oliveira, como parte de uma estratégia dos pecuaristas locais e das regiões vizinhas para enfrentar os desafios impostos pelos intermediários no comércio de gado (Gazeta de Minas, 1914). A iniciativa, que teve origem em uma reunião realizada na freguesia de Carmo da Mata, em junho de 1912, representou uma articulação significativa entre criadores e invernistas com o objetivo de eliminar a intermediação que dominava a comercialização do gado (Gazeta de Minas, 1912).

Esses intermediários, conhecidos como marchantes, compravam gado nas áreas de pastagem de inverno e nas feiras do sul do estado, revendendo-os nos mercados urbanos com margens de lucro de aproximadamente 25%. Ao eliminar esses intermediários, a Cooperativa Pastoril, composta por 37 sócios, estabeleceu instalações na capital federal e um escritório na Rua Direita, em Oliveira, visando garantir maior retorno financeiro aos produtores, conectando-os diretamente aos açougueiros dos centros consumidores (Gazeta de Minas, 1914).

Além do impacto gerado pela Cooperativa Pastoril, o setor pecuário de Oliveira expandiu-se ainda mais com o desenvolvimento de indústrias relacionadas, como a produção de charque. Em fevereiro de 1916, as discussões sobre a instalação da primeira charqueada no município ganharam força. O Presidente da Câmara, Coronel Antônio Xavier, defendeu enfaticamente o distrito de Carmo da Mata como o local ideal para sediar essa nova indústria. Em seu argumento, sublinhou a relevância econômica do distrito e seu papel crucial no desenvolvimento agropastoril da região:

> [...] Nenhum dos seus distritos melhor que aquele [Carmo da Mata] para a instalação de um estabelecimento que, novo ainda neste estado, promete, entretanto, um futuro que podemos garantir rendosíssimo ao tesouro municipal e assim à bolsa dos seus diretores. É incontestavelmente o Carmo da Mata a gema de Oliveira: terras feracíssimas ao cultivo de cereais, produção abundante de café, invernadas incomparáveis, onde se engordam anualmente sete mil e quinhentos bois, não se falando da criação das raças finas, de onde tiram o leite saboroso com o que fazem a manteiga que em dezenas de arrobas remetem ao Rio e São Paulo (Gazeta de Minas, 1916, p. 1).

Essa defesa do distrito como epicentro das inovações industriais do setor pecuário evidencia a articulação entre as práticas agropecuárias e o desenvolvimento industrial local. A instalação da charqueada em Carmo da Mata, além de atender às demandas do mercado interno e externo, funcionaria como um catalisador para a modernização das práticas produtivas regionais, ancorando-se nas características geográficas e econômicas do distrito. O argumento de Xavier insere-se em um contexto mais amplo de modernização econômica, no qual a pecuária — até então um setor relativamente tradicional — passou por uma reestruturação significativa.

Por outro lado, além da ampliação, diversificação e mecanização dos gêneros rurais, esse novo momento beneficiou-se das crescentes demandas dos mercados consumidores. O aumento populacional de grandes centros nacionais, como Rio de Janeiro e São Paulo, juntamente com os impactos da Primeira Guerra Mundial — que interromperam as importações e forçaram o país a suprir tanto as necessidades internas quanto as de nações aliadas (Villela e Suzigan, 2001) —, impulsionou a produção agropecuária, consolidando seu papel central na economia.

O crescimento populacional e a urbanização acelerada foram fenômenos interligados ao processo de industrialização e ao incentivo à imigração, especialmente no Sudeste (Caldeira, 2017, p. 512). Entre o final do século XIX e o início do XX, a população brasileira dobrou, passando de 14,3 milhões para 30,5 milhões. São Paulo e Rio de Janeiro se destacaram como os principais polos desse crescimento,

absorvendo a maior parte dos imigrantes.[7] Essas regiões beneficiaram-se da expansão da indústria cafeeira e da substituição da mão de obra escrava por trabalhadores assalariados, o que acelerou o ritmo da urbanização e promoveu o crescimento da classe operária, ampliando ainda mais a demanda por produtos agrícolas e contribuindo para a modernização do setor rural (Moraes, 2001)

Esses fenômenos demográficos não ficaram restritos aos grandes centros urbanos. As transformações econômicas decorrentes da urbanização e do aumento populacional também repercutiram de maneira marcante na cadeia produtiva das pequenas localidades do Oeste de Minas Gerais. Concorreu para esse ensejo, especialmente, a crescente demanda de Rio de Janeiro e São Paulo por gêneros alimentícios e insumos agropecuários, destinados tanto à subsistência da população quanto ao abastecimento de suas indústrias. Assim, o Oeste de Minas Gerais, que cada vez mais se especializava na produção e melhoramentos dos gêneros rurais, consolidou-se como fornecedor estratégico para esses mercados em expansão.

Segundo dados oficiais de 1920, o município de Oliveira já atingia números expressivos em suas exportações. Naquele ano, o município exportou 4.149 toneladas de charque e 1.800 toneladas de café, além de 750 toneladas de milho. A diversificação das exportações, incluía também produtos como 200 toneladas de cascas para curtumes, 175 toneladas de polvilho, 120 toneladas de arroz, 40 toneladas de manteiga e 20 toneladas de fumo. Produtos de menor volume, como 3 toneladas de feijão e 15 toneladas de toucinho também integravam a lista de exportações, assim como 1.500 quilômetros de tecidos e 4.000 dúzias de ferraduras. Ao mesmo tempo, a produção local destinada ao abastecimento interno incluía uma variedade de itens, como açúcar, aguardente, queijo e mandioca, refletindo a capacidade de Oliveira em atender tanto ao mercado interno quanto às demandas externas (Minas Gerais, 1926, p. 767).

Assim como Oliveira, Cláudio, distrito que foi, na década de 1910, em razão da sua proeminência econômica, elevando a condição de município, também se destacou na região com exportações expressivas (Amaral, Anísio, Dias, 2022). A análise das exportações de Cláudio revela números expressivos em diversas categorias. No setor pecuário, destacara-se as exportações de 4.000 cabeças de

[7] Entre 1890 e 1920, a população do Rio de Janeiro aumentou significativamente, passando de 522.651 habitantes em 1890 para 1.157.873 em 1920. Do mesmo modo, a cidade de São Paulo, que em 1890 contava com 64.934 habitantes, registrou um crescimento populacional expressivo, atingindo 579.033 habitantes em 1920 (Moraes, 2001, p. 30-40)

bovinos, 75 toneladas de toucinho, 600 cabeças de suínos e 20.000 aves domésticas. Além disso, as exportações de ovos somaram 120.000 dúzias. No setor agrícola, Cláudio exportou 1.200 toneladas de café, 600 toneladas de milho, 220 toneladas de arroz em casca e 35 toneladas de polvilho.

No segmento de matérias-primas para processos industriais, Cláudio registrou a exportação de 400 toneladas de cascas para curtumes e 1,5 tonelada de fumo. Entre os produtos manufaturados, destacam-se as 28 toneladas de manteiga e 130 toneladas de açúcar e rapaduras. Além disso, o município exportou 80.000 litros de aguardente e 60 toneladas de farinha de mandioca. Curiosamente, a quantidade de lenha e dormentes exportados não foi especificada, refletindo talvez dificuldades na coleta de dados ou desafios logísticos (Minas Gerais, 1926, v. III, p. 737 e 738).

Divinópolis, outro importante município da região, também desempenhou um papel relevante nas exportações. Em 1920, o município exportou 12.950 cabeças de animais, 30.000 dúzias de ovos e 8.000 aves. Os toucinhos atingiram um volume de 45 toneladas, enquanto o arroz beneficiado correspondeu a 360 toneladas. O milho somou 750 toneladas, seguido pelo feijão, com 640 toneladas, e o arroz em casca, que totalizou 360 toneladas. No setor de produtos oriundos do algodão, Divinópolis exportou 40 toneladas de algodão em caroço e 7,5 toneladas de algodão descaroçado. Outros produtos incluíam 48 toneladas de banha, 90 toneladas de farinha de mandioca e 27 toneladas de polvilho. No total, o volume exportado por Divinópolis atingiu 2.367,5 toneladas, abrangendo cereais, oleaginosas, derivados suínos e farináceos (Minas Gerais, 1926, v. III, p. 741).

O crescimento econômico observado nos exemplos de exportação dos municípios de Cláudio, Divinópolis e Oliveira, não se refletiu apenas em termos financeiros, mas também desencadeou uma notável expansão demográfica. As profundas transformações demográficas que ocorreram nesse período são um espelho dos impactos econômicos que remodelaram a vida nas nucleações inseridas nas jurisdições municipais.

Tabela 2 - Crescimento Populacional do Município de Oliveira (1890-1920)

Localidade	População em 1890	População em 1920	Crescimento Absoluto	Crescimento Relativo (%)
Oliveira (município)	4.000	11.876	7.876	196,9%
Distrito de Carmo da Mata	2.250	6.974	4.724	209,1%
Distrito de Japão	3.750	7.455	3.705	98,8%
Distrito de Santana do Jacaré	1.161	2.844	1.683	145,0%
Distrito de São Francisco de Paula	5.449	5.642	193	3,5%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de (Minas Gerais, v. II, 1926, p. 851 e 911)[8]

Os dados populacionais de Oliveira, expostos na Tabela 2, ilustram claramente como o desenvolvimento socioeconômico impactou a estrutura demográfica da região. A sede de Oliveira registrou um aumento populacional de 196,9%, passando de 4.000 para 11.876 habitantes entre 1890 e 1920. O distrito de Carmo da Mata, por sua vez, apresentou a maior variação porcentual, com um crescimento de 209,1%, o que corresponde a 4.724 novos moradores. Esse aumento acentuado pode ser explicado pela intensificação das atividades agrícolas e pela migração de trabalhadores para áreas com maior demanda de mão de obra. A expansão populacional em Carmo da Mata reflete a atratividade da região para migrantes, provavelmente devido à instalação das grandes fábricas de charque e à crescente necessidade de força de trabalho no setor agrícola em expansão.

No distrito de Japão, o crescimento populacional foi de 98,8%, com a população aumentando de 3.750 para 7.455 habitantes. Embora o crescimento não tenha sido tão elevado quanto o de Carmo da Mata, ele indica que a região também experimentou um desenvolvimento econômico considerável, possivelmente impulsionado por atividades agropecuárias complementares, sobretudo pela produção de gado leiteiro, de manteiga e de outros laticínios. Já o distrito de Santana do Jacaré, especializado na produção de café e criação de gado (Amaral, 2024, prelo), registrou um crescimento

[8] Os valores de crescimento absoluto apresentados na Tabela 1 foram calculados subtraindo-se a população de 1890 da população de 1920. Já o crescimento relativo foi determinado dividindo-se o crescimento absoluto pela população inicial de 1890 e multiplicando-se o resultado por 100 para expressá-lo como uma porcentagem.

de 145,0%, passando de 1.161 para 2.844 habitantes. Esse aumento reflete uma expansão demográfica notável, sugerindo que o distrito também se beneficiou da expansão das atividades rurais.

Em contraste, o distrito de São Francisco de Paula apresentou um crescimento populacional mais modesto, de apenas 3,5%, com a população aumentando de 5.449 para 5.642 habitantes. Esse crescimento limitado pode estar relacionado à saturação das terras cultiváveis ou à menor atratividade econômica em comparação com os outros distritos. A estabilidade demográfica sugere que o distrito pode ter alcançado um equilíbrio populacional, com poucas variações no influxo de novos moradores.

O surto produtivo na região desencadeou uma crescente demanda por mão de obra nas atividades agropecuárias e nas indústrias complementares, o que, em grande parte, explica os elevados índices de crescimento populacional observados. Nesse novo contexto, pelo menos parte da remuneração do trabalho agrícola devia ser realizada em dinheiro, facilitando assim a expansão dos meios circulantes e potencializando o crescimento do mercado consumidor.

Documentos oficiais da época registram as médias salariais de diversos ofícios ligados à produção rural nos municípios do Oeste de Minas Gerais. Um arador, por exemplo, recebia aproximadamente 4.300 réis por dia de trabalho, enquanto carpinteiros e ferreiros recebiam 6.600 e 6.500 réis, respectivamente, o que reflete a valorização de habilidades específicas no mercado de trabalho rural. Carreiros e carroceiros, essenciais para o transporte de mercadorias e insumos, eram remunerados com 3.500 e 3.600 réis por dia. Profissões relacionadas à produção primária, como cortadores de cana e lenhadores, recebiam 2.800 e 2.900 réis, enquanto derrubadores de mandioca ganhavam 3.700 réis diários. Outros ofícios fundamentais, como pedreiros e oleiros, destacavam-se com salários de 6.500 e 4.100 réis, respectivamente (Minas Gerais,1926, v. III, p. 24). Esses dados revelam uma estrutura salarial diversificada que acompanhava o desenvolvimento econômico regional, influenciando diretamente o padrão de vida e o poder aquisitivo dos trabalhadores.

Diferentemente da paralisia ou onda de falências que atingiu o comércio e os serviços urbanos em diversas localidades do Oeste de Minas Gerais no final do século XIX, a nova fase de crescimento econômico, especialmente na década de 1910, quando se observou uma espécie de surto produtivo dos setores rurais, estimulou novos e diversificados investimentos. Após um período de declínio, essa revitalização

estabeleceu uma base mais sólida para o comércio, inclusive para o setor de entretenimento, ampliando a demanda e o mercado de consumo. Nesse cenário, na virada para o século XX, surgiram várias iniciativas inovadoras no comércio de diversões em diferentes pontos da região, alinhadas às expectativas de progresso material e social dessas comunidades, começando a desafiar a predominância dos grupos artísticos itinerantes.

Em Oliveira, um exemplo ocorreu em março de 1906, quando Francisco Miranda, proprietário do Hotel Central, inaugurou uma área cultural nas dependências do estabelecimento, descrita pela imprensa local como "ampla e cômoda" (Gazeta de Minas, Oliveira, 1906). Essa área incluía um "elegante e confortável teatrinho", que rapidamente passou a receber apresentações de artistas itinerantes, além de abrigar um "bem construído boliche" (Gazeta de Minas, 1906). Em 1907, foi inaugurado um "espaçoso" bar, equipado com um "magnífico Odeon", um aparelho musical que animava as noites com um repertório diversificado, incluindo operetas e canções (Gazeta de Minas, 1907).

Apenas dois meses após a abertura do Teatro do Hotel Central, a Câmara Municipal de Oliveira tomou a iniciativa de construir uma nova instalação teatral, denominada Teatro Provisório Municipal, que contava com camarotes, 120 cadeiras e capacidade para acomodar até 600 espectadores (Gazeta de Minas, 1906). Em 1909, o espaço foi arrendado por Augusto Sabino Trindade, empresário do ramo de artigos variados, gêneros alimentícios e máquinas agrícolas, que instalou na casa teatral o primeiro cinema permanente de Oliveira. Para isso, ele encomendou do Rio de Janeiro um aparelho de projeção da marca Pathé e firmou contrato com um renomado estabelecimento da capital carioca para o envio de filmes. Um cronista anônimo da época descreveu a inauguração:

> CINEMA OLIVEIRENSE
> Na próxima sexta-feira, véspera do Natal, inaugura-se, no Theatro Municipal, o *Cinema Oliveirense*, de propriedade do prestante e estimado Sr. Augusto Sabino da Trindade. Para esse fim foi adquirido um aperfeiçoado aparelho Pathé, sendo as fitas, escolhidas a capricho, fornecidas por importante estabelecimento desse gênero no Rio de Janeiro (Gazeta de Minas, 1909, p. 1)

Durante a década de 1910, novos estabelecimentos de entretenimento continuaram a surgir por iniciativa de empresários locais. Em 1915, por exemplo, foi

inaugurado o Bar Saxônia, descrito pela imprensa local como “moderníssimo”, com “decoração elegante” e “adornos requintados” (Gazeta de Minas, 1915). Nos primeiros dias de funcionamento, o proprietário contratou uma pequena orquestra para apresentações semanais, realizadas nos finais de semana (Gazeta de Minas, 1915). Nesse mesmo ano de 1915 e no seguinte, surgiram a Charutaria Popular, o Café Oeste e a Confeitaria e Bilhares Lobato & Ferrari (Cf. Gazeta de Minas, Oliveira1916; Gazeta de Minas, 1915; Gazeta de Minas, 1916; Gazeta de Minas, 1917).

Já em 1919, inaugurou-se o Café Club, um estabelecimento “esplêndido e luxuoso” que oferecia um espaço multifuncional com bar, bilhares, sala de leitura de jornais estrangeiros e até uma academia de exercícios físicos (Gazeta de Minas, 1919; Gazeta de Minas, 1919). Segundo um cronista anônimo, era considerado um dos cafés mais “chiques” do interior mineiro (Gazeta de Minas, 1919).

No final de setembro de 1915, inaugurou-se o Hipódromo Coronel Xavier, destinado às corridas de cavalo. O local contava com arquibancadas, uma casa de apostas e uma filial do Bar Saxônia, associada a uma cervejaria de Barbacena (Gazeta de Minas, 1915). Embora a construção do hipódromo tenha sido atribuída principalmente ao médico Alexandrino Chagas, as corridas eram organizadas por um grupo de fazendeiros e pecuaristas da região. Em um dos eventos realizados no primeiro mês de funcionamento, o páreo principal contou com a participação do jóquei argentino Rogério Primórgel, “já habituado no Prado de corridas de Palermo”, conforme noticiado (Gazeta de Minas, 1915).

Nos distritos e municípios próximos a Oliveira, o impacto do progresso econômico também se refletiu na criação de novos espaços de diversão. No distrito de Carmo da Mata, por exemplo, em maio de 1911, sob a iniciativa dos empresários Notini & Ferreira, “conhecidos fazendeiros e empresários do distrito”, conforme registrado pela *Gazeta de Minas*, foi inaugurado um “grande e vasto salão de cinematógrafo com espaço suficiente para 500 pessoas”. O “Cinema Progresso”, como foi denominado, contava com um “magnífico” aparelho Siemens Schuckert Werke, de “excelente” projeção, movido por força elétrica, alinhando-se às aspirações de sofisticação das elites locais (Gazeta de Minas, 1911). Em 1917, nessa mesma linha, foi inaugurado um teatro “elegante e espaçoso”, com capacidade para 700 pessoas (Gazeta de Minas, 1917).

No distrito de Cláudio, por sua vez, o processo de modernização manifestou-se com a inauguração, em 1911, de dois estabelecimentos de bilhar e, no ano seguinte,

do primeiro cinema fixo da localidade, o *Art et Labor*, grafado em francês, cujo edifício foi celebrado por um correspondente local como “elegante” e “confortável” (Gazeta de Minas, 1911; Gazeta de Minas, 1911; Gazeta de Minas, 1911; Gazeta de Minas, 1912). A foto do primeiro cinema em Cláudio pode ser visualizada na Figura 11.

Figura 11 - Cinama Art et Labor, distrito de Claudio, sem data

Fonte: Página eletrônica História e Memória de Minas Gerais.

Assim, na virada para o século XX, o mercado de diversões no Oeste de Minas Gerais passou por profundas transformações, impulsionadas pelo desenvolvimento econômico e pela modernização urbana. Estabelecimentos fixos como bilhares, boliches, cafés, charutarias, cinemas, hipódromos e teatros surgiram e consolidaram-se como novas opções de lazer, inovadoras e progressistas, criando uma concorrência direta com as apresentações das companhias itinerantes, que, conforme discutido no Capítulo 1, detinham quase a exclusividade desse tipo de entretenimento. No entanto, a introdução desses novos espaços de diversão não resultou em um declínio das visitações das companhias artísticas itinerantes. Pelo contrário, tais

companhias não apenas mantiveram sua relevância, mas também aumentaram a frequência de suas visitas e diversificaram os gêneros artísticos oferecidos.

3.2 Expansões das turnês artísticas na região do Oeste de Minas Gerais

Na virada para o século XX, conforme apontado no tópico anterior, diversas nucleações do Oeste de Minas Gerais experimentaram um gradativo processo de recuperação econômica, especialmente no setor agropecuário, que começava a se reerguer após os impactos da crise do gado e do fim da escravidão. Na primeira década do novo século, embora o cenário ainda não tenha mudado de forma acentuada como ocorreria na década seguinte, os primeiros indícios de diversificação no mercado de lazer já se faziam notar. Um exemplo disso foi o surgimento de cinemas permanentes. Esses novos espaços de socialização não apenas atendiam a uma demanda crescente por entretenimentos considerados, naquela época, mais modernos e sofisticados, mas também indicavam um aquecimento do comércio lúdico, associados diretamente à melhoria econômica no setor rural. As companhias artísticas itinerantes mantiveram-se presentes nesse contexto, ampliando, ainda que de forma tímida, sua atuação na região. Entre os anos de 1901 e 1910, primeiro período analisado, foram registrados 32 grupos diferentes excursionando pelo Oeste de Minas Gerais, o que representa uma média de uma visita a cada 3,75 meses e um aumento de 11,61% em relação ao final do século XIX.

O circo destacou-se como o gênero artístico mais frequente na região, registrando 13 visitas ao longo do período analisado. Entre as companhias, o Circo Paraense estreou sua turnê pelo Oeste de Minas Gerais logo no início do século XX, com uma apresentação inaugural em Oliveira em agosto de 1902, anunciada por seu representante, Andrade Guerra, na *Gazeta de Minas*. A companhia, liderada por Marcos François e dirigida por João François da Silva, foi saudada como uma trupe de "grande e justa reputação" (Gazeta de Minas, 1902).

O sucesso das apresentações consolidou a popularidade do circo na cidade. No fim de agosto, já havia realizado cinco espetáculos consecutivos, com destaque para a família François. As performances de Ritinha, Marietta e Maria François em ginástica, números equestres e estátuas receberam elogios entusiásticos da crítica. O circo também impressionou o público local pela organização e pela novidade da

iluminação a gás acetileno, inovação que agregava ainda mais à experiência oferecida (Gazeta de Minas, 1902).

Em 1903, não foram encontrados registros de visitas de companhias circenses à região, o que pode indicar uma breve redução nas atividades de espetáculos ou a ausência de documentação nas fontes consultadas. Já em março de 1904, o Circo Rio-Verdense realizou uma série de apresentações em Oliveira sob direção dos artistas Gomes e Olimeche. A crítica local destacou as “proezas” arriscadas de Gomes, que executava os números com "correção e confiança" (Gazeta de Minas, 1904). O espetáculo incluía apresentações equestres, atuação de palhaços, que garantiam risadas constantes, e performances de um cantor de modinhas, acompanhado de seu violão, compondo uma experiência diversificada para o público.

Poucos meses depois, em julho de 1904, o Circo-Theatro Sul América, sob direção de Domingos Teixeira, anunciou uma breve temporada em Oliveira, com quatro espetáculos programados antes do retorno para São João del-Rei (Gazeta de Minas, 1904). A estreia ocorreu em agosto, e, conforme registrado por um cronista anônimo, as apresentações foram bem recebidas pelo público, destacando-se pela quantidade dos artistas e pela variedade das performances:

> [...] Domingos Teixeira é um artista perfeito, Antônio Mineiro é um jockey de muito merecimento, e Moreno Diaz, um bom clown e grande saltador.
> Merecem também referência especial os artistas que trabalham no tapete pelos seus belos trabalhos, que muito agradaram ao público, assim como o trabalho das escadas e os arriscados equilíbrios no trapézio fixo.
> Três garbosos cavalos, em alta escola, foram também muito admirados pelo bem adestrados que estão.
> Hoje haverá um espetáculo completamente novo, em que serão apresentados trabalhos que muitos aplausos provocarão (Gazeta de Minas, 1904, p. 1)

A inovação mais notável ocorreu quando o grupo incorporou apresentações teatrais ao repertório circense. No dia 14 de agosto, o circo anunciou a inclusão de números dramáticos, trazendo ao palco artistas locais, como Palhares e Rosalina, já populares entre o público. Essa adaptação à preferência local fortaleceu a receptividade do espetáculo:

> Continua nesta cidade dando espetáculos com boa concorrência esta companhia.
> O espetáculo de ontem e o de hoje têm exibições dramáticas, para o que foi levantado no circo um palco, onde o ator Palhares e a atriz Rosalina, já conhecidos do nosso público, representaram comédias e cançonetas, que muito agradaram.

> Os espetáculos têm agradado ao público, que não tem sido regateado nos aplausos (Gazeta de Minas, 1904, p. 2)

A criação de um palco teatral dentro da lona circense representa um exemplo de hibridização na oferta de entretenimento, evidenciando uma tendência de diversificação entre esses gêneros. Essa iniciativa pode ser interpretada como uma estratégia de diferenciação frente a outras trupes, oferecendo uma experiência multifacetada e única ao público. A inclusão de peças teatrais também pode ter funcionado como uma forma de atrair segmentos de espectadores que preferiam teatro, mas não frequentavam assiduamente o circo, ampliando a base de espectadores e a rentabilidade das apresentações. A presença de atores já conhecidos da comunidade, como Palhares e Rosalina, não só agregava valor ao espetáculo como também reforçava a posição da companhia no mercado de entretenimento local.

No ano seguinte, em 1905, Oliveira recebeu as turnês de duas importantes companhias circenses. A primeira foi o Circo Pavilhão Mineiro, cuja chegada foi anunciada em fevereiro. Conforme noticiado pela *Gazeta de Minas*, João Dias Aranha, representante do circo, informou que a trupe, vinda de São João del-Rei, logo desembarcaria na cidade para uma série de apresentações (Gazeta de Minas, Oliveira, 1905). A estreia aconteceu pouco após a chegada, e os primeiros espetáculos receberam elogios pela imprensa local. O jornal destacou tanto a qualidade artística das performances quanto a cortesia dos diretores, Sebastião Dias e Ângelo Alcântara, que, além de suas habilidades como artistas, mostraram um cuidado notável em garantir uma experiência satisfatória ao público (Gazeta de Minas, 1905).

Contudo, a temporada do Circo Pavilhão Mineiro não transcorreu sem desafios. As chuvas constantes causaram suspenção de várias apresentações e impactaram a frequência de espectadores. Ainda assim, nos dias em que o clima era favorável, o grupo impressionava a plateia com um repertório diversificado, bem executado e cuidadosamente preparado, conforme noticiado (Gazeta de Minas, 1905; Gazeta de Minas, 1905). Após uma temporada desafiadora, mas bem sucedida, a companhia partiu para a cidade vizinha de Itapecerica (Gazeta de Minas, 1905).

A segunda companhia circense a visitar Oliveira em 1905, foi o Circo Esperança, liderado por Bernardino Andrade Júnior. Em um breve nota, o jornal

registrou sua chegada à cidade, embora sem informações adicionais sobre a programação (Gazeta de Minas, 1905).

Em 1906, o Circo Sul-Americano, sob direção de Santiago Silva, apresentou-se em Oliveira (Gazeta de Minas, 1906). Embora a recepção tenha sido positiva, o público local mostrou-se exigente, levando a uma avaliação geral considerada "regular" pela imprensa da época (Gazeta de Minas, 1906). No ano seguinte, em 1907, o Circo Sul-América retornou à cidade, agora liderado por Domingos Teixeira, com uma série de espetáculos amplamente elogiados, especialmente pelos números acrobáticos e cômicos (Gazeta de Minas, Oliveira, 1907). A imprensa, entretanto, fez uma crítica sutil aos palhaços, recomendando moderação em seus gestos e palavras, o que sugere uma preferência local por um equilíbrio entre o humor e a compostura (Gazeta de Minas, 1907).

Em dezembro de 1907, o Circo Flor do Brasil também visitou Oliveira, iniciando uma turnê que se estendeu por quase um mês. Sob direção de Aranias José Rosa, a trupe enfrentou desafios causados pelas chuvas, mas ainda assim conseguiu realizar várias apresentações que, segundo noticiado, foram recebidas com entusiasmo. O destaque ficou para as performances do *clown* Ananias Rosa, que, nas palavras de um cronista, trouxeram “momentos de alegria ao público” (Gazeta de Minas, 1907).

Nos anos de 1908 e 1909, a *Gazeta de Minas* registrou novas excursões artísticas em Oliveira, incluindo a presença da Companhia Equestre, sob direção de Genésio Macedo, com apresentações em dezembro de ambos os anos (Gazeta de Minas, 1908; Gazeta de Minas, 1909). Em agosto de 1909, a cidade também recebeu a Companhia de Variedades, que se estabeleceu no Teatro Municipal para uma temporada de espetáculos ao longo do mês. Pela primeira vez, o público oliveirense teve a oportunidade de assistir a apresentações de ventriloquia, além de números de prestidigitação, magnetismo e cançonetas, sob a direção dos artistas Clemente Pace e Ferreira Zico (Gazeta de Minas, 1909).

O ano de 1910 foi igualmente ativo, com a visita de três trupes distintas. A primeira, o Circo Austríaco, sob direção de Bazílio da Silva, estreou em março e foi amplamente elogiado pela ornamentação detalhada e pelo guarda-roupa dos artistas (Gazeta de Minas, 1910). Três meses depois, o Circo Americano, sob a liderança de Santiago Silva, promoveu espetáculos equestres e ginásticos (Gazeta de Minas, 1910). Já o terceiro e último circo, finalizando a série circense da década de 1900, o

Circo Mineiro, dirigido pelos Srs. Mendes & Villela, realizou sua estreia em outubro com apresentações de números equestres, acrobáticos e ginásticos. A companhia incluiu em seu repertório a pantomima *Os Bandidos da Serra Morena*, que atraiu grande público e lotou o circo por várias noites consecutivas (Gazeta de Minas, 1910).

Embora o teatro tivesse menor frequência em relação ao circo, sua presença era igualmente significativa, com a passagem de sete companhias pela região. Em 13 de janeiro de 1901, a *Gazeta de Minas* noticiou a chegada à cidade de uma Companhia Dramática dirigida pelo artista Cardoso Mota. Com um repertório vasto, de mais de 40 peças “cuidadosamente montadas”, as produções da companhia foram elogiadas pela qualidade dos cenários e pelo luxo dos figurinos. Segundo o periódico, o grupo contava com um elenco de 27 artistas, incluindo duas damas de “grande destaque”. Para enriquecer as apresentações, a orquestra local, sob regência do maestro Sardinha, foi contratada, agregando valor musical ao espetáculo (Gazeta de Minas, 1901).

No ano seguinte, em agosto, foi a vez da Companhia Dramática João Caetano desembarcar em Oliveira. Segundo registros da *Gazeta de Minas*, o grupo, formado por “habilidosos amadores”, planejava uma breve temporada na cidade. No espetáculo do dia 17, por exemplo, a imprensa local destacou a expectativa gerada em torno da encenação do drama *Nobre Plebeu* e de outras duas comédias, ressaltando a qualidade dos ensaios realizados na véspera (Gazeta de Minas, 1902).

Em abril de 1903, a chegada da trupe de A. Palhares, renomado ator cômico-dramático português, foi amplamente divulgada pela *Gazeta de Minas*, que enfatizou a sólida reputação que a companhia havia construído em cidades vizinhas, como Itapecerica (Gazeta de Minas, 1903). Na ocasião, o jornal reproduziu uma matéria do periódico *A Reação*, de Itapecerica, elogiando a contribuição artística da companhia de Palhares:

> Por ocasião da despedida dessa companhia que, cerca de três anos, conviveu conosco e nos proporcionou agradabilíssimos momentos, agradecemos com as palavras de encômio e elogio, de que é muito digna, porquanto compreende-se dos bons artistas — o que é mais — de pessoas serias e toda prova, dignas de todo o respeito e estima.
> Possa esse intrépido, passando em duas palavras singelas, porém enérgicas e sinceras, vir a ser um dia — que esperemos seja breve — lembrado com saudade em nossa cidade, quando não entre nós a troupe Palhares."

> Digno é, pois, este pequeno grupo de excelentes artistas, a todo o sopro apto à proteção, seja pelo motivo de vir proporcionar ao nosso público um divertimento instrutivo, seja por ajudar honesta e coerente ao procedimerto que o caracteriza (Gazeta de Minas, 1903, p. 1)

A estreia da companhia A. Palhares em Oliveira ocorreu no dia 3 de maio de 1903, em um teatro improvisado no armazém do antigo rancho do Sr. Romualdo, no Largo da Matriz. Embora o espaço fosse limitado dificultasse a movimentação dos artistas, o público elogiou as atuações de A. Palhares e sua esposa, a atriz Rosalina Palhares, que se destacaram em suas apresentações (Gazeta de Minas, Oliveira, 3 mai. 1903, p. 1). Nos dias seguintes, a trupe continuou a temporada com grande aceitação, encenando comédias como *Uma vítima da tragédia* e *Amor por anexins*, nas quais o amador local capitão Olympio Leite também teve participação destacada (Gazeta de Minas, 1903).

A companhia permaneceu em Oliveira por cerca de sete meses, realizando apresentações regulares que, embora bem recebidas, registraram variações na frequência do público, conforme destacado pela *Gazeta de Minas* (Gazeta de Minas, 1903). Em setembro de 1903, os espetáculos foram transferidos para o salão térreo do Paço Municipal, adaptado com o apoio das autoridades locais, o que facilitou a continuidade das récitas na cidade (Gazeta de Minas, 1903). Um dos eventos de maior destaque foi a récita em comemoração ao 15º aniversário da Proclamação da República, realizada em novembro de 1903. Na ocasião, o grupo encenou o drama *O Capital e a Indústria*, recebendo elogios tanto do público quanto da crítica pela qualidade da apresentação e pela atuação notável de Rosalina Palhares e demais integrantes da trupe (Gazeta de Minas, 1903).

Após a intensa temporada da companhia A. Palhares em 1903, não há registros de atividades teatrais nos jornais locais para os anos de 1904 e 1905. Esse intervalo foi interrompido em 1906, quando a Companhia Luso-Brasileira trouxe novo impulso à cena teatral de Oliveira, permanecendo por cerca de três meses, de maio a agosto. Sob a direção do “renomado” artista Roberto Guimarães, a companhia estreou no improvisado Éden Teatro, localizado no Hotel Central. Embora o espaço do palco fosse descrito pelo periódico local como “limitado”, isso não impediu o grupo de demonstrar sua qualidade artística (Gazeta de Minas, 1906). Para a estreia, o drama escolhido foi *A Niniche*, uma peça conhecida que exigia dos artistas uma performance à altura das expectativas (Gazeta de Minas, 1906).

Um marco importante dessa temporada foi a construção de um teatro provisório pela Câmara Municipal, com capacidade para até 600 pessoas, que superava as limitações do Éden Theatro (Gazeta de Minas, 1906). A inauguração desse novo espaço permitiu à companhia explorar seu repertório com mais liberdade, resultando em apresentações ainda mais atrativas. Nas semanas seguintes, a companhia atraiu grandes plateias, especialmente com peças de forte apelo popular, como *O José do Telhado* e *As Duas Órfãs*, que lotaram o teatro em várias ocasiões (Gazeta de Minas, 1906).

Em 1909, Oliveira voltou a ser palco de atividades teatrais com a chegada de uma nova companhia dramática, dirigida pelo artista Luiz Couto Rocha. A estreia ocorreu no dia 13 de junho, no Teatro Municipal, seguida de uma breve série de apresentações antes da despedida do grupo. As performances foram descritas pela imprensa como “diversificadas”, incluindo números de prestidigitação e cançonetas, o que ampliou o apelo dos espetáculos para o público local (Gazeta de Minas, 1909).

No ano seguinte, em 1910, Oliveira recebeu a visita da artista, a Sra. Onelia Menzarti, descrita por um cronista anônimo como uma “atriz lírica, dramática e trágico-cômica de extraordinária versatilidade”. Reconhecida por sua habilidade em interpretar uma ampla gama de personagens, Onelia trouxe ao palco do Teatro Municipal um espetáculo inovador, combinando dramas, comédias, cançonetas e trechos de óperas famosas como *Aida*, *Traviata* e *O Trovador*. O repertório incluía ainda comédias populares como *As Noivas de Bibi* e *Travessuras de Fígaro*, ampliando o interesse do público local (Gazeta de Minas, 1910).

Um dos pontos altos da temporada de Onelia Menzarti foi o espetáculo beneficente em homenagem à Batalha do Riachuelo, realizado em 12 de novembro de 1910. Acompanhada por sua filha e seu filho, Onelia foi calorosamente aplaudida por suas atuações (Gazeta de Minas, 1910). Embora a casa estivesse apenas “regularmente” preenchida, o público demonstrou grande apreço pela performance, solicitando a repetição de diversos números (Gazeta de Minas, 1910).

Ainda em 1910, Oliveira teve a oportunidade de apreciar outra importante temporada teatral com a chegada da companhia dirigida pelo ator M. Collares. Segundo a *Gazeta de Minas*, o grupo, composto por artistas notáveis como Candelária Couto, Joanna Dutce, Guilhermina de Carvalho e o maestro Carlos de Carvalho, trouxe um repertório diversificado que incluía dramas, operetas e comédias. A estreia no Teatro Municipal com a peça *O Bilontra*, um vaudeville que despertou grande

interesse, foi marcada por elogios aos “ricos cenários e graciosos trajes” da produção (Gazeta de Minas, 1910).

Para além dos espetáculos de circo e teatro, a década de 1900 trouxe uma novidade nas turnês dos grupos artísticos itinerantes: empresários do ramo cinematográfico, com um total de seis visitações registradas. Em agosto de 1903, o Sr. Carlos Leal desembarcou em Oliveira e apresentou, pela “primeira vez” na cidade, um animatógrafo, conforme noticiado pela *Gazeta de Minas*. A exibição ocorreu no salão térreo do Paço Municipal, e os quadros projetados surpreenderam o público tanto pela qualidade das imagens quanto pela inovação do espetáculo. O jornal elogiou a naturalidade e a perfeição das cenas, que provocaram risos e admiração entre os presentes (Gazeta de Minas, 1903). A aceitação foi tão expressiva que, a pedido do público, o Sr. Carlos Leal prolongou sua estadia, realizando novas sessões nos dias 27 e 30 de agosto. Na despedida, foram oferecidas duas exibições, uma à tarde e outra à noite, ambas com lotação esgotada, conforme relatado pela imprensa local (Gazeta de Minas, 1903).

Após essa primeira fase, as exibições de cinematógrafos só voltaram a ser noticiadas em 1906, quando Oliveira recebeu uma sequência de apresentações que evidenciam o crescente interesse pelo cinema. Em maio, o animatógrafo de Antenor de Souza, exibido no salão térreo da Câmara Municipal, atraiu o público local com o “inovador” aparelho de projeção (Gazeta de Minas, 1906). Em julho, a chegada do cinematógrafo de Attilio Volpe, exibido no Éden Theatro, encantou os espectadores com “belas vistas”, conforme relatado pela *Gazeta de Minas* (Gazeta de Minas, 1906).

Pouco tempo depois, o Sr. Carlos Leal, conhecido por sua histórica exibição em 1903, retornou com um novo cinematógrafo, agora equipado com um motor elétrico, uma inovação tecnológica que surpreendeu o público. (Gazeta de Minas, 1906). Mais adiante, ainda em 1906, a empresa Tiradentes trouxe o “Cinematógrafo Falante” para o Theatro Municipal (Gazeta de Minas, 1906, p. 1). Em 1909, novas exibições ocorreram com a chegada da empresa Faleiro & C., que proporcionou várias sessões ao longo do ano no Theatro Municipal (Gazeta de Minas, 1909). A aceitação do público resultou em exibições contínuas, destacando-se o retorno de André Bello, gerente da empresa, que introduziu programas inéditos e também sua habilidade como fotógrafo (Gazeta de Minas, 1909).

As exibições itinerantes de filmes, realizadas em 1903, 1906 e 1909, despertaram grande interesse entre os habitantes de Oliveira. Essas apresentações

temporárias, que ocorriam em locais variados, foram fundamentais para criar um ambiente favorável ao desenvolvimento de espaços de exibição fixos. O crescente entusiasmo do público por esse novo tipo de entretenimento, aliado à experiência acumulada pelos exibidores ao longo dos anos, pavimentou o caminho para a inauguração do primeiro cinema fixo em 1909. Esse processo não só refletiu o sucesso das companhias itinerantes que apresentavam o cinematógrafo, mas também marcou o início de uma nova era para o mercado de diversões na cidade.

Na esteira das apresentações cinematográficas, a música também compôs o repertório de diversões itinerantes em Oliveira durante a década de 1910, com três artistas documentos nesse período. O primeiro registro ocorreu em dezembro de 1903, quando o maestro Amédré Dalmeriat, recém-chegado da Europa, foi calorosamente recebido pela sociedade oliveirense. Conforme descrito na *Gazeta de Minas*, Dalmeriat foi elogiado tanto por suas qualidades artísticas quanto pessoais, sendo classificado como um "exímio professor de harmonia" (Gazeta de Minas, 1903).

No ano seguinte, em março de 1904, o salão nobre do Colégio Nossa Senhora de Oliveira sediou um concerto com o pianista Alfredo Martins Fontes, cego desde os nove anos. O evento foi promovido com o apoio de importantes figuras locais, como o major Evaristo Chagas e Arnaldo Ribeiro. A *Gazeta de Minas* enalteceu Martins, descrevendo- o como um "hábil pianista" e destacando sua trajetória de superação (Gazeta de Minas, 1904).

Após um intervalo sem registros musicais entre 1905 e 1908, a música voltou a ocupar espaço em 1909, com a apresentação do violinista José Sabbatini no Colégio Nossa Senhora de Oliveira. O programa incluiu obras de compositores clássicos, como Paganini, Wieniawski e Schubert, além de composições como *Canção Brasileira* e *Sonho de um Artista*. Seu desempenho em peças de alta complexidade técnica, como *Carnaval de Veneza* e *Canto dos Passarinhos*, foi recebido com “calorosos aplausos do público”, conforme relatado pela *Gazeta de Minas* (Gazeta de Minas, 1909).

Outro gênero que se destacou no repertório de diversões itinerantes foi o ilusionismo, ainda que com aparições esporádicas. Entre 1901 e 1910, apenas um registro dessa forma de entretenimento foi documentado na Gazeta *de Minas*, com a apresentação de Trajano Pires, que realizou números de prestidigitação utilizando "aparelhos de alto preço e importantes" (Gazeta de Minas, 1902). Embora o ilusionismo não fosse uma novidade tão impactante quanto o cinema, por exemplo, ele

preservava seu apelo entre aqueles fascinados pela combinação de mistério e habilidade técnica dos artistas.

As touradas, um gênero já familiar à população de Oliveira, tiveram presença esporádica durante o primeiro período analisado, com registros documentados em duas ocasiões entre 1901 e 1910. Em uma dessas ocasiões, em 1902, a Companhia Tauromáquica Hespanhola, liderada pelo toureiro José Garcia, conhecido como "Bilheteiro", apresentou-se na cidade. Segundo a *Gazeta de Minas*, a companhia havia conquistado o público em diversas cidades do Sul do país e prometia despertar o interesse dos oliveirenses (Gazeta de Minas, 1902). A estreia, ocorreu em 13 de abril de 1902, no Largo do Cruzeiro, e trouxe uma tourada tradicional com quatro touros selecionados de fazendas da região. O evento contou com uma "regular concorrência" de público e, apesar de alguns desafios impostos pelos animais, os artistas demonstraram “grande habilidade” e” destreza” (Gazeta de Minas, 1902).

A companhia permaneceu em Oliveira por várias semanas, realizando novas apresentações, algumas delas com a participação de Miguel Peita, outro artista amplamente aclamado pelo público. Mesmo em condições adversas, como o mau tempo em uma das exibições, os toureiros mantiveram a qualidade de suas performances, consolidando o sucesso desse gênero de espetáculo, que combinava tradição e emoção para os espectadores (Gazeta de Minas, 1902).

As touradas voltaram a ser notícia na imprensa local em 1910, com a visita da segunda companhia registrada naquela década: a Companhia Tauromáquica dirigida por Maximiliano Nieto. Conforme noticiado pela *Gazeta de Minas*, a companhia chegou à cidade em março, com estreia marcada para o dia 20, no redondel da Praça do Cruzeiro, local já conhecido pelos oliveirenses como cenário de eventos tauromáquicos (Gazeta de Minas, 1910).

A expectativa pela estreia foi elevada, especialmente entre os "aficionados aos touros", como mencionado no jornal. A *Gazeta de Minas* relembrou o sucesso das touradas anteriores, ressaltando a relevância desse espetáculo para o entretenimento local e incentivando o público a prestigiar as novas apresentações (Gazeta de Minas, 1910). A estreia da companhia de Nieto reafirmou a popularidade da arte tauromáquica na cidade, mesmo após um intervalo de oito anos sem registros desse gênero.

O ventriloquismo, um gênero inédito no repertório de diversões itinerantes da região, estreou em Oliveira com a chegada do artista Arysti Wilson em 1906. Sua

apresentação foi anunciada pela *Gazeta de Minas* em maio, que descreveu o sucesso obtido por Wilson em outras localidades e sugeriu que o público local teria "ocasião de admirar uma verdadeira maravilha" (Gazeta de Minas, 1906). Realizadas de forma improvisada “no rés do chão do Hotel Central”, as apresentações de Wilson rapidamente conquistaram os espectadores. Segundo relatado por um cronista anônimo, seus espetáculos atraíram uma "numerosa e seleta concorrência", com o teatro "repleto" para assistir ao “renomado” ventríloquo. (Gazeta de Minas, 1906).

Além da ventriloquia, Wilson incluía números curiosos, como a escultura rápida de bustos em menos de cinco minutos, aumentando a variedade de seu espetáculo. Entretanto, era sua maestria na ventriloquia que mais impressionava o público, especialmente pela agilidade com que realizava diálogos entre suas vozes e os bonecos. Segundo a *Gazeta de Minas*, as apresentações surpreendiam "pela rapidez de perguntas e respostas" e eram calorosamente aplaudidas, consolidando a popularidade de Wilson na cidade (Gazeta de Minas, 1906).

Partindo agora para o segundo cenário avaliado, referente ao período de 1911 e 1920, observou-se um aumento expressivo do número de companhias artísticas excursionando pela região, com 56 companhias registradas na *Gazeta de Minas*. Esse número representa um crescimento de 38,46% em relação ao final do século XIX e de 68,75% em comparação com a primeira década de século XX. Esse aumento reflete não só uma maior quantidade de grupos, mas também uma diversificação nos estilos artísticos apresentados.

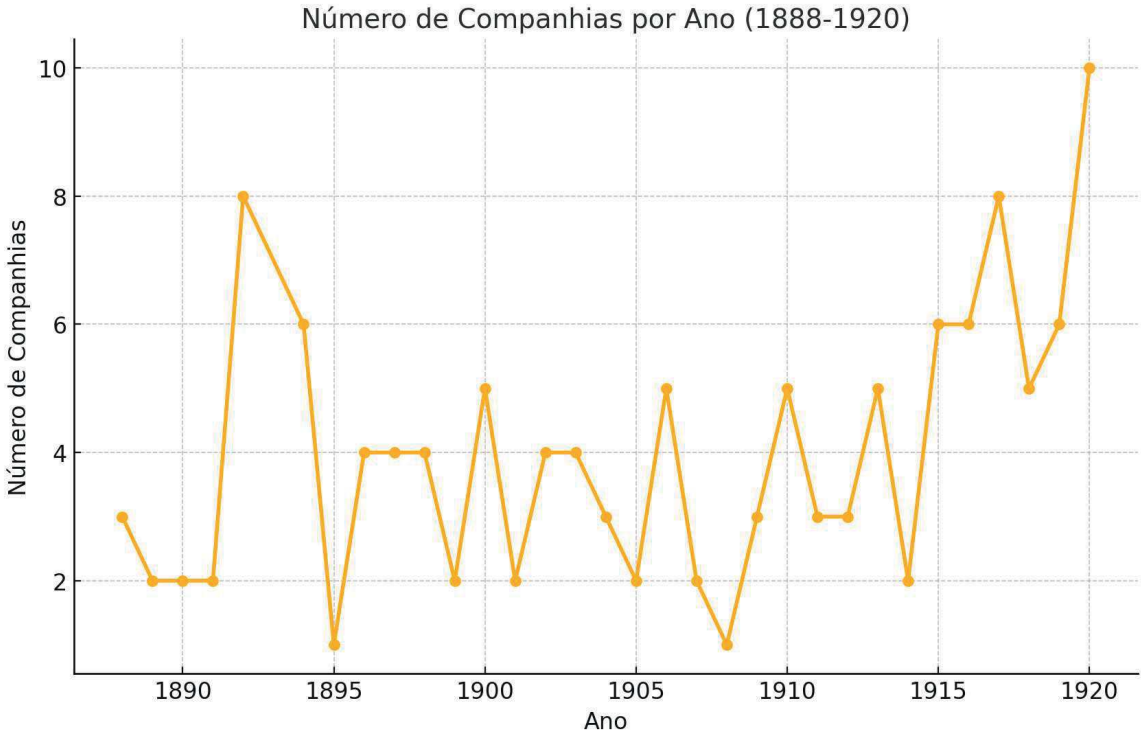
Conforme ilustrado pelo gráfico na Figura 12, a linha de evolução das turnês, que abrange mais de três décadas de análise (1888-1920), revela um crescimento contínuo dos grupos itinerantes, com seu ápice entre os anos de 1911 e 1920. Foi justamente nesse momento de ápice que a região vivenciou seu maior processo de desenvolvimento econômico, impulsionado, entre outros fatores, pelas demandas de abastecimento interno e externo decorrentes da Primeira Guerra Mundial. Alguns autores, ao se referirem a essa fase de prosperidade financeira, empregaram expressões como “boom” ou “surto” agropecuário (Amaral, 2022; Anísio, 2024).

A relação entre a economia aquecida e o interesse das companhias artísticas itinerantes em excursionar pela região torna-se evidente. Com o aumento da circulação de dinheiro, a população local adquiriu maior poder aquisitivo, possibilitando um consumo mais expressivo de produtos culturais e de entretenimento. Esse cenário favoreceu a continuidade das atividades dessas

companhias e a ampliação de seu alcance, mesmo frente à concorrência crescente de cinemas, cafés, hipódromos, bilhares e outras formas de entretenimento fixo.

No final do século XIX, devido à instabilidade financeira que dificultava o florescimento de um mercado de diversão local, as facilidades proporcionadas pela ferrovia permitiram que esses grupos itinerantes exercessem uma espécie de monopólio nas inovações no campo do entretenimento. Esse cenário parece ter motivado, ainda que de forma menos recorrente, o comércio de espetáculos na região do Oeste de Minas Gerais. Contudo, foi na segunda década do século XX que essas companhias, mesmo diante da concorrência de estabelecimentos de comércio de diversões, não apenas se mantiveram presentes, mas também ampliaram seu leque de atuação. O fator econômico parece ter sido o principal agente explicativo desse processo: mais dinheiro circulando, mais grupos excursionando.

Figura 12 - Número de companhias por ano (1888-1920)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do periódico Gazeta de Minas.

Esse contexto suscita uma reavaliação do impacto dos novos aparatos e estabelecimentos de entretenimento sobre os espetáculos promovidos pelas

companhias artísticas itinerantes, os quais ganharam novo dinamismo na virada para o século XX. A historiadora Regina Horta Duarte (1995) e eu, em minha dissertação de mestrado (2019), argumentamos que inovações tecnológicas, como o fonógrafo e o cinematógrafo, contribuíram para a reduzir a presença de espetáculos como o circo e o teatro itinerante. A regularidade e o acesso contínuo proporcionados por essas novas formas de lazer fixas representavam um desafio ao caráter esporádico das apresentações itinerantes. Além disso, Duarte menciona que a Primeira Guerra Mundial teria agravado as dificuldades enfrentadas pelos circos, criando um cenário de escassez de público e recursos.

No entanto, é importante observar que, mesmo durante esse período de crise, as companhias circenses por exemplo, demonstraram uma notável capacidade de adaptação e resistência. Embora o impacto econômico da guerra tenha sido real, ele não foi suficiente para eliminar o apelo dos circos itinerantes, que continuaram oferecendo uma forma acessível e popular de entretenimento. A prosperidade econômica da região Oeste de Minas Gerais, impulsionada pelo desenvolvimento agrícola e comercial, também favoreceu um cenário no qual ambos os modelos de entretenimento – fixo e itinerante – puderam coexistir e se complementar.

O estudo de Tiago de Melo Gomes (2003, p. 53) sobre o entretenimento no Rio de Janeiro corrobora essa linha de argumentação. Ele observa que, embora o circo seja frequentemente interpretado como um símbolo de um passado em declínio, essa visão não reflete a realidade da época. Gomes argumenta que o circo soube se adaptar às mudanças tecnológicas e culturais, preservando sua relevância no mercado. De maneira semelhante, as companhias itinerantes que circulavam por Oliveira e outras localidades da região continuaram a desempenhar um papel cultural significativo, ajustando seus repertórios e formatos de apresentação para atender às expectativas de um público em constante transformação.

Essa capacidade de adaptação é evidenciada nos dados sobre a atividade circense em Oliveira entre 1911 e 1920, período em que os circos mantiveram seu *status* como gênero artístico de maior recorrência. Ao todo, contabilizaram-se 17 visitas nesse intervalo temporal. O Circo Colombo foi o primeiro a atuar nesse novo período avaliado. Sua chegada, em fevereiro de 1911, foi amplamente divulgada pela *Gazeta de Minas*, que destacou o “prestígio” da trupe, reconhecida por seu “numeroso e qualificado elenco artístico”, além de contar com um “luxuoso guarda-roupa” e um

repertório “extenso”, enriquecido pela banda própria – um elemento que certamente ampliava o apelo dos espetáculos (Gazeta de Minas, 1911).

Ainda em 1911, a *Gazeta de Minas* noticiou a visita do Circo M Patriota, sob direção de Francisco Costa. Com o “redondel” instalado na Praça da Estação, o circo trouxe uma nova proposta de entretenimento ao público local. Além dos tradicionais números circenses, o espetáculo incluía "bons artistas toureiros", oferecendo uma combinação de números tradicionais de circo com espetáculos tauromáquicos. Essa forma de diversificação visava cativar o público oliveirense (Gazeta de Minas, 1911).

Em meados de 1912, o Circo François, chegou à região, apresentando-se, de acordo com a *Gazeta de Minas*, como uma companhia “equestre, zoológica, cinema e variedades”, com matinês e espetáculo noturnos (Gazeta de Minas, 1912). No mês seguinte, em agosto, foi a vez do Circo Spinelli estrear em Oliveira. Sob a direção do Sr. Spinelli, o circo destacou-se, conforme relatado, pelo “bom conjunto de artistas em variados trabalhos” que agradaram ao público, sobressaindo ainda pelo “luxuoso guarda roupa” e da “comodidade e conforto” do pavilhão (Gazeta de Minas, 1912).

Apesar da qualidade das performances do Circo Spinelli, um cronista anônimo do periódico criticou a localização do circo, “fora do centro da cidade e em uma praça desabrigada” (Gazeta de Minas, 1912, p. 1). Mesmo com essa dificuldade, a companhia atraiu uma "regular concorrência" ao longo da turnê, mantendo o interesse com uma programação variada. O último espetáculo foi anunciado para o dia 11 de agosto, prometendo encerrar a temporada de maneira memorável (Gazeta de Minas, 1912).

O ano de 1913 trouxe um episódio incomum ao cenário de diversões de Oliveira: a visita da trupe circense Philadelphia, cujo espetáculo tinha como atração principal a exibição de um “elefante indiano” e sua domadora. De acordo com o periódico local, a companhia, liderada por um “tipo espanhol” e composta por uma equipe heterogênea, despertou grande curiosidade no público com o “curioso animal”. Nas duas primeiras noites, o espetáculo atraiu uma afluência significativa; contudo, a situação rapidamente se deteriorou devido ao comportamento considerado “arrogante” dos membros da companhia, especialmente o porteiro e a própria domadora. A crescente insatisfação culminou em um protesto de mais de 300 pessoas, que impediram a realização de um terceiro espetáculo. A manifestação em desagrado ao circo recebeu destaque na *Gazeta de Minas*:

> Irada, esta, cônscia da honra que proporcionava Oliveira, no boletim que mandou ao público, domingo, anunciando o terceiro e último espetáculo, selecionou talvez os que lhe repiliriam a afronta reafirmando a grande distinção que se dava pelos 'mais dignos filhos desta terra, que deviam estar muito agradecidos' com a presença do elefante. Tal não aconteceu, tendo havido repulsa do povo, que, reunido em número superior a 300 pessoas, acercou-se da porta principal do Cinema, não consentindo que houvesse espetáculo, isto com a energia de seu direito e devolvendo intacta a invectiva soez, feita de lama e de babugem repugnante do cínico Sardanapalo (Gazeta de Minas, 1913, p. 1)

A manifestação popular, apoiada pela banda musical do Instituto Carvalho de Britto e liderada por figuras proeminentes da cidade, transformou-se em uma passeata que percorreu as ruas de Oliveira. Descrita pelo jornal como um “ato de civismo e defesa da honra da população”, a ação destacou que, mesmo diante de atrações de grande apelo, como o elefante, o sucesso de um espetáculo dependia não apenas da qualidade das apresentações, mas também do respeito mútuo entre artistas itinerantes e o público local. A intervenção da autoridade policial, temendo maiores incidentes, resultou no cancelamento definitivo da apresentação (Gazeta de Minas, 1913).

Poucos meses após o episódio envolvendo o circo Philadelphia, Oliveira voltou a ser palco de entretenimentos itinerantes com a chegada do Circo Teatro Paulistano, sob a direção do Sr. Deolindo Índio Brasilene. A companhia, que estreou no final de 1913, trouxe um repertório diversificado com números ginásticos, equestres, acrobáticos, além de dramas, farsas e tragédias. Prometia noites agradáveis ao público local (Gazeta de Minas, 1913). Embora a *Gazeta de Minas* tenha observado que o circo não ofereceu “nada de novo” em comparação a outras trupes que passaram pela cidade, a performance dos artistas foi elogiada, especialmente durante a encenação de uma tragédia baseada no célebre crime de Rocca e Carleto. A dramatização recriou, com precisão, episódios do notório crime que abalou o Rio de Janeiro, agradando ao público pela “fidelidade” aos fatos (Gazeta de Minas, 1913).

Dois anos depois, em 1915, o Circo Theatro Ideal chegou a Oliveira, conforme reportado pelo *Gazeta de Minas*. O elenco ginástico e dramático da companhia contava com “artistas de valor”, entre os quais se destacava o malabarista Abado Bardovil, que executou “números sensacionais, como o de passar sobre o seu corpo um automóvel”. Outras figuras elogiadas incluíam a “perita atiradora” Maria Nasck, a “magnífica equilibrista aérea” Julinha, a “grande contorcionista” Regina Baptista, que se apresentava no “trapézio volante”, e a “espirituosa Mariáshka, no globo”. Os clowns

João Villela e Caetano Coelho também foram mencionados como “alegres e divertidos” (Gazeta de Minas, 1915, p. 2).

No ano seguinte, o Circo Theatro Paulistano retornou à região após dois anos de sua primeira visita, trazendo uma nova turnê em Oliveira. Segundo o *Gazeta de Minas*, as apresentações incluíram as irmãs Brasilenses no trapézio, Julia Amaral como amazona e Deolindo Braziliense com seu cavalo em “alta escola”. O acrobata Palmerino participou com seus “impressionantes números” (Gazeta de Minas, 1915, p. 1). Após quase um mês de exibições, o circo seguiu para Itapecerica, onde estreou em 1º de janeiro de 1916 (Gazeta de Minas, 1916).

Mantendo o ritmo de novidades, em outubro de 1916, a The Olympian Troupe estreou no Theatro Municipal de Oliveira, sob a direção de Santiago P. Jacquier, descrito pela *Gazeta de Minas* como um "reputado professor de cultura física e massagem" (Gazeta de Minas, 1916, p. 1). Entre as principais atrações estavam Alberto, o “homem-cobra”, com suas "deslocações únicas"; o tango argentino de Julio e Annite; e o boxe inglês de Julio Carbett e Enzo Magoven, aplaudidos pelos "três fortes assaltos". O número "ponte humana", dos irmãos Peranchini, também recebeu grande aclamação (Gazeta de Minas, 1916). O espetáculo encerrou com quadros plásticos que recriaram figuras simbólicas e da estatuária antiga, como "Fé, Esperança e Caridade" e o "Gladiador de Ajaxio", elogiados pela precisão e rapidez na organização (Gazeta de Minas, 1916, p. 1).

Já em junho de 1917, Oliveira recebeu o Gran Circo Brasil, dirigido por Philomeno Avelino. A trupe, composta por 30 artistas, cavalos puro-sangue e um luxuoso pavilhão, realizou cinco espetáculos (Gazeta de Minas, 1917). Segundo o jornal local, o circo chamou atenção diversidade de números, incluindo acrobacias, comédias e atos equestres. Em uma iniciativa de coordenação com o cinema Oliveirense, os horários de exibição de filmes foram ajustados para que o público pudesse prestigiar ambos os eventos: “Nas noites em que funcionar o Gran Circo Brasil, começará a sessão cinematográfica do Cinema Oliveirense logo que apareça a luz elétrica” (Gazeta de Minas, 1917, p. 1).

Entre os destaques do Gran Circo Brasil estavam as performances de Sarah e Santa Salinas, que apresentaram números como arame e escada livres, descritos como executados com "perfeição". O público também foi cativado pelas exibições de força de Sr. F. Marini, o "homem alicate", e pelos atos de resistência física de Francisco Marinho, o "homem do rolete". Números acrobáticos, equestres e cômicos,

liderados pelos palhaços Couve, Octavio Lima, Giló e Pepino, completaram a noite com aplausos e risadas (Gazeta de Minas,1917). Em uma ação caridosa, o circo realizou um espetáculo beneficente em prol da Santa Casa de Misericórdia, arrecadando mais de trezentos mil réis e atraindo uma multidão, que elogiou a iniciativa (Gazeta de Minas, Oliveira, 1917). Ao se despedir de Oliveira, o Gran Circo Brasil agradeceu o caloroso acolhimento e partiu para Bom Sucesso, levando consigo as boas lembranças da cidade (Gazeta de Minas, 1917, p. 1).

Mais tarde, em 1917, o Circo Recreativo, sob a direção de Alfredo Silva, estreou na Praça D. Manuelita Chagas em Oliveira, com um elenco diversificado. Entre os destaques estavam o palhaço Zulú, o malabarista e equilibrista Bazílio Monteiro e o jovem ilusionista A. Zovetti Filho. Performances de eccophoonia e equilibrismo, com Antonieta Zovetti e Floripes Gonçalves, também receberam elogios da crítica (Gazeta de Minas,1917). A *Gazeta de Minas* informou que, nos dias de espetáculo do circo, as sessões do Cinema Oliveirense ocorreriam após as apresentações, mostrando a coordenação entre as atrações (Gazeta de Minas, 1917).

No final de 1917, foi a vez do Circo Goytakazis visitar Oliveira, marcando o retorno de Oscar Gamboa após 22 anos desde sua última excursão pela cidade. Segundo a *Gazeta de Minas*, Gamboa era uma figura influente no cenário circense, e sua volta despertou memórias positivas entre os oliveirenses (Gazeta de Minas, 1917).

Em maio de 1918, a cidade recebeu o Pavilhão Brasil-Japonês, dirigido pelo artista japonês Sr. Takessawa Mange. De acordo com as notas publicadas na *Gazeta de Minas*, a companhia, composta por artistas de “alta qualificação”, apresentou números de ginástica moderna, ciclismo, equitação e acrobacias. A “Família Japonesa” conquistou o público com os números de “equilibrismo e jogos icáros”. A procura por ingressos foi tão grande que a polícia precisou intervir para controlar as vendas (Gazeta de Minas, 1918, p. 1). Entre os principais artistas, Mlle. Saada, Okico e Liurco Mange se destacaram, especialmente durante uma *serata d'onore* que atraiu grande público. Um momento marcante foi a inauguração do Pavilhão Oliveirense em junho, um gesto simbólico dos diretores em homenagem à cidade, refletindo o apreço pela calorosa recepção (Gazeta de Minas, 1918, p. 1).

Ainda em 1918, o Circo Oriental visitou Oliveira e foi amplamente elogiado pela *Gazeta de Minas* pela sofisticação de suas instalações, guarda-roupa luxuoso e cortesia de sua equipe. O repertório incluía trapézio, números com bicicletas, barras e

palhaços como René e Espiga, cujas habilidades musicais chamaram atenção. Uma novidade divulgada foi o "foot-ball canino", com cães adestrados, que atraiu a curiosidade do público. A banda musical da trupe também foi elogiada pela qualidade das apresentações (Gazeta de Minas, 1918).

No ano seguinte, em 1919, Oliveira recebeu duas companhias circenses. O Circo Palhares, instalado na Praça D. Manuelita Chagas, atraindo grande audiência com seus populares espetáculos de "cavalinhos" (Gazeta de Minas, 1919). Posteriormente, o Circo União Brasileira trouxe pantomimas e números com animais adestrados, reafirmando sua popularidade entre os oliveirenses (Gazeta de Minas, 1919).

Por fim, em 1920, Oliveira foi visitada por três companhias circenses, cada uma trazendo um repertório variado ao longo do ano. O primeiro a se apresentar foi o Circo Peruano, cujos espetáculos atraíram grande público e receberam elogios. De acordo com a *Gazeta de Minas*, a companhia impressionou tanto pelo talento de seus artistas quanto pela qualidade das performances, com menção especial ao festival artístico promovido pelo secretário da companhia, o ator Gomes Machado (Gazeta de Minas, 1920). No segundo semestre, em agosto, o Circo Oeste de Minas, sob a direção de Álvaro Villela, chegou à cidade e também foi bem recebido, conforme noticiado (Gazeta de Minas, 1920, p. 2). Encerrando o ano, o Circo Monteiro estreou em dezembro, atraindo uma audiência significativa. Na imprensa ressaltou o entusiasmo do público, especialmente em relação à atuação do palhaço, que se tornou uma das principais atrações da companhia (Gazeta de Minas, 1920, p. 2).

No que diz respeito ao teatro, foram identificados 9 grupos atuando na região, a partir de 1912. A primeira companhia registrada foi a de artistas portugueses, que, após realizar espetáculos na cidade de Formiga, seguiu para Oliveira, onde desembarcou no mês de agosto (Gazeta de Minas, 1912). A estreia ocorreu no Theatro Municipal de Oliveira, com elogios na imprensa ao “festejado ator e escritor” Romualdo de Figueredo e a “graciosa atriz” Julia Alniz (Gazeta de Minas, 1912).

No ano seguinte, em 1913, a Associação de Artistas Dramáticos iniciou apresentações na cidade. Após uma temporada em Cláudio, onde foi “especialmente contratada”, conforme a *Gazeta de Minas*, o grupo seguiu para Oliveira (Gazeta de Minas, Oliveira, 16 fev. 1913, p. 1). Em março, a associação apresentou a peça *Martha ou O Gênio do Mal*, de Seraphim dos Santos Lima, no Cinema Oliveirense. Segundo o periódico local, embora a “concorrência não tenha sido tão grande”, o

drama, mesmo sendo “antigo”, foi considerado “bom e agradável” (Gazeta de Minas, 1913, p. 1).

Nas apresentações subsequentes, a Associação de Artistas Dramáticos atraiu maior público. Em 1º de março, encenou *O Dote*, de Arthur Azevedo, seguida pelo drama espanhol *João José*, de D. J. Dicenta, que foi amplamente elogiado pela qualidade do cenário e pelo desempenho dos atores (Gazeta de Minas, 1913). Outro ponto alto das apresentações foi a comédia *Moços e Velhos*, de Rangel de Lima, que arrancou muitas gargalhadas e aplausos, especialmente pelas atuações das atrizes Encarnação Abreu e Rizoleti Campos (Gazeta de Minas, 1913, p. 1). Encerrando as atividades em Oliveira, a associação apresentou *Os Milagres de N. S. Aparecida*, com a participação de crianças da sociedade local (Gazeta de Minas, 1913).

Em julho de 1914, o duo Pepe-Oterito estreou no Cinema Oliveirense. Segundo a *Gazeta de Minas*, o grupo já havia atraído atenção por suas apresentações em teatros renomados, como o Cassino de Buenos Aires e o Royal de Montevidéu. O programa incluiu números variados, como *Lágrimas e Risos*, *Cascaretes* e cenas cômicas, descritas como “amplamente aplaudidas”. No dia seguinte, o duo trouxe novas atrações, incluindo a peça a *Alma Andaluza* e *Os Apaches Parisienses*, sob a direção musical de Plácido da Costa Paes. O quadro de sombras, embora já conhecido, despertou interesse no público (Gazeta de Minas, 1914).

Em outubro de 1915, dando continuidade ao fluxo de atrações teatrais na cidade, a Companhia Alzira Leão estreou no Theatro Municipal de Oliveira com o drama *A Morgadinha de Valflor*, destacando-se pelas atuações de Alzira Leão e Chaves Florence, elogiados pela crítica local. Nas apresentações seguintes, Alzira impressionou com peças como *O Gaiato de Lisboa* e *Deus e a Natureza*, sendo ovacionada mesmo com uma plateia reduzida. A temporada foi encerrada com as peças *Niniche* e *Surpresas do Divórcio*, nas quais Alzira foi homenageada pelo seu "prodigioso talento" (Gazeta de Minas, 1915).

No início de 1917, a Troupe de Variedades Ferreira da Silva apresentou uma série de espetáculos ao Theatro Municipal de Oliveira, incluindo peças como *O Segredo da Esposa* e *Na Casa do Pai*, além de comédias e cançonetas interpretadas por artistas como Ferreira da Silva, Lúcia Fernandes e João Miranda. Apesar de uma tempestade ter interrompido parte de uma das sessões, a trupe foi bem recebida e elogiada por seu talento (Gazeta de Minas, 1917). Após duas semanas de trabalhos em Oliveira, a companhia encerrou sua temporada com a peça *Cada Doido...*, também

bem recebida pelo público, e seguiu para a cidade de Itapecerica. (Gazeta de Minas, 1917).

A Troupe de Variedades Ferreira da Silva retornou a Oliveira em julho de 1917 para uma nova estadia de aproximadamente cinco semanas, iniciando sua temporada com a peça *Que Trindade!* de Belmiro Braga, novamente no Theatro Municipal. Com várias apresentações bem-sucedidas ao longo do período, a companhia encerrou sua temporada em agosto com a peça *Tim-Tim* e partiu para Lavras (Gazeta de Minas, 1917).

No ano seguinte, em outubro de 1918, a Companhia Norte Americana Carlito estreou no Cinema Oliveirense. A *Gazeta de Minas* elogiou amplamente o programa diversificado da companhia e a execução impecável dos artistas. Entre os destaques estavam The Pintos, mestres da "Sapateia Inglesa", e Mlle. Latrene, uma cantora reconhecida por sua voz e presença de palco. A companhia foi descrita como merecedora de estar entre as melhores do gênero (Gazeta de Minas, 1918).

Em setembro de 1919, a imprensa de Oliveira acompanhou os trabalhos da Companhia Silva e Silva, que reabriu a casa de espetáculos do Grupo Escolar com uma “comédia hilariante” e uma “peça grandiloquente”, embora descrita como “modesta em cenários e figurinos”. Segundo a *Gazeta de Minas*, o público se divertiu com a apresentação, que contou com a participação do ator veterano Machado Careca (Gazeta de Minas, 1919). No mês seguinte, a peça *Flores de Sombra*, de Cláudio Sousa, foi encenada no Theatro Municipal. Descrita como uma comédia de costumes brasileiros “consagrada” em palcos internacionais, *Flores de Sombra* “encantou o público oliveirense pela elegância do texto e pela qualidade do elenco” (Gazeta de Minas, 1919, p. 1).

No final de 1920, a Troupe Lemos retornou a Oliveira após uma visita anterior que, segundo um cronista local, ocorrera “há tempos” e fora bem-sucedida. A nova temporada iniciou-se no Cinema Oliveirense com a comédia *O Casamenteiro*, que, apesar de descrita como “pouco espirituosa”, agradou ao público pelo desempenho dos artistas (Gazeta de Minas, 1920).

Assim como ocorreu com o circo e o teatro, os espetáculos musicais também ganharam relevância entre 1911 e 1920, com a visita de 14 grupos à região. Muitos desses grupos trouxeram artistas internacionais e apresentaram especialidades diversas, algumas ainda desconhecidas do público local.

Um dos primeiros eventos marcantes nesse período ocorreu em dezembro de 1911, quando Oliveira recebeu o concerto de Albano Raposo no Cinema Oliveirense, realizado antes de uma sessão cinematográfica. Sob a organização do maestro, o programa incluiu obras de compositores como H. Leonard, P. Sarasate e Ch. Jeloux, interpretadas por Raposo com acompanhamento de Ernestina Miranda, Manuelita Chagas e Diva Pinheiro Chagas (Gazeta de Minas, 1911). Albano Raposo, descrito pela *Gazeta de Minas* como um "verdadeiro artista de mérito", foi especialmente elogiado por sua execução da peça *Zigeunerweisen*, de Sarasate, que arrancou "aplausos calorosos e entusiásticos" da plateia. No dia seguinte, o maestro retornou ao Rio de Janeiro, deixando uma "série de admiradores" entre os oliveirenses (Gazeta de Minas, 1911, p. 1).

Em outubro de 1913, o barítono brasileiro Abreu de Souza se apresentou em Oliveira, trazendo consigo uma reputação estabelecida no Brasil e em várias capitais europeias. Segundo a *Gazeta de Minas*, o cantor, com uma carreira internacional, foi recebido no salão nobre do Hotel Central de Oliveira. Embora o auditório tenha sido descrito como "pequeno", a recepção calorosa refletiu a admiração do público pelo talento do artista, que possuía vasta experiência internacional (Gazeta de Minas, 1913). Natural do Rio de Janeiro e com formação musical em Portugal e França, Abreu de Souza destacou-se por seu amplo repertório e pelo domínio de quatro línguas. O programa incluiu peças vocais e instrumentais, com o acompanhamento da professora Manuelita Chagas. Entre as obras apresentadas estavam *Les yeux doux je rêve* e *Ne piu avrai*, além de interpretações de "caricaturas de tipos políticos", que geraram risadas e aplausos do público (Gazeta de Minas, 1913).

Ainda em 1913, o músico A. Lennep realizou uma audição de cítara em Oliveira, apresentando um instrumento “pouco conhecido” na região. Segundo a *Gazeta de Minas*, Lennep chegou à cidade com ampla divulgação, autodenominando-se o "primeiro citarista universal" (Gazeta de Minas, 1913, p. 1). O cronista anônimo que acompanhou o evento reconheceu a dificuldade em avaliar um instrumento “pouco familiar”, mas, com base na opinião de especialistas, destacou Lennep como um "verdadeiro artista". A performance foi bem recebida pelo "seleto auditório", e a execução foi descrita como agradável e de qualidade (Gazeta de Minas, 1913, p. 1).

No início de 1914, o barítono italiano Dyonísio Ferrari chegou a Oliveira, conforme registrado pelo jornal *Gazeta de Minas*, apresentou-se acompanhado ao piano por Manuelita Chagas, já uma figura conhecida e respeitada na cena musical

local. O evento contou também com as participações de Carolina Ferreira, Maria Augusta Toscano Barreto e do professor J. de Almeida (Gazeta de Minas, 1914).

Em novembro de 1915, o jovem violinista Antônio de Paula Affonso, natural de São João del Rei e estudante do Conservatório de Música da Capital Federal, apresentou-se em Oliveira em sua turnê pela região. Acompanhado ao piano pela Sra. Ernestina M. Gomes, ele realizou sua performance no Grande Hotel. Segundo a *Gazeta de Minas*, Paula Affonso foi "muitíssimo aplaudido" após executar várias peças de seu repertório (Gazeta de Minas, 1915).

No ano seguinte, em outubro de 1916, foi a vez da cantora lírica Consuelo Esoriche estrear no Theatro Municipal de Oliveira. Diplomada pelo Real Conservatório Musical de Milão, Esoriche também atuava como professora de canto e piano, e sua apresentação foi recebida com grande expectativa. Conforme a *Gazeta de Minas*, a artista era descrita como uma "estrela de verdadeiro brilho" e amplamente elogiada por suas interpretações de óperas e zarzuelas (Gazeta de Minas, 1916).

Em novembro de 1917, o Cinema Oliveirense voltou a receber apresentações musicais, conforme registrado pela *Gazeta de Minas*. Alberto Gomes cativou o público com suas interpretações de *Olhar tristônio* e *Súplica*. A jovem pianista Rachel S. Lisboa foi particularmente elogiada, e o jornal destacou seu futuro promissor na música, caso continue a dedicar-se à "divina arte" (Gazeta de Minas, 1917).

Em junho de 1918, a cantora italiana Olga Lagrange, já amplamente celebrada nos palcos do Brasil, chegou a Oliveira. Além de sua reputação artística, Lagrange era conhecida por seu trabalho beneficente, realizando concertos em prol de instituições como o Instituto da Infância e a Cruz Vermelha. Sua apresentação na cidade foi aguardada com entusiasmo, e o público foi incentivado pelo periódico local a comparecer em apoio à generosa artista (Gazeta de Minas, 1918).

No ano seguinte, em 1919, o guitarrista Martinho Vasconcellos realizou dois concertos em Oliveira, descritos pelo cronista da *Gazeta de Minas* como "soberbos recitais de guitarra" (Gazeta de Minas, 1919). Vasconcellos apresentou um repertório variado com composições de Chopin, Schumann e Sarasate, além de peças de sua autoria. Acompanhado ao piano por Mlle. Inah Xavier e ao violão por Cesario Machado, suas interpretações "clássicas e plangentes" da guitarra portuguesa conquistaram o público (Gazeta de Minas, 1919, p. 3).

Ainda em dezembro de 1919, a cidade recebeu a visita de um dueto infantil de Belo Horizonte, composto pelos jovens Agostinho e Tereza Branco. O "magnífico

dueto", como chamado pela *Gazeta de Minas*, foi calorosamente recebido no Cinema Oliveirense e amplamente aplaudido por suas “graciosas” performances (Gazeta de Minas, 1919, p. 2).

Em 1920, a cena musical de Oliveira continuou a prosperar com diversos eventos marcantes. Em abril, o violoncelista premiado Luiz de Oliveira, natural de São João del-Rei e formado pelo Instituto Nacional de Música, realizou um concerto no Cinema Oliveirense. Sua apresentação foi recebida com aplausos entusiásticos do público e da crítica, consolidando ainda mais sua reputação em Minas Gerais (Gazeta de Minas, 1920).

Em junho do mesmo ano, a Companhia Lírica Juvenil Città di Roma, sob a direção artística de M. Guerra, trouxe uma temporada de apresentações ao Theatro Municipal. O repertório incluiu óperas renomadas, como *Tosca*, *Rigoletto*, *La Traviata* e *Cavalleria Rusticana*. O periódico local observou que, embora a trupe fosse composta por artistas “habilidosos”, como A. Fossi e L. Vivarelli, os espetáculos foram parcialmente prejudicados pela falta de cenários adequados. Ainda assim, as atuações foram calorosamente aplaudidas (Gazeta de Minas, 1920).

No mês seguinte, o saxofonista Ladário Teixeira, que já havia se apresentado na cidade no ano anterior, retornou para um concerto beneficente no teatro do Grupo Escolar. Acompanhado pela pianista Marieta Rabello, Teixeira agradou ao público com uma execução vibrante e expressiva, arrecadando fundos para a Caixa Escolar Dr. Assis das Chagas (Gazeta de Minas, 1920). Em agosto, encerrando a série de eventos musicais do ano, a cantora e dançarina espanhola La Paquena estreou no Cinema Oliveirense. Embora o repertório tenha sido descrito como “familiar ao público” pela *Gazeta de Minas*, suas apresentações foram bem recebidas e agradaram à plateia local (Gazeta de Minas, 1920).

O ilusionismo passou por um processo de dinamização na segunda década do século XX, com registros de cinco artistas especializados mencionados pela *Gazeta de Minas*. Em outubro de 1916, professor Conde Themistocle, descrito pelo periódico local como um ilusionista de "grande nomeada", apresentou-se no Theatro Municipal, realizando números como telepatia, transmissão de pensamento e o arriscado estrangulamento indiano (Gazeta de Minas, 1916). O público oliveirense, conhecido por sua exigência, aplaudiu a performance, valorizando a "delicadeza" e a "educação" do artista (Gazeta de Minas, 1916, p. 1).

No final do ano, o prestidigitador e professor Clemente Pace retornou a Oliveira após sete anos de sua última visita à cidade. Suas apresentações, realizadas no Cinema Oliveirense, destacaram-se pela cartomancia, ventriloquia e diversos números de ilusionismo, sendo elogiado como o "rei dos mágicos e mágico dos reis". As sessões foram aclamadas, e algumas noites contaram com casa cheia (Gazeta de Minas, 1916). Sua despedida ocorreu em 17 de dezembro, com um espetáculo muito elogiado pela imprensa, apesar de uma menor audiência devido ao mau tempo. O artista agradeceu pela calorosa recepção e seguiu para São João del-Rei, levando consigo a admiração dos oliveirenses (Gazeta de Minas, 1916, p. 1).

Três anos depois, em dezembro de 1919, o mágico Canisdolfa apresentou-se no Cinema Oliveirense, mas, ao contrário de outros artistas que passaram pela cidade, sua performance não foi bem recebida. Segundo a *Gazeta de Minas*, seus números caíram "em franco desagrado" junto ao público, evidenciando a recepção negativa (Gazeta de Minas, 1919, p. 1). Já em julho de 1920, o artista belga Great Michelin trouxe a Oliveira uma exibição de telepatia, hipnotismo e manipulação moderna, complementada por um filme sobre seu enterramento em Belo Horizonte, onde permaneceu por oito dias, com certificação que comprovava o feito (Gazeta de Minas, 1920). Sua estreia foi bem acolhida pelo público, que elogiou suas habilidades. Michelin realizou ainda uma segunda apresentação antes de encerrar sua temporada na cidade (Gazeta de Minas, 1920, p. 1).

Por fim, em novembro de 1920, o prestidigitador Mister Moris subiu ao palco do Cinema Oliveirense. No entanto, apesar de sua confiança, seus truques foram considerados "por demais conhecidos" e não causaram grande impacto no público. A *Gazeta de Minas* observou que uma “dose de modéstia” teria sido mais apropriada (Gazeta de Minas, 1920, p. 1).

Na segunda década do século XX, o público de Oliveira teve a oportunidade de vivenciar formas inéditas de entretenimento que combinavam arte, tecnologia e uma nova interação com o espectador. Esse período foi marcado por inovações que mesclavam fascínio e surpresa, rompendo com as formas tradicionais de espetáculos. Um exemplo notável ocorreu em setembro de 1913, quando a artista Yolan Kowacha trouxe ao Cinema Oliveirense uma performance inédita que integrava luz e tecnologia. Conhecida como a “mulher luminosa”, Mme. Kowacha impressionou a audiência com suas "transformações de luz", utilizando efeitos visuais e dispositivos tecnológicos que despertaram grande curiosidade e atraíram sessões lotadas (Gazeta de Minas, 1913).

No ano seguinte, em setembro de 1914, os moradores de Oliveira puderam assistir a um espetáculo igualmente novo e inusitado, descrito pelo periódico local como “nunca antes visto na cidade”: a caricatura ao vivo (Gazeta de Minas, 1914). O caricaturista brasileiro Lincoln de Souza, em sua apresentação no Cinema Oliveirense, divertiu o público ao traçar caricaturas de personalidades célebres, como Ruy Barbosa e o imperador Francisco José da Áustria. Lincoln criava as caricaturas ao vivo, transformando o palco em um espaço de crítica e humor, algo considerado “inédito” no interior de Minas Gerais (Gazeta de Minas, 1914, p. 1).

Dois anos depois, em dezembro de 1916, a *Gazeta de Minas* anunciou outro espetáculo que surpreendeu os espectadores: a apresentação do ventríloquo e imitador Nilo Durval. Especializado em imitar vozes femininas, Durval trouxe uma performance que misturava humor, canto e rápidas trocas de figurino, exibindo uma destreza técnica “raramente vista” em Oliveira (Gazeta de Minas. 1916). Suas imitações, combinadas com ventriloquia e dança, foram descritas pelo jornal como uma “novidade de grande impacto” (Gazeta de Minas, 1916, p. 1).

Em outubro de 1917, outra inovação do entretenimento itinerante foi celebrada em Oliveira: o transformismo. No palco o Cinema Oliveirense, o artista Silva Lisboa consolidou essa arte como uma das inovações mais celebradas na cidade. Segundo um cronista local, seu espetáculo, que consistia em rápidas trocas de figurino e mudanças de identidade, capturava a imaginação dos espectadores ao trazer à cena personagens cômicos de diferentes idades, sexos e classes sociais. Essa forma de entretenimento, que unia técnica e humor, oferecia uma experiência que combinava riso com uma habilidade performática incomum para a época (Gazeta de Minas, 1917).

Ainda em outubro de 1917, outra novidade se destacou no cenário cultural de Oliveira: o jornalista e literato Cornélio Pires trouxe à cidade suas palestras humorísticas sobre os "costumes nacionais" (Gazeta de Minas, 1917, p. 1). De acordo com a Gazeta *de Minas*, esse gênero de entretenimento combinava reflexão cultural com humor, proporcionando ao público uma abordagem leve, mas crítica, sobre a cultura nacional, especialmente por meio da figura do "caipira” (Gazeta de Minas, 1917, p. 1).

Em julho de 1918, encerrando os registros de novidades na década de 1910, Oliveira recebeu a visita do cientista chileno Dr. Javier, que apresentou um espetáculo focado em experimentos de pensamento e ciências ocultas. Segundo a *Gazeta de*

Minas, o público local ficou “fascinado” com demonstrações de sonambulismo e catalepsia. Esse tipo de espetáculo, fundamentado em pseudociências e fenômenos místicos, surpreendeu os espectadores com apresentações descritas como "inovadoras" e "de grande interesse moral". A performance de sua assistente, Mme. Linette, e de um faquir, ambos exibindo “habilidades sobrenaturais”, completou o evento, intrigando o público ao desafiar as leis da ciência (Gazeta de Minas, 1918).

O crescimento das companhias artísticas itinerantes na região do Oeste de Minas Gerais ao longo da década de 1910 está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento econômico experimentado nesse período. A prosperidade financeira, impulsionada pelo "boom" agropecuário e pelas demandas geradas pela Primeira Guerra Mundial, resultou em um aumento significativo do poder aquisitivo da população local. Esse contexto econômico favorável não apenas permitiu a continuidade das atividades das companhias itinerantes, como também possibilitou a ampliação e diversificação dos espetáculos, refletindo o dinamismo e a adaptabilidade do mercado de entretenimento frente ao cenário econômico.

Nesse ambiente de prosperidade, observaram-se novas e variadas inovações nos espetáculos itinerantes, que enriqueceram o repertório cultural da região. Mesmo no circo, tradicionalmente associado a números clássicos, surgiram elementos inovadores que cativaram o público. A introdução de apresentações teatrais, o uso de tecnologias avançadas, como a iluminação a gás acetileno, e a incorporação de números exóticos, incluindo o transformismo e demonstrações científicas, ilustram a capacidade dessas companhias de se reinventarem para atender às expectativas de uma plateia em constante mudança.

Além disso, a sincronia de horários entre diferentes formas de entretenimento revela uma articulação estratégica local voltada para maximizar a participação do público. As apresentações eram frequentemente coordenadas para que os espectadores pudessem assistir a um espetáculo e, em seguida, deslocar-se para o cinema ou para uma peça teatral no mesmo dia. Essa organização não apenas facilitava o acesso a múltiplas formas de lazer, como também refletia o aumento do poder aquisitivo da população, que dispunha de recursos para consumir mais de uma diversão. A cooperação entre circos, teatros, músicos e outras artistas, com horários ajustados e espetáculos complementares, evidencia um mercado de diversões em plena expansão.

Em suma, o período analisado destaca como o desenvolvimento econômico contribuiu para o florescimento e diversificação das atividades artísticas itinerantes na região. A capacidade das companhias de inovar e a articulação entre diferentes formas de entretenimento não apenas enriqueceram o cenário cultural local, mas também refletiram uma sociedade em transformação, com maior acesso a bens e serviços culturais, impulsionada por um contexto de prosperidade econômica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado na introdução, o objetivo central desta pesquisa foi investigar a relação entre as companhias artísticas itinerantes e o desenvolvimento do mercado de diversões no Oeste de Minas Gerais entre o final do século XIX e o início do século XX. Buscou-se compreender como a expansão ferroviária, o crescimento econômico regional e as transformações sociais contribuíram para a formação de um mercado de entretenimento dinâmico e acessível. A pesquisa revelou as nuances e complexidades do cenário cultural da região, evidenciando o papel essencial das companhias itinerantes na disseminação de práticas culturais inovadoras e conectadas com os principais centros do Brasil e do mundo.

No capítulo 1, exploramos a chegada da Estrada de Ferro Oeste de Minas e sua contribuição para a circulação de companhias artísticas itinerantes, especialmente em Oliveira. A ferrovia facilitou o deslocamento de grupos artísticos, ampliando o acesso da população local a diversas formas de entretenimento, antes restritas ou esporádicas, e possibilitando o contato com inovações tecnológicas da época, como as primeiras exibições cinematográficas e o fonógrafo. Assim, as companhias itinerantes se destacaram como pioneiras na introdução de novas práticas culturais em regiões afastadas dos grandes centros urbanos, reforçando o papel da ferrovia na transformação social e cultural.

Antes da expansão das linhas ferroviárias, a presença das companhias itinerantes era restrita, com uma média de uma visita a cada dois anos entre 1887 e 1891. Com o avanço das estações ferroviárias a partir de 1890, observou-se um aumento na frequência dessas visitas e uma diversificação dos estilos artísticos apresentados. Entre 1892 e 1900, o número de visitas cresceu expressivamente, especialmente em modalidades tradicionais, como circo e teatro, que passaram de 7 para 20 visitas. Novas formas de entretenimento também surgiram, como as apresentações dos prestidigitadores José P. Guyonnet e Faure Nicolay, além do teatro automático de Alexandre Aparício. Nesse período, registraram-se a primeira audição pública de fonógrafo, promovida pela Empresa Trindade e Eugênio Botelho em 1894, e as primeiras touradas, noticiadas em 1896.

Como discutido no capítulo 2, o período subsequente à abolição da escravatura foi marcado por uma crise econômica que restringiu as oportunidades de comércio de

diversão. Ainda assim, as companhias artísticas itinerantes mantiveram suas atividades, embora de forma esporádica, em um mercado de diversões incipiente e com pouca concorrência. A partir de 1900, com a recuperação do setor agropecuário e o aumento das exportações de café e outros produtos agrícolas, o cenário econômico estabilizou-se, favorecendo o surgimento de novos espaços de lazer. Cinemas fixos, teatros permanentes, cafés e outros estabelecimentos de entretenimento pago começaram a surgir, permitindo que mais pessoas tivessem acesso a essas novas formas de lazer e ampliando o mercado consumidor na região.

A análise da década de 1910 demonstrou que, apesar da concorrência crescente dos novos estabelecimentos fixos, as companhias artísticas itinerantes ampliaram sua presença no mercado de espetáculos, adaptando-se às mudanças e incorporando inovações tecnológicas em suas apresentações. Essa capacidade de adaptação evidencia a resiliência e versatilidade dessas companhias, que souberam combinar elementos tradicionais e modernos para atender a um público cada vez mais diversificado e exigente. Além disso, a prosperidade econômica e o aumento da população assalariada criaram um ambiente favorável para a expansão do mercado de entretenimento, possibilitando a coexistência e complementaridade entre diversas formas de lazer. Nesse processo, as companhias itinerantes destacaram-se como provedoras de entretenimento e agentes de difusão cultural e inovação artística.

Em um balanço geral dos grupos e estilos artísticos entre 1888 e 1920, foram registradas 131 visitas de companhias itinerantes na região, abrangendo modalidades como circo, teatro, touradas, ilusionismo, música, fonógrafo, cinematógrafo, ventriloquismo, transformismo, humoristas e caricaturistas. O circo foi a modalidade mais frequente, com 48 grupos registrados, representando aproximadamente 36,6% do total, o que sugere uma forte tradição circense e um público fiel a esse tipo de espetáculo.

O teatro correspondeu a cerca de 26,7% dos registros, com 35 visitas, oferecendo estilos dramáticos variados, desde peças clássicas até encenações com fantoches. A recorrência de alguns grupos em anos subsequentes indica o sucesso e a boa recepção por parte do público local, bem como uma demanda contínua por esse tipo de entretenimento.

Os espetáculos musicais foram o terceiro gênero mais frequente, com 19 artistas ou grupos registrados, representando aproximadamente 14,5% dos eventos catalogados. A partir de 1892, a atividade musical ganhou destaque, atingindo seu

auge em 1920. Entre os artistas notáveis que se apresentaram na região estão Giulietta Dionesi, Rachel S. Lisboa, Consuelo Escoriche e o maestro Ladário Teixeira.

O ilusionismo, por sua vez, foi representado por 11 companhias especializadas, com uma presença mais expressiva a partir de 1900, o que corresponde a cerca de 8,4% dos registros. Artistas como Faure Nicolay, Trajano Pires, Conde Themistocle e Great Michelin receberam menções frequentes da imprensa local, refletindo o interesse do público por espetáculos que exploravam o mistério e a ilusão.

As apresentações de cinematógrafo e fonógrafo totalizaram 8 registros, com a primeira exibição de fonógrafo documentada em 1894. Quanto ao cinematógrafo, a pesquisa identificou 7 atividades itinerantes entre 1900 e 1909, sendo este último ano marcado pela inauguração do primeiro cinema fixo em Oliveira. Juntas, essas modalidades representaram aproximadamente 6,9% dos eventos, sinalizando a introdução e crescente popularidade das tecnologias de entretenimento audiovisual, que revolucionariam o consumo cultural e de lazer na região.

As touradas, embora menos frequentes, constituíram 3,8% das visitas, com registros em 1896, 1898, 1902, 1911 e 1915. Esses espetáculos de origem ibérica contribuíram para a diversidade das atrações culturais e refletiram influências herdadas da colonização. Outras modalidades de entretenimento incluíram a apresentação do ventríloquo Wilson (1906), da transformista Yolan Kovacha (1913), de dois espetáculos de humor (1915 e 1917) e do caricaturista Lincoln de Souza (1914), totalizando cinco categorias adicionais. Embora menos numerosas, essas apresentações enriqueceram o cenário cultural da região, que experimentou uma alta concentração de eventos em 1916, 1917 e 1920, anos marcados por estabilidade econômica, crescimento populacional e aumento do interesse por atividades culturais. Esse contexto favoreceu uma verdadeira efervescência artística no Oeste de Minas Gerais.

Um dos achados mais relevantes desta pesquisa foi constatar que a intensificação da oferta de espetáculos entre 1911 e 1920 não representou o declínio das companhias artísticas itinerantes, ao contrário do sugerido por parte da historiografia. Essas companhias demonstraram uma notável capacidade de adaptação e resiliência diante das transformações culturais e tecnológicas da época. Enquanto novas formas de lazer fixo ganhavam popularidade nas áreas urbanas, as companhias itinerantes renovaram seus repertórios e estratégias para atrair tanto as elites quanto o público em geral, incorporando elementos modernos em suas

apresentações e conciliando o tradicional com o inovador. A continuidade dessas companhias no cenário cultural de Oliveira e arredores revela a complexidade das dinâmicas culturais regionais, que não podem ser plenamente explicadas apenas sob a ótica das grandes metrópoles. Fatores locais, como preferências estéticas, tradições comunitárias e estruturas sociais, foram cruciais para a permanência e o sucesso dessas companhias na região.

Este estudo oferece uma perspectiva mais equilibrada sobre a história do lazer no Brasil ao destacar a importância das regiões periféricas no desenvolvimento cultural nacional. Enquanto a historiografia tradicional tende a focalizar as dinâmicas culturais dos grandes centros urbanos, esta pesquisa evidencia que cidades menores, como Oliveira, também foram palco de significativas transformações culturais. Assim como outras cidades de Minas Gerais, Oliveira e suas adjacências vivenciaram processos de modernização impulsionados pela expansão ferroviária, crescimento econômico e circulação de ideias e pessoas. Esses processos influenciaram diretamente as práticas culturais locais, fomentando demanda por novas formas de entretenimento e expressão artística.

A introdução de novas formas de entretenimento pelas companhias itinerantes, incluindo espetáculos tradicionais e inovações estéticas e tecnológicas, foi essencial para a consolidação de um mercado de diversões diversificado e dinâmico. Esse mercado ampliou as opções de lazer e desempenhou papel fundamental na construção de identidades culturais locais, que articulavam tradições regionais com tendências modernizadoras.

Além de resgatar a história desse circuito de apresentações, este estudo recupera a trajetória de artistas e grupos muitas vezes esquecidos, documentando as atividades dessas companhias itinerantes e enriquecendo o conhecimento histórico sobre o período. Ao preservar a memória cultural regional, o trabalho oferece um acervo valioso para futuras pesquisas e esclarece o papel dessas companhias no cenário artístico brasileiro. Mapeando artistas e identificando conexões entre localidades, a pesquisa destaca a importância das redes culturais formadas no país e a influência mútua entre centros urbanos e regiões periféricas, iluminando aspectos negligenciados da história cultural brasileira e reforçando a necessidade de considerar múltiplas perspectivas geográficas e sociais na análise das dinâmicas culturais.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C. **O Império do divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830-1900. Orientador: Robert Slenes. 1996. 507 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

AMARAL, D. V. O. **Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1925**. Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias. 2020. 208 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

AMARAL, D. V. O; DIAS, C. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. **Revista Locus**, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019.

AMARAL, D. V. O; DIAS, C. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237-261, jul./dez. 2017.

AMARAL, D. V. O; SANTANA, N. F; XAVIER, R. D. “Touradas assim, sim!”: espetáculos de touros no oeste de Minas Gerais no final do século XIX. **Caminhos da História**, Montes Claros, v. 28, n. 2, p. 223–242, jul./dez. 2023.

ARAÚJO, V. P. **A bela época do cinema brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ARRUDA, G. **Cidades e sertões**: entre a história e a memória. Bauru: EDUSC, 2000.

BARBUY, H. **A cidade-exposição**: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914. São Paulo: Edusp, 2006.

BARRO, M. **A primeira sessão de cinema em São Paulo**. São Paulo: Tanz do Brasil, 1996.

BECKER, H. Mundos artísticos e tipos sociais. In: VELHO, Gilberto (org.). **Arte e sociedade**: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 9-22

BESSA, V. A. **A cena musical paulistana**: teatro musicado e canção popular na cidade de São Paulo (1914-1934). Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH-USP, 2012.

BIBBÓ, C. B. **Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

BLASENHEIM, Peter. As Ferrovias de Minas Gerais no século dezenove. **Lócus: Revista de História**, Juiz de Fora, vol 2, n° 2, 200.

CALDEIRA, J. **História da riqueza no Brasil**: cinco séculos de pessoas, costumes e governos. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

CAPELATO, M. H. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.

CHAVES, C. **Perfeitos negociantes**: mercadores das minas setecentistas. São Paulo: Annablume, 1999.

CHETTINI, C. **Clichês baratos**: sexo e humor na imprensa ilustrada carioca do início do século XX. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

CUNHA, M. R. J. **Corografia Histórica da Província de Minas Gerais [1837]**. 2 v. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1979.

DIAS, C. Mercantilização do lazer no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 364-403, 2018.

DIAS, C. Teorias do lazer e modernidade: problemas e definições. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, jun. 2009.

DIAS, C; COTES, M. Esportes, lazer e desenvolvimento econômico em Ilhéus (c. 1890-1930). *In*: **Revista Brasileira de História**, v. 42, p. 359-384, 2022.

DIAS, C; ROSA, M. C. (Org.). **Esportes nos sertões das Gerais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2020.

DOSSE, F. A. **História em migalhas**: dos Annales à Nova História. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1992.

EDIMAR, R. A. **O Mercado das diversões no distrito de Carmo da Mata, Minas Gerais (1888-1920)**. Ponta Grossa: Atena, 2024. Disponível em: https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/o-mercado-de-diversoes-no-distrito-de-carmo-da-mata-minas-gerais-1888-1920.Acesso em: 22 out. 2024. Formato: PDF.

FIGES, O. **Os europeus**: o século XIX e o surgimento de uma cultura cosmopolita. Rio de Janeiro: Record, 2022.

GALVÃO, M. R. **Crônica do cinema paulistano**. São Paulo: Ática, 1975.

GOMES, T. M. **Um espelho no palco**: Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2004.

GOULART, J. A. **Tropas e tropeiros na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

GRAÇA. F. A. A. **Os convênios da carestia**: crises, organização e investimentos do comércio de subsistência da corte (1850-1880). (Dissertação de Mestrado) - Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

GUERRA, A. **Pequena história de teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei 1717 a 1967**. Juiz de Fora: Esdeva, 1967.

HORTA, R. D**. Noites circenses**: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

LENHARO, A. **As Tropas da Moderação**. São Paulo: Símbolo, 1979.

LIMA, P. L. O. **Ferrovia, Sociedade e Cultura, 1850 – 1930**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

LUCA, T. R. "História dos, nós e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-153

MAGNANI, J. G. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: UNESP, [1984] 2003.

MAIA, A. C. N. **Encontros e despedidas**: História de ferrovias e ferroviários de Minas. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

MARZANO, A. **Cidade em cena**: o ator Vasques, o teatro e o Rio de Janeiro, 1839-1892. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

MORAES, J. G. V. **Cidade e cultura na Primeira República**. São Paulo: Atual, 2001.

MORAES, J. L. **Sociedades culturais, sociedades anônimas**: distinção e massificação na economia da cultura brasileira (Rio de Janeiro e São Paulo, 1890 1922). Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2014.

MORAES, J.A. **Apontamentos de Viagem (de São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins, e do Pará à Corte**. Considerações administrativas e políticas) [1883]. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

NAKAYAMA, M. F. B. **Divertimentos e tempo livre**: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900-1924). Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NOGUEIRA JÚNIOR, J. M. **Uma história dos divertimentos do sul mineiro**: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, R. C. S. **O teatro e algumas diversões em Diamantina**: uma história registrada pela imprensa (1888-1915). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PAIVA, C. A.; GODOY, M. M. Território de contrastes: economia e sociedade das Minas Gerais do século XIX. In: SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, 10, 2002, Diamantina. **Anais** [...] Belo Horizonte: UFMG/ CEDEPLAR, 2002.

PETER, B. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SADI, R. S; ADÃO, K. S. (Orgs.). **Lazer em São João del-Rei**: aspectos históricos, conceituais e políticos. São João del-Rei: UFSJ, 2011.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SANTOS, W. L. A. **Estrada de Ferro Oeste de Minas**: São João del-Rei (1877-1898). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.

SCHWARCZ, L. M. **As barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, E. **Respeitável público... O circo em cena**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009.

SILVA, I. M**. Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SOUZA, J. I. M. **Imagens do passado**: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema. São Paulo: SENAC, 2004.

SUMMERHILL, W. R. **Trilhos do desenvolvimento**: as ferrovias no crescimento da economia brasileira (1854-1913). São Paulo: Alfaiatar, 2018.

TRUSZ, A.D. **Entre lanternas mágicas e cinematógrafos**: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre 1861-1908. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

VAZ, M J. **Estrada de Ferro Oeste de Minas**: trabalho histórico-descriptivo, 1880-1922. São João del-Rei: EFOM, 1922.

VILLELA, A. V. & SUZIGAN, W. **Política do governo e crescimento da economia brasileira: 1889-1945**. 3.ed. Brasília: IPEA, 2001, cap. 3, p. 93-131.

WIRTH, J. D. **O fiel da balança**: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

XAVIER, R. D. **Respeitável público**: itinerários, espetáculos e estratégias comerciais dos circos na cidade de Oliveira, Minas Gerais (1888-1920*)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

XAVIER, R. D; AMARAL, D. V. O; DIAS, C. Repertórios circenses e ferrovias: um estudo sobre o Oeste de Minas Gerais, c. 1890-1920. **Revista Repertório**, v. 1, n. 37, 2021.

XAVIER, R. D; AMARAL, D. V.O; DIAS, C. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. **Revista de História Regional**, v. 24, n. 1, p. 135-159, jan./jun. 2019.

FONTES

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 22 mar. 1890, p. 2.

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 28 abr. 1890, p. 2.

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 7 mai. 1890, p. 2.

ASTRO DE MINAS, São João del-Rei, 19 jun. 1834, p. 4.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Volume 4. **Recenseamento do Brasil de 1920**. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística.

CIDADE DE ITU, Itu, 5 mai. 1895, p. 3.

COMÉRCIO DE PORTUGAL, Lisboa, 24 jan. 1889, p. 2.

COMÉRCIO DE SÃO PAULO, São Paulo, 14 nov. 1895, p. 1.

CORREIO DA MANHÃ, Coimbra,18 abr. 1889, p. 2.

CORREIO DE MINAS, Juiz de Fora, 7 jan. 1897, p. 4.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 17 fev. 1895, p. 2.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 6 nov. 1890, p. 2.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 8 dez. 1891, p. 2.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo,19 jul. 1891, p.1.

DEMOCRATA FEDERAL, Rio de Janeiro, 11 jun. 1895, p. 2.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 12 ago. 1889, p.1.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de aneiro, 19 ago. 1892, P. 1.

GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, 5 jul. 1889, p. 2.

GAZETA DE MINAS, 2 de dezembro de 1900, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 ago. 1920, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 dez. 1907, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 jan. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 jul. 1906, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 jul. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 jun. 1902, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 out. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 10 dez. 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 10 dez. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 10 jun. 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 10 jun. 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 10 jun. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 10 mai. 1903, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 10 set. 1899, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 ago. 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 ago. 1918, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 jan. 1903, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 jul. 1920, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 mar. 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 ago. 1900, p. 4.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 dez. 1915, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 dez. 1920, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 dez. 1920, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 fev. 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 jan. 1919, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 mar. 1905, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 set. 1915, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 abr. 1902, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 dez. 1903, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 jan. 1901, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 jun. 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 mai. 1900, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 mar. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 nov. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 set. 1914, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 ago. 1904, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 dez. 1919, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 nov. 1920, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 out. 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 ago. 1920, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 jul. 1900, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 out. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 abr. 1905, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 fev. 1913, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 fev. 1919, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 jun. 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 maio. 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 set. 1891, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 set. 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 17 ago. 1902, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 17 dez. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 17 jun. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 jul. 1920, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 mar. 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 out. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 abr. 1903, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 ago. 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 ago. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 dez. 1908, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 dez. 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 jan. 1919, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 mar. 1905, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 mar. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 out. 1913, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 out. 1919, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 out. 1919, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 2 abr. 1905, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 2 jun. 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 2 mar. 1913, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 ago. 1899, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 ago. 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 maio 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 maio. 1906, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 mar. 1904, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 mar. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 nov. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 set. 1914, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 abr. 1907, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 ago. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 dez. 1919, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 jan. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 nov. 1915, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 out. 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 ago. 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 dez. 1907, p. 1e 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 jul. 1900, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 mar. 1914, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 nov. 1903, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 out. 1916, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 set. 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 ago. 1903, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 dez. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 fev. 1919, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 jul. 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 jun. 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 mar. 1913, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 nov. 1913, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 24 dez. 1911, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 24 jun. 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 24 jun. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 24 mai. 1903, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 24 out. 1915, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 abr. 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 fev. 1912, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 jan. 1903, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 jan. 1920, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 out. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 26 abr. 1903, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 26 ago. 1900, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 26 fev. 1905, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 26 jan. 1902, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 26 out. 1913, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 26 out. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 abr. 1902, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 ago. 1899, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 fev. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 jun. 1920, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 maio 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 mar. 1904, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 nov. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 28 abr. 1907, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 28 abr. 1917, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 28 jul. 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 28 jul. 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 28 out. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 28 set. 1913, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 28 set. 1919, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 29 ago. 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 29 ago. 1920, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 29 jul. 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 29 jul. 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 29 out. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 dez. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 jun. 1900, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 jun. 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 jun. 1917, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 mai. 1903, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 out. 1915, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 30 ago. 1903, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 30 out. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 31 ago. 1902, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 31 dez. 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 31 dez. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 31 jul. 1904, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 4 ago. 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 4 ago. 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 4 jun. 1899, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 4 nov. 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 ago. 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 ago. 1900, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 ago. 1917, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 dez. 1897, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 jul. 1914, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 jun. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 mai. 1907, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 nov. 1911, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 nov. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 nov. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 abr. 1919, p. 4.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 ago. 1899, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 maio. 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 nov. 1904, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 nov. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 out. 1907, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 out. 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 set. 1903, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 ago. 1904, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 dez. 1913, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 dez. 1919, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 mai. 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 nov. 1915, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 abr. 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 ago. 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 fev. 1914, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 jul. 1906, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 mar. 1914, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 out. 1905, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 out. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 abr. 1899, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 jan. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 mar. 1902, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 mar. 1913, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 nov. 1913, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 out. 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 set. 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira,17 dez. 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira,19 dez. 1909, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 1 jul. 1888, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 1 jul. 1888, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 abr. 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 abr. 1898, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 jul. 1888, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 jul. 1892, p.1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 jun. 1888, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 jun. 1888, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 jun. 1888, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 out. 1897, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 11 ago. 1912, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 11 set. 1892, p. 2 e 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 11 set. 1892, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 12 abr. 1896, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 12 abr. 1903, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 12 dez. 1897, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 12 jun. 1892, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 12 jun. 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 12 nov. 1893, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 13 jan. 1895, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 13 maio. 1894, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 13 mar. 1892, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 13 mar. 1898, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 13 set. 1896, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 14 dez. 1890, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 14 jan. 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 14 jan. 1894, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 15 abr. 1894, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 15 abr. 1894, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 15 jan. 1888, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 15 jul. 1888, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 15 set. 1889, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 16 dez. 1887, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 16 dez. 1894, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 16 fev. 1890, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 16 jun. 1895, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 17 abr. 1892, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 17 jul. 1892, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 19 dez. 1897, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 19 jul. 1891, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 20 jan. 1895, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 20 mar. 1898, p. 2 e 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 20 nov. 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 21 abr. 1895, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 21 ago. 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 21 dez. 1890, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 21 jun. 1896, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 21 mai. 1896, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 22 abr.1894, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 22 ago. 1897, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 22 nov. 1892, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 22 set. 1889, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 23 ago. 1896, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 23 ago. 1896, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 24 abr. 1892, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 24 jul. 1892, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 24 jun. 1888, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 26 set. 1897, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 27 abr. 1895, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 27 jan. 1895, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 27 maio. 1894, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 27 mar. 1898, p. 1 e 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 27 nov. 1892, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 27 nov. 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 27 out. 1889, p. 3 e 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 28 ago. 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 28 jan. 1894, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 28 jun. 1896, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 29 mai. 1892, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 29 set. 1889, p. 2

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 3 abr. 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 3 jun. 1900, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 30 dez. 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 30 jun. 1895, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 31 mar. 1889, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 31 out. 1897, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 4 jul. 1897, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 4 out. 1896, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 4 set. 1892, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 5 mai. 1895, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 6 jan. 1895, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 6 nov. 1898, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 7 jan. 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 8 abr. 1894, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 8 jul. 1888, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 8 maio. 1892, p. 2.

JORNAL CIDADE DO RIO, Rio de Janeiro, 26 set. 1889, p. 3.

MINAS GERAIS, Ouro Preto, 11 jul.1897, p. 2.

MINAS GERAIS, Ouro Preto, 29 set. 1897, p. 5.

MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. **Anuário estatístico**: ano I (1921), v. I, II, III, IV, V, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

MINAS GERAIS. Secretaria das Finanças. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Raul Soares de Moura**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923.

MINAS GERAIS. **Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Tipografia do Serviço de Estatística, 1913.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920**. Volume IV. Rio de Janeiro: Tip. da Estatística, 1926.

O ARAUTO DE MINAS, São João del-Rei, 30 nov. 1880, p. 3.

O COMÉRCIO, São Paulo, 15 mar. 1893, p. 2.

O COMÉRCIO, São Paulo, 22 jun. 1893, p. 3.

O DEMOCRATA, Belém,17 jan. 1890, p. 2.

O ESTADO DE MINAS, Ouro Preto, 6 nov. 1897, p. 3.

O LYNCE, Rio de Janeiro, 11 jun. 1896, p. 2.

O PHAROL, Juiz de Fora, 20 jun. 1892, p.1.

O PHAROL, Juiz de Fora, 21 jul. 1892, p.1.

O TEMPO, Rio de Janeiro, 23 out. 1893, p. 3.

OPINIÃO NACIONAL, São Paulo, 14 fev. 1893, p. 1.